

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**“MAMMA MIA”: A COMPREENSÃO DO SABER  
FAZER COTIDIANO E A RESSIGNIFICAÇÃO DOS  
PAPÉIS ENTRE MULHERES CAMPONESAS**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Fernanda Simonetti**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2011**

**“MAMMA MIA”: A COMPREENSÃO DO SABER FAZER  
COTIDIANO E A RESSIGNIFICAÇÃO DOS PAPÉIS  
ENTRE MULHERES CAMPONESAS**

**por**

**Fernanda Simonetti**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do  
Programa de  
Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração  
em Antropologia, da Universidade Federal de Santa Maria  
(UFSM, RS), como requisito para obtenção do grau de  
**Mestre em Ciências Sociais**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Maria Catarina Chitolina Zanini**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2011**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**“MAMMA MIA”: A COMPREENSÃO DO SABER FAZER  
COTIDIANO E A RESSIGNIFICAÇÃO DOS PAPÉIS ENTRE  
MULHERES CAMPONESAS**

elaborada por:  
**Fernanda Simonetti**

Como requisito para obtenção do grau de  
**Mestre em Ciências Sociais**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

**Maria Catarina Chitolina Zanini, Dr<sup>a</sup> (UFSM)  
(Orientadora)**

**Joel Orlando Bevilaqua Marin, Dr<sup>o</sup> (UFSM)**

**Renata Menasche, Dr<sup>a</sup> (UFPEL)**

Santa Maria, 14 de março de 2011.

## **Agradecimentos:**

À minha mãe, Cleci, pelo incentivo e apoio incondicional.

Ao meu pai Renato (*in memoriam*).

À professora Maria Catarina, pela dedicação e atenção durante a elaboração do trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação da UFSM, pela oportunidade de aprender e compartilhar conhecimentos.

Aos professores: Catarina, André, Ceres, João Vicente, Zulmira, Reginaldo, Gustavo, Fátima, pelos ensinamentos prestados.

Aos colegas do curso e aos amigos pelo apoio, em especial à Larissa, Renato, Guilherme, Maíra e Flávia, pelas longas horas de conversa e reflexão.

À Jane pela disponibilidade de sempre nos auxiliar.

Aos professores João Carlos Tedesco, Renata Menasche e Joel Marin, pela disponibilidade.

À Dete, pela ajuda sempre solicitada nas idas a campo em Novo Treviso.

Aos responsáveis da Secretaria de Turismo e Cultura, Secretaria da Agricultura e da EMATER de Faxinal do Soturno, por fornecerem informações relevantes ao trabalho.

E em especial a todas camponesas que com gentileza contribuíram com a pesquisa.

Enfim, a todos que de forma direta ou indireta auxiliaram na elaboração do trabalho.

## **RESUMO**

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
Universidade Federal de Santa Maria

### **“MAMMA MIA”: A COMPREENSÃO DO SABER FAZER COTIDIANO E A RESSIGNIFICAÇÃO DOS PAPÉIS ENTRE MULHERES CAMPONESAS**

AUTORA: FERNANDA SIMONETTI  
ORIENTADORA: MARIA CATARINA CHITOLINA ZANINI  
Data e local da defesa: Santa Maria, 14 de março de 2011

Esta dissertação é resultado de pesquisa etnográfica realizada entre mulheres camponesas do município de Faxinal do Soturno, pertencente à Quarta Colônia (de Imigração Italiana), no estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de mulheres camponesas descendentes de imigrantes italianos residentes em duas comunidades da zona rural. Por meio de pesquisa etnográfica, observou-se a educação formal (e a escolarização), as mudanças geracionais e na família patriarcal; e a influência das tecnologias tem transformado a vida destas trabalhadoras. Entre tais transformações, pode-se citar, que a mulher no interior dessa família ainda marcadamente patrilinear tem sofrido algumas alterações com o decorrer dos anos tais como: trabalhar além casa, ter acesso ao dinheiro (e ao consumo), uma maior liberdade dentro das comunidades. Quanto à inserção das tecnologias em suas vidas, é vista de maneira positiva, pois auxiliam nos afazeres cotidianos. Em suma, por meio deste estudo, constatou-se que através da observação e relatos das camponesas houve uma considerável mudança em suas vidas nas últimas décadas. Isso pode ser constatado tanto nas relações familiares, como no acesso ao dinheiro e à aposentadoria, bem como na crescente valorização e incentivo de estudo aos filhos.

**Palavras chaves:** mulheres; imigração italiana; campesinato.

## **ABSTRACT**

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
Universidade Federal de Santa Maria

# **“MAMMA MIA”: A COMPREENSÃO DO SABER FAZER COTIDIANO E A RESSIGNIFICAÇÃO DOS PAPÉIS ENTRE MULHERES CAMPONESAS**

AUTORA: FERNANDA SIMONETTI  
ORIENTADORA: MARIA CATARINA CHITOLINA ZANINI  
Data e local da defesa: Santa Maria, 14 de março de 2011

This text is the result of an ethnographic study about peasant women in the city of Faxinal Soturno, which belongs to the region called *Quarta Colônia* (“Fourth Colony” of Italian Immigration), in the central region of Rio Grande do Sul. Those peasant women are descendants of Italian immigrants who now live in two rural communities. Through ethnographic research, it was observed an understanding of know-how, formal education (and schooling), the changes in generations and in the patriarchal family, and how the influence of technology has been transforming these workers’ lives. Among these changes, it may be mentioned that the role of the woman inside these still markedly patrilineal families has undergone some changes over the years, such as: working besides home, having access to money (and consumerism) and a greater freedom in the communities, and leisure possibilities. As to the insertion of technology in their lives, it is viewed in a positive way since it helps them in everyday chores. In short, with this study, it can be stated that through observation and the peasants’ reports there was a considerable change in their lives in recent decades. This can either be observed in family relationships, as in the access to money and retirement, as well as in the growing appreciation and encouragement for their children’s studies.

**Keywords:** women, Italian Immigration, peasant

## **LISTA DE SIGLAS**

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FEE – Fundação de economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul

CPG – Centro de Pesquisas Genealógicas

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário

PRONAF – Programa Nacional de fortalecimento da agricultura familiar

CONDESUS – Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>CAPÍTULO I – ETNOGRAFIA ENTRE E COM MULHERES CAMPONESAS: o espaço e o tempo da pesquisa</b> .....	16
1.1 - Relato sobre o município de Faxinal do Soturno .....	17
1.2 - Faxinal e seus primórdios .....	18
1.3 - Dados gerais do município de Faxinal do Soturno: .....	20
1.4 - Histórico e relatos sobre as comunidades de Sítio Alto e Novo Treviso .....	30
1.5 - Encontro etnográfico .....	40
<b>CAPÍTULO II – IMIGRAÇÃO ITALIANA, SEUS MOTIVOS E HERANÇAS</b> .....	47
2.1 - A decisão de ir em busca da nova terra .....	51
2.2 - A importância da religião .....	55
<b>CAPÍTULO III – SOBRE A QUESTÃO CAMPONESA E OS COLONOS ITALIANOS NO RIO GRANDE DO SUL</b> .....	60
3.1 - Sobre a colonização italiana e suas características .....	63
3.2 - Mulher camponesa e “de família” e o papel de jovens e crianças nas comunidades através dos “servicinhos” .....	68
3.2.1 - O casamento na zona rural: por amor ou por interesse? .....	68
3.2.2 - Jovens em busca de estudo na cidade ou permanecendo no campo? .....	74
3.2.3 - Como se processa a sucessão das terras .....	84
<b>CAPÍTULO IV – A CONSTRUÇÃO DO FEMININO ENTRE AS MULHERES CAMPONESAS DA QUARTA COLÔNIA/RS</b> .....	90
4.1 - A condição social da diferença e o trabalho como símbolo de vida .....	90
4.2 - O acesso a aposentadoria, Pronaf e ao dinheiro .....	103
4.2.1 - Acesso à aposentadoria .....	103
4.2.2 Racionalizando gastos .....	108
4.2.3 Sobre o PRONAF .....	111
4.3 Sobre a cozinha e a culinária .....	114
4.4 – O lazer das camponesas e as suas “saidinhas” .....	121
4.5 Sexualidade e tabus .....	128
4.6 - Tecnologias e suas influências .....	133
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS:</b> .....	143
<b>Referências bibliográficas:</b> .....	148



## INTRODUÇÃO

No ano de 2004, tendo como objetivo elaborar o trabalho de conclusão da graduação em ciências sociais<sup>1</sup> decidi fazer uma análise do cotidiano de mulheres residentes na comunidade do Sítio Alto no município de Faxinal do Soturno. Por meio do método etnográfico, pude então vivenciar a rotina, conviver, trocar experiências com aquelas mulheres. Nas diversas idas a campo, ia descortinando relatos que por vezes me deixava surpreendida, mas depois de refletir via o quanto estava sendo privilegiada pela confiança que a mim estava sendo depositada enquanto pesquisadora.

Minha família é descendente de italianos que se fixaram na Quarta Colônia<sup>2</sup>. Nasci e ainda resido no município de Faxinal do Soturno, lugar pacato com economia baseada na agricultura. Tenho sempre a impressão de que nesse lugar o tempo parece passar pacientemente junto ao canto dos pássaros. No centro da cidade, há uma praça principal juntamente com a igreja matriz. Como em várias cidades do interior brasileiro, o comércio e as principais ruas giram em torno dessa praça central.

Tenho uma forte ligação com a comunidade de Sítio Alto em Faxinal do Soturno, na qual passei parte dos finais de semana de minha infância. Lá havia tudo que uma criança queria: muito espaço para brincar, vários animais, árvores frutíferas, alguns primos e primas que faziam companhia e sempre muitos pratos de comida feitos pela minha “nonna”<sup>3</sup>, “dona Elena”, ou melhor, Elena Donato Maziero. Ela teve onze filhos e uma vida com meu avô João Maziero, como a maioria das descendentes de italianos, repleta de muito trabalho, abnegações e devoção à família. “Antigamente” as mulheres tinham vários filhos, visto que havia a necessidade de ter mão de obra para trabalhar na lavoura. Assim, não era muito comum a essas crianças e adolescentes frequentarem a escola, principalmente se fosse do sexo feminino. A importância da educação formal

---

<sup>1</sup> Graduação realizada no curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Maria entre os anos – 2001 e 2004.

<sup>2</sup> Em 1876 foi criado o Núcleo Colonial de Santa Maria da Boca do Monte, sendo os imigrantes russo-alemães (poloneses) os primeiros a chegar à região em 1877. Em dezembro de 1877, pouco antes da chegada dos imigrantes italianos, o lugar passou a ser denominado de Quarto Núcleo Imperial de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul e, em 21 de setembro de 1878, teve seu nome alterado para “Colônia de Silveira Martins”, em homenagem ao Senador Gaspar Silveira Martins. Posteriormente, em 1882, deixou de ser colônia imperial e passou a ser administrada pela Província, e novamente teve sua nomenclatura modificada, agora para ex Colônia de Silveira Martins (Sponchiado, 1996, p. 54-8)

<sup>3</sup> “nonna” é uma denominação usada entre os italianos para denominar a avó e “nonno” é a denominação de avô.

será abordada ainda neste trabalho, pois hoje é comum os pais desejarem que seus filhos estudem, independente do sexo, situação que não ocorria há décadas atrás.

Recordo que nos dias frios, minha avó colocava seu xale preto e todos íamos ao redor do fogão à lenha ouvir suas histórias. As palavras iam prendendo nossa atenção e todos se entregavam ao seu afago maternal. Entre os descendentes de italianos, o papel da mulher é sempre de grande responsabilidade, seja como “nonna” seja como “mamma”. Talvez isso se origine pelo fato dessa mulher ser atuante no lar e sempre muito solícita às necessidades de sua família. A mulher se transformou na grande educadora anônima da colônia (Simonetti, 2004). Minha “nonna” contava suas histórias e algumas se referiam a vinda, ou melhor, a travessia dos imigrantes italianos até o Brasil. Assim, ela contava a bravura daqueles homens e mulheres recém chegados numa terra até então desconhecida. Dessa forma, há a construção de mitos (Durand, 2002), heróis que, com muito trabalho, desbravaram as terras e conseguiram progredir.

Certamente minha avó não frequentou bancos acadêmicos para contar suas histórias, mas aprendeu ouvindo de seus pais, parentes e conhecidos e com muito conhecimento adquirido nos remetia às histórias dos “antigos”<sup>4</sup> com muita legitimidade. Na maioria das vezes recordava a travessia e as dificuldades em construir e conquistar uma nova vida no Brasil. Gostaria de destacar que, mesmo de forma inconsciente, a “dona Elena” estava dando voz a uma memória coletiva muito difundida pelos descendentes de italianos. Recordações essas que povoam até os dias atuais o cotidiano dos descendentes de imigrantes e que são passadas de geração para geração. As estruturas de significado presentes nas memórias adentram o mundo sensível e imaginário dos descendentes. A memória coletiva ganha significado pelos objetos simbólicos que norteiam o relacionamento entre as pessoas e a identidade que se constrói por meio dela. Um dos aspectos importantes da memória coletiva é a intenção de sustentar um conhecimento, um interesse coletivo, ou seja, a coesão do grupo e sua identidade. Essa memória étnica então cria essa identidade coletiva na qual os indivíduos se sentem pertencentes a um grupo (Barth, 2000).

Para Halbwachs (1990), a memória coletiva propriamente dita é o trabalho que um determinado grupo social realiza sobre si mesmo, articulando e localizando as

---

<sup>4</sup> Compreendo os “antigos” como sendo pais, avós, bisavós desses descendentes, enfim pessoas que viveram por volta do final no século XIX e primeiras décadas do século XX. Não há uma mensuração acerca dos antigos, esta é variável conforme a narrativa elaborada acerca da italianidade.

lembranças que possuem em comum no presente sobre o passado. O resultado deste trabalho é uma espécie de acervo de lembranças compartilhadas que formará o conteúdo narrativo da memória coletiva. A memória é socialmente elaborada e compartilhada, assim não existe memória totalmente individual. Existe então uma consciência coletiva do grupo sendo compartilhada. O que se pode salientar é que a memória passa a ser consonante entre os indivíduos e não dissonantes, visto que o grupo precisa de uma mesma narrativa para criar sua identidade. O grupo irá compartilhar memórias de forma consciente, mas apenas será selecionado o que for relevante para aquelas pessoas de acordo com suas estruturas de significado.

Na memória coletiva, o passado é permanentemente reconstruído pelos valores e sentidos socialmente relevantes no presente. Neste sentido, a memória coletiva pode ser entendida como uma forma de história que vive e adquire força e legitimidade partindo das estruturas de significação do presente. Esta memória então sobrevive através de outro dispositivo que se denomina tradição, e, especialmente, tradição compartilhada. A memória coletiva tem uma forte tendência a transformar os fatos do passado em imagens e ideias sem rupturas, ou seja, tende a estabelecer uma continuidade entre o que é passado e o que é presente.

A memória coletiva, para Halbwachs (1990), desempenha um papel fundamental nos processos sócio-históricos. Por um lado, dando vitalidade aos objetos culturais, sublinhando momentos históricos significativos. Preservar o valor do passado, para os grupos sociais, é preservar objetos culturais que atravessam o tempo criando assim a sua identidade. As memórias são sempre uma dialética entre indivíduo e sociedade, pois, embora quem lembre seja o indivíduo, este o faz partindo de estruturas de significado existentes coletivamente.

Na Quarta Colônia, isso se observa na oralidade, contada em histórias em que são criados mitos, lendas importantes para a perpetuação da cultura. Muito se fala da travessia, do descendente dedicado ao trabalho, à família e à religiosidade. Essas características ainda são fortemente vistas nas localidades e, sobretudo, nota-se o orgulho das conquistas que começaram há décadas atrás. Isso é fundamental para a construção e manutenção da identidade desse grupo.

Segundo Barth (2000), identifico os descendentes de imigrantes italianos da zona rural como um grupo étnico na medida em que são grupos como uma forma de organização social e compartilham de sinais diacríticos comuns. As identidades étnicas

se estabelecem em processos situacionais nas interações sociais e o fazem por meio da construção das fronteiras interétnicas, utilizando os sinais diacríticos que estabelecem as formas de reconhecimento pelo outro e de se auto conhecer. A identidade étnica de italianos é acionada em referência contrastiva aos outros grupos, no caso da pesquisa em questão, os outros grupos são os vizinhos alemães de Agudo, os afro-descendentes e os denominados “brasileiros”<sup>5</sup>.

Os limites de um grupo étnico, os valores internos e sua interação com os outros grupos como forma de afirmar as diferenças não depende unicamente de elementos culturais visíveis e materiais. Os grupos étnicos são vistos como um tipo organizacional. Na interação social, usam identidades étnicas para se categorizarem e categorizarem os outros, passando a se constituir como grupos étnicos. As características a serem efetivamente levadas em conta não correspondem ao somatório das diferenças “objetivas”.

Seyferth (2009) afirma que as identidades étnicas representam diferenças culturais, mas só têm sentido, ou seja, só têm alguma funcionalidade social caso forem confrontadas com o “outro”. Essa identidade seria a reunião de vários itens, tais como: o uso da língua materna, hábitos alimentares, formas de organização social, associações recreativas, dentre outros. Tudo isso contribuiria para a coesão do grupo e para a elaboração da identidade com termos como: italianidade e germanidade. A autora ainda cita como exemplo o “dia do colono”, que foi criado devido a reivindicações remetendo ao trabalho e ao desbravamento dos imigrantes. Essa data é 25 de julho, dia em que foi fundada a primeira colônia alemã em São Leopoldo.

Para Weber (1991), a origem em comum é oriunda da crença numa origem comum e numa suposta “honra étnica” de compartilhamento. Dessa forma, em sua reflexão é agregada a consciência étnica à experiência da migração, o que assinala o sentimento de pertencimento a uma coletividade.

No meu trabalho de campo, em 2004, para a pesquisa da monografia de conclusão do curso em ciências sociais, minha inserção em campo foi bem tranquila, pois as pessoas me conheciam e tinham certa confiança na minha pessoa, uma vez que elas “me viram crescer”. Um fato que interferiu na minha inserção foi a minha

---

<sup>5</sup> A Quarta Colônia de Imigração Italiana era composta por sete municípios, mas hoje conta com nove cidades. Dessa forma, Agudo e Restinga Seca, por se identificarem respectivamente pela colonização alemã e portuguesa, deram forma a esse novo território.

dificuldade de estranhar o conhecido, tornar o familiar em “exótico” (vide Da Matta, 1987). Na presente pesquisa, pretendo dar continuidade ao que foi pesquisado no então ano de 2004. Na monografia foram focados pontos como: as mudanças entre gerações, como o papel da mulher mudou ao longo dos anos, a educação, a influência da tecnologia. Essas mesmas questões serão abordadas nos capítulos seguintes, com uma maior relevância e leitura do campesinato em si.

A respeito do estranhar o objeto que vai ser estudado, cito Wedig (2009), a qual teve algumas dificuldades frente ao seu campo no Vale do Taquari, pois a pesquisadora era também de origem germânica e criada na *roça*, espaço esse do seu trabalho. Uma interessante característica passa a ser a familiaridade com alguns aspectos e costumes que já formariam ideias pré-concebidas. Como observei acima, no ano de 2004 minhas dificuldades foram maiores, mas neste presente trabalho, com um pouco mais de experiência, consegui fazer essa análise com mais tranquilidade e distanciamento. Como resido na zona urbana e o campo da pesquisa foi na zona rural, essa breve distância me ajudou no processo de compreensão de vários fatores, pois durante a semana ou pós-campo conseguia pensar, refletir “longe” das pessoas que estava pesquisando.

Para Seyferth (1999), pelo próprio fluxo migratório e pela demanda de terras para as próximas gerações, a base fundiária do campesinato se baseou na pequena propriedade familiar e policultora. E a identidade desse colono foi construída a partir de um *ethos* camponês independente de nacionalidade. Esse modelo de colonização se deu através do lote, ou seja, a colônia, como é conhecida também.

Uma questão que me chamou atenção na época da pesquisa da monografia foi o fato de que aquelas mulheres não queriam que seus filhos permanecessem na zona rural, e isso é uma constatação que pode ser feita também quando são visitadas as comunidades rurais da Quarta Colônia, ou seja, a migração (da zona rural para a zona urbana) dos filhos desses colonos pode ser uma causa do envelhecimento dessa população rural. Esse abandono pode, em parte, ser explicado pelas dificuldades que o campo apresenta, mas é uma discussão que elenca uma variedade de possibilidades. Hoje em dia é muito comum chegar em alguma propriedade e se deparar com um casal idoso aposentado tendo filhos que moram na zona urbana.

Para K. Woortmann (1990), o campesinato é como um modo de vida, e esta concepção foi uma das ideias norteadores fundamentais desta pesquisa. No transcorrer das páginas, o que será percebido são falas muito ricas, nas quais cada uma tem seu

sentido, significado a ser compreendido. Nenhuma família é igual, pode sim ter algumas características semelhantes, no entanto, cada uma tem suas peculiaridades. É nesse cruzar de informações que vão sendo tecidas algumas ressignificações com o passar dos anos, bem como o sentido que as ressignificações tem para cada agente.

Woortmann E. e Woortmann K. (1997) se referem a esse modo de viver camponês como consequência de seu *Know-how*, ou seja, de seu saber-fazer, a lógica passada entre gerações e que são transmitidas e retransmitidas pelos camponeses. O que ainda os autores salientam é que esses valores não são imutáveis, ou seja, estão sempre em constante processo de atualização. Essa observação se torna pertinente e acredito que será exposta neste trabalho com alguns relatos sobre as formas de se fazer, como era anteriormente e como essas se processam hoje.

Sabourin (2009) ressalta que, o final dos anos 1990 é marcado pela volta do vocábulo “camponês” nos movimentos de agricultores. A palavra tinha sido esquecida tanto pela universidade quanto pela ala dos partidos de esquerda, pois apostavam na extinção dos camponeses e no desenvolvimento da agricultura familiar moderna e integrada ao mercado. Esse suposto esquecimento do termo “camponês” tinha ocorrido por conta da repressão das ligas camponesas.

Como um dos aportes teóricos nesse trabalho, será usado Joan Scott (1996), no que se refere a gênero como categoria analítica. Essa historiadora compreende a categoria gênero dentro de uma perspectiva histórica. O que antes era caracterizado por diferenças biológicas passa a ser referenciado pelo caráter social, ou seja, como construções temporais e negociadas.

Para esta dissertação foram escolhidas duas localidades da zona rural de Faxinal do Soturno para atender aos objetivos da pesquisa. A comunidade do Sítio Alto foi pesquisada novamente, já que mantinha um vínculo com ela, e até mesmo para dar sequência ao trabalho da graduação. Porém, as mulheres que entrevistei não foram as mesmas. O objetivo foi efetuar um confronto entre gerações, ou seja, conversar com mulheres idosas, adultas e com jovens para avaliar as possíveis diferenças de gênero existentes e perceptíveis nestes universos. O Sítio Alto é uma comunidade com cerca de 85 famílias, sendo que a agricultura familiar é à base do sustento. O que chama atenção é o bom complexo formado pelo clube, pelo ginásio e pela igreja. Bens esses conservados por meio da colaboração e trabalho de todos.

A outra comunidade escolhida foi a de Novo Treviso, que possui cerca de 65 famílias. Confesso que a única vez que tinha visitado essa comunidade foi quando estava no Ensino Fundamental, quando era corriqueiro as professoras levarem os alunos para passearem lá, pois lá há o Museu Geringonça. A lembrança que tinha era muito positiva devido a uma praça bem equipada que havia para brincarmos e ao lanche delicioso o qual fizemos durante o passeio. Por isso que dessa “nova” comunidade a ser pesquisada as expectativas eram grandes, pois não conhecia os moradores como os do Sítio Alto. Através de uma amiga que é natural desse local, aproximei-me do grupo. Conversando com essa mesma amiga, um dia recebi a informação de que, em Novo Treviso, havia famílias com propriedades em outros municípios. Achei essa informação muito relevante, pois me suscitou alguns questionamentos de como as mulheres que ficavam na propriedade “se viravam” na ausência de seus maridos. No próximo capítulo, o espaço (geográfico e histórico-social) da pesquisa será melhor definido, contendo informações sobre a história de cada comunidade.

Esta dissertação foi estruturada em quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, fiz um apanhado metodológico, que é imprescindível para a realização da pesquisa. Nele foram apresentados o tempo e o espaço da pesquisa e minha utilização do método etnográfico. O objetivo, no segundo capítulo, foi explorado a historiografia da imigração italiana para o RS, analisando os motivos da imigração e apresentando algumas características daquelas populações migrantes. Já o capítulo III explorei a questão camponesa, tratando de assuntos sobre propriedade, trabalho, envelhecimento da zona rural. Por fim, no quarto capítulo, analisei as relações entre educação e as diferenças geracionais e como se caracteriza o papel da mulher dentro das famílias e da comunidade. Dando continuidade assim ao trabalho realizado em 2004, em que se pode perceber algumas mudanças do “antigamente” em relação ao “agora”.

A categoria de camponês compreende a unidade produtiva centrada no núcleo familiar, a qual, por um lado, dedica-se a uma produção agrícola e artesanal autônoma com o objetivo de satisfazer as necessidades familiares de subsistência, e, por outro, comercializa parte de sua produção para garantir recursos necessários à compra de produtos e serviços que não produz (Moura 1988, Seyferth 1990, Woortman, 1995). Nesse contexto, e aqui em especial, a mulher camponesa é aquela que, de uma ou de outra maneira, produz o alimento e garante também a subsistência

da família. É a pequena agricultora, a pescadora artesanal, a quebradeira de coco, as extrativistas, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, bóias-frias, diaristas, parceiras, sem terra, acampadas e assentadas, assalariadas, rurais e indígenas. A soma e a unificação destas experiências camponesas e a participação política da mulher legitima e confirma no Brasil o nome de Movimento de Mulheres Camponesas<sup>6</sup>.

Ressalto que para este trabalho utilizei K. Woortmann (1990), que aponta o campesinato como um modo de vida, uma ordem moral. É por meio dessa ordem moral que ocorre a organização, tanto nas comunidades quanto na família. Através do trabalho etnográfico e da observação serão apresentadas características desse modo de vida encontrada em meio a estas mulheres.

Essa dissertação tem como objetivo analisar o cotidiano das mulheres camponesas, bem como aspectos relevantes de suas vidas tais como: educação, a constituição da família patriarcal e suas possíveis mudanças, como o papel da mulher vem sendo transformado com o decorrer dos anos na comunidade, a questão da sucessão das terras, o lazer, a importância das tecnologias em suas vidas.

---

<sup>6</sup> Fonte: <http://www.mmcbrazil.com.br/menu/historia.html>



## **CAPÍTULO I – ETNOGRAFIA ENTRE E COM MULHERES CAMPONESAS: o espaço e o tempo da pesquisa**

Um dos instrumentos mais importantes da pesquisa etnográfica, segundo Malinowski (1975) é o diário de campo, ferramenta ideal para este tipo de estudo. Com ele e por meio de seu bom uso, o pesquisador estará habilitado a dar ao ato observado (e tornado escrita) o seu devido lugar interpretativo na esfera da vida nativa. Saberá assim dizer se tal comportamento nativo é normal ou excepcional, como, onde e quando se processa. É preciso mergulhar na vida nativa, participar efetivamente do que ocorre. Então, a cada ida a campo, ou a qualquer movimento da pesquisa tudo deve ser levado em conta para não se perder qualquer detalhe observado ou ocorrido. O diário de campo se torna a “arma” que o antropólogo possui em mãos para obter uma boa etnografia.

Como descendente de italianos, estou habituada ao cotidiano dessas pessoas. O ideal na pesquisa seria observar a vida e os fatos como novidade. Como Geertz (1978) aponta, deve-se conviver com o grupo sabendo discernir o que é um piscar de olhos ou uma piscadela que queira significar algo mais. Dessa forma, o que está em jogo a “contra face” do estranhamento que é a capacidade de tornar familiar o que é estranho. Em meu primeiro trabalho de campo, tive dificuldades em fazer esse estranhamento (Da Matta, 1987), contudo, agora, aprendi a indagar mais, querer saber o que significava determinada coisa ou atitude para aquelas pessoas.

Para Malinowski (1975), fica evidente que quanto mais se convive com o grupo pesquisado, mais intimidade o pesquisador vai adquirindo e com isso vai se tornando habitual a convivência. Outro mandamento da pesquisa de campo é descobrir os modos de pensar e sentir típicos, correspondentes às instituições e à cultura de determinada comunidade. O meu contato com essas pessoas da zona rural é quase que diário, devido ao meu trabalho no comércio em uma assistência técnica localizada na zona urbana de Faxinal do Soturno, em que meu pai (*in memoriam*) deu início a essa atividade no começo dos anos 80 do século passado. Nas conversas diárias com as pessoas da zona rural, foi possível ir desvendando como as pessoas vivem e pensam sobre determinados assuntos. As minhas inserções a campo, tanto na graduação quanto agora na pós-graduação, realizam-se, na sua maioria, aos finais de semana, pois principalmente os domingos são caracterizados como o dia de “folga” dessas mulheres. Descrevo a

palavra folga entre aspas porque inclusive nesse dia há a necessidade de ordenhar as vacas, fazer o queijo e as “lidas”<sup>7</sup> pendentes da casa. Recordo que, quando contatei essas trabalhadoras do campo sobre a possibilidade de conversar, visitar, acompanhar suas vidas, todas pediram para que fosse aos finais de semana. Isso porque durante a semana o trabalho na roça, na casa, enfim na propriedade como um todo absorvia seus dias inteiros. Como relatou uma senhora: “Se parar para pensar a gente sempre tá na lida”.

Para Geertz (1978), “(...) é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento” (1978, p.15), e para obter um trabalho satisfatório sobre a análise da etnografia se deve selecionar informantes (ou colaboradores de pesquisa), transcrever textos, manter um diário e criar e estabelecer relações, mas não só. O que ocorrerá será uma descrição densa de fatos interpretados que são, também, interpretações de interpretações. Sendo que o objeto da etnografia, segundo ele é: “uma hierarquia estratificada de estruturas significantes (...)” (1978, p. 17). Isso se identifica na prática, pois cada ida a campo é registrada no diário de campo para que não ocorram “perdas” de informações, de gestos, de falas, enfim de tudo que circunda o trabalho, embora se saiba que a memória é seletiva. Esse registro foi à base da análise com a teoria no decorrer da confecção do trabalho.

Acho pertinente agora trazer indicações de tempo e espaço do município de Faxinal do Soturno, bem como fazer uma apresentação tanto da comunidade de Novo Treviso como da do Sítio Alto, que foram os locais da pesquisa.

### **1.1 - Relato sobre o município de Faxinal do Soturno**

Por volta de 24 de maio de 1870 criava-se, no Rio Grande do Sul, a primeira colônia, denominada “conde D’ Eu”, atualmente Garibaldi. Posteriormente, uma segunda colônia de imigração italiana foi demarcada ao lado da primeira: “Dona Izabel”, hoje Bento Gonçalves. A terceira foi “Duque de Caxias”, também chamada “Campo dos Bugres”, hoje Caxias do Sul. Oficialmente inauguradas em 1875, as três juntas formavam um bloco nos contrafortes da Serra Geral.

---

<sup>7</sup> Lida é o termo usado para denominar os afazeres e trabalhos diários.

A Quarta Colônia foi criada em 1877 e recebeu o nome de Silveira Martins, em homenagem ao senador gaúcho Gaspar Silveira Martins, político que defendia a imigração. O local escolhido, distante dos demais núcleos de imigração italiana, era composto por terras devolutas situadas na região central, na Serra de São Martinho, que faz parte da Serra Geral.

A primeira leva de colonos chegou em 1877 e era composta por 70 famílias, que seguiram de barco pelo rio Jacuí até Rio Pardo e daí de carreta até a serra (Lorenzoni, 1975), (Santin, 1986). Situada entre os vales e encostas da região central do Estado, na Serra Geral, a Quarta Colônia é composta pelos municípios de Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Silveira Martins e São João do Polêsine. Localiza-se bem no centro do Estado, junto à cidade de Santa Maria.

## **1.2 - Faxinal e seus primórdios**

No ano de 1877, dentro da epopéia da imigração italiana, é fundado o povoado de Silveira Martins, Quarto Núcleo da colonização italiana, quando foram sendo formados novos núcleos, entre os quais Vale Vêneto, considerado o berço histórico do município de Faxinal do Soturno.

O contínuo afluxo de imigrantes fez a colônia de Silveira Martins expandir-se pelas quebradas da serra, dando origem a novos núcleos, são eles: Soturno, Novo Treviso, Ribeirão, Val Veronês (1880), São João do Polêsine (1893) e Santos Anjos. O núcleo denominado Soturno foi subdividido em Barracão (atual município de Nova Palma) e Geringonça (atual Novo Treviso). Posteriormente, entre estes dois núcleos surgiu a cidade sede do município de Faxinal do Soturno, cujo território, na sua maior parte, desmembrou-se no município de Cachoeira do sul e uma pequena parte no município de Júlio de Castilhos (Cesca, 1977).

A primeira denominação recebida pelo atual município de Faxinal do Soturno foi Campo do Meio. Após, pelo acervo de utensílios encontrados nas lavouras pelos colonizadores, indicando a área fora ocupada pelos índios Tapes, passou a se denominar campo dos Bugres.

O nome Faxinal originou-se da denominação dada à vegetação rasteira, tipo pastagem, com grupo de árvores esguias. O nome Soturno teve sua origem, segundo

relatos, quando da elaboração da carta geográfica da região. Um grupo que levantava a navegabilidade dos afluentes do Rio Jacuí, ao chegar no atual Rio Soturno, deparou-se na altura do atual Município com pantanais, ribeirinhos ao rio, cobertos de mato cerrado e escuro, dando ao local e ao rio um aspecto soturno e perigoso (Cesca, 1977).

Dentre os pioneiros considerados os fundadores de Faxinal do Soturno, destacam-se quatro nomes: João Batista Zago, José Marques Ribeiro (Coronel Marques), Vicente Pigatto e Vitório de David. João Batista Zago foi quem trouxe da Itália a imagem e devoção a São Roque, padroeiro de Faxinal do Soturno. Foi ele também quem dirigiu a construção da primeira capela e da primeira escola. O município teve um grande impulso industrial dado pela fábrica de trilhadeiras do Brasil, a “Tigre”, fundada por Ângelo Bozzetto, que comercializava para vários estados do Brasil, inclusive exportava para países da América Latina. Faxinal do Soturno emancipou-se do Município de Cachoeira do Sul, em plebiscito realizado no dia 30 de Novembro de 1958, e o novo Município foi criado pela Lei Estadual nº 3.711, de 12 de Fevereiro de 1959. Com a municipalização de Faxinal do Soturno, veio o incremento em relação à infraestrutura básica urbana (calçamento, saneamento e iluminação), no setor de educação, no setor agrícola, no transporte para o escoamento da produção e na saúde. A emancipação significou a descentralização política e a população tornou-se mais participativa nas tomadas de decisões diante dos problemas.

Em 1967, Faxinal do Soturno perde o distrito de Dona Francisca, que é emancipado, e em 1992, emancipou-se o distrito de São João do Polêsine. Essas comunidades tomaram seus espaços delimitados geograficamente e, em função de suas necessidades voltaram-se para si, retomando valores e culturas peculiares aos locais, bem como sua autonomia em relação à tomada de decisões diante das suas necessidades. Com essas emancipações, houve uma significativa perda no contingente populacional e nas propriedades agrícolas.



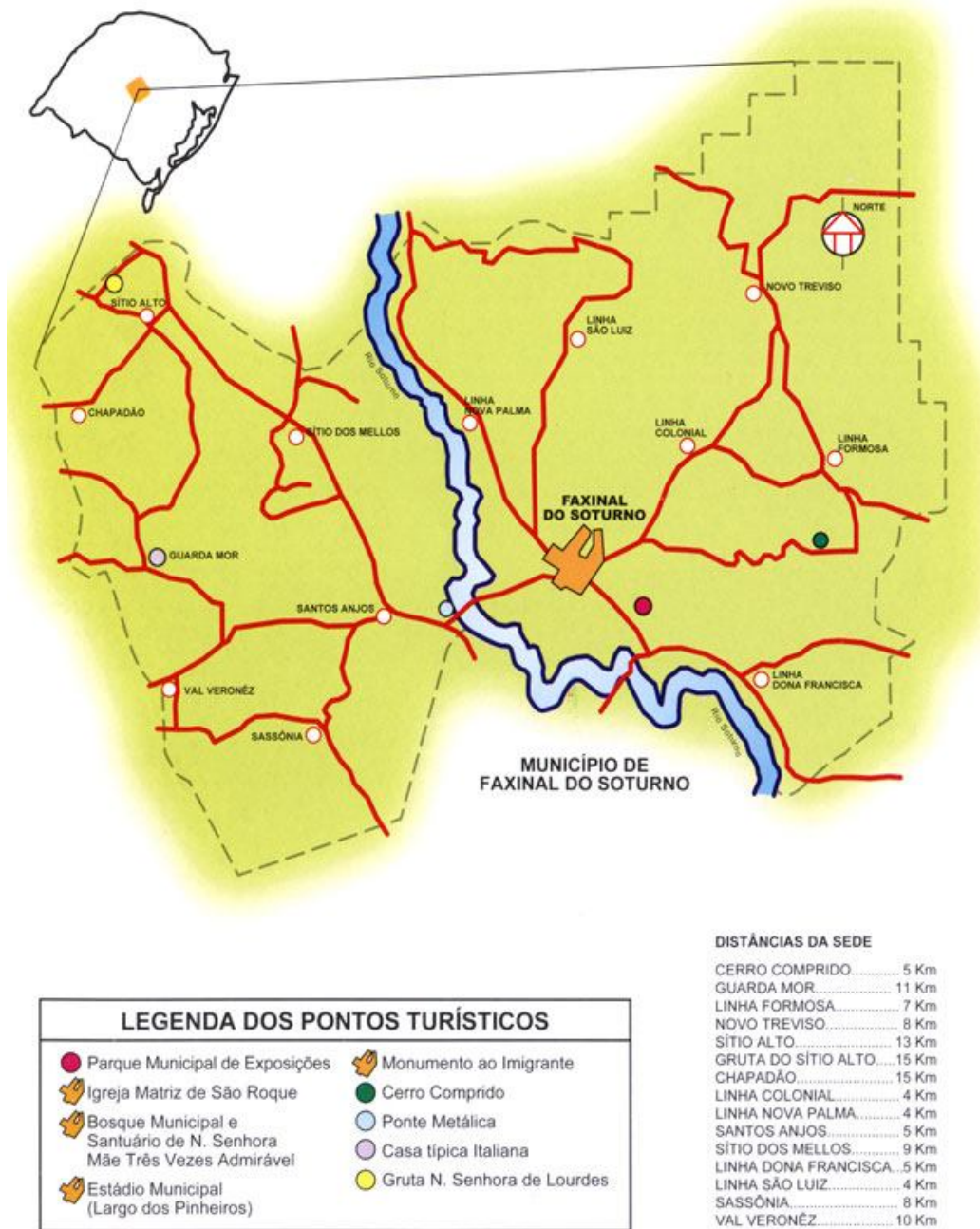
Localização dos municípios da Quarta Colônia. (Fonte: Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno)

### 1.3 - Dados gerais do município de Faxinal do Soturno:

O município de Faxinal do Soturno situa-se na região do Vale do Jacuí Centro. Limita-se com o município de Dona Francisca a leste, Ivorá e Silveira Martins a oeste, São João do Polêsine ao sul e Nova Palma e Ivorá ao norte. O município em questão pode contar com importantes vias de transporte rodoviário: RS 149, RS 348 e BR 287, que ligam a outras vias principais e, por sua vez, à capital gaúcha. Estas vias estão conectadas ao interior do município através das estradas vicinais, as quais são responsáveis pelo acesso e pelo escoamento da produção de toda parte rural do mesmo.

O município ainda apresenta uma área de 165,9 km<sup>2</sup>, tendo como distrito: Santos Anjos e as localidades: Novo Treviso, Linha Formosa, Chapadão, Linha 3, Linha São

Luz, Vila Santo Antônio, Olaria, Linha Nova Palma, Tope, Sítio Alto, Sítio dos Mellos, Três Bocas, Chapadão, Guarda Mór, Saxônia, Val Veronês<sup>8</sup>.



Na imagem o município de Faxinal do Soturno. (Fonte: Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno)

<sup>8</sup> As informações e o mapa do município foram conseguidos através do site: [www.faxinal.com](http://www.faxinal.com) – acessado em 08/01/2011.

Observamos que, no mapa acima, a comunidade do Sítio Alto, como a de Novo Treviso ficam em extremos opostos do município. No mapa é possível identificar o Rio Soturno<sup>9</sup>, que “corta” a cidade. No Monumento ao imigrante, localiza-se a praça central da cidade juntamente com a Igreja matriz, o chamado “centrinho”. Esse monumento ao imigrante é um barco construído no ano de 1975 em homenagem aos primeiros imigrantes. Ressalto que, com essa simbologia do barco, é demonstrada a importância que ainda tem a travessia para esses descendentes de imigrantes italianos.

Através da legenda também é possível obter alguns dados, como a primeira ponte metálica que ainda tem sua estrutura sobre o rio soturno ao lado da atual ponte de concreto. Essa ponte metálica, na última enchente, em janeiro de 2010, deslocou-se e acabou danificando a atual ponte, que precisou ser interditada e passar por demoradas reformas, o que dificultou o acesso das pessoas que moram do “lado de lá” do rio até à cidade. Dessa forma, foi acordado que ela será retirada do Rio Soturno e servirá como pórtico de entrada do município de Faxinal do Soturno. Essa iniciativa é interessante, pois será preservada uma peça importante da cultura material do município. No mapa, na comunidade do Sítio Alto é apontada a Gruta Nossa Senhora de Lurdes, considerada um dos pontos turísticos devido às suas belezas naturais.

Segundo o último Censo/2010<sup>10</sup>, a população total do município é de 6.672 habitantes, sendo que desses, 3.274 são homens e 3.398 são mulheres. Na zona urbana, encontramos 4.175 dos habitantes e, na zona rural do município, 2.497. A cidade de Faxinal do Soturno apresenta características de uma cidade de pequeno porte. No centro, encontram-se praças com jardins, a igreja e o salão de festas, com estrutura e distribuição que guardam uma arquitetura tipicamente italiana, como também, algumas casas que ainda conservam o aspecto colonial trazido da Itália. O sítio urbano da cidade é assentado sobre terrenos, geralmente planos, estendendo-se para a periferia, onde logo alcança o meio rural, mesclando-se com atividades eminentemente agrícolas.

Após essa apresentação, retorno a metodologia e a inserção a campo. Recordo que, em quase todas as visitas e entrevistas, as mulheres se apresentaram emocionadas por relembrar da vida, mas uma em especial me chamou a atenção. Era um domingo, dia 19 de dezembro à tardinha em pleno verão quando cheguei na localidade de Novo Treviso, como de costume chegava primeiro na casa de minha informante-colaboradora

---

<sup>9</sup> Nas beirada do Rio Soturno, como as terras são de várzea, há o cultivo de arroz.

<sup>10</sup> Fonte dos dados: [www.fee.tche.br](http://www.fee.tche.br) – acessado em 28 de dezembro de 2010.

para ver para onde iríamos aquele dia. Essa senhora me acompanhou em todas as entrevistas, pois como ela cuida do Museu<sup>11</sup> e se interessa pela temática da imigração, demonstrava-se sempre muito disposta em auxiliar no que fosse possível. Essa mulher tem 44 anos e além de cuidar do museu Geringonza, faz bolachas, pães, queijos e nas sexta feira vai até a cidade vende-los, além de auxiliar na lavoura quando necessário. Uma amiga dessa localidade achou que ela seria a pessoa mais indicada para me conduzir até as casas. Com certeza, se não tivesse a sua ajuda, o trabalho de campo não teria obtido tantos frutos positivos. Como em Novo Treviso eu queria conhecer algumas famílias que tinham terras em outras cidades, a informante sugeriu que eu aproveitasse aquele final de semana em uma determinada família porque a mesma estava se mudando para a cidade. Na hora achei a ideia fantástica, pois além da família ter terras fora de Novo Treviso, ainda poderia indagar o porquê de estarem se mudando da zona rural para a urbana. Prontamente ligamos para a senhora e ela disse para irmos até lá.

Saímos da casa da informante, pegamos uma via à esquerda até atingir uma subida, chegando na propriedade, estava o casal aguardando, descemos do carro e fui apresentada à senhora. Em todos os primeiros contatos que tive naquela comunidade, sempre perguntaram quem eu era, o que fazia, filha de quem era. Como sou residente de Faxinal do Soturno, as pessoas conhecem “de nome”. Esse fato chamou muito a atenção, pois ao mesmo tempo em que era uma estranha daquelas pessoas, era também uma delas, por também ser descendente. Como naquela tarde havia chovido e o tempo ainda garoava um pouco, o marido da senhora permaneceu na cozinha escutando a conversa, mas não falava.

A senhora quando questionada do motivo de sair da zona rural se emocionou, pois a mesma já não tinha a mesma saúde de quando era mais jovem e que a mudança para a cidade facilitaria o acesso aos recursos. Ela sofria de dores na coluna e assim poderia fazer exercícios com o grupo da terceira idade, bem como fazer hidroginástica em uma academia. Esse dado é interessante, pois mesmo algumas mulheres que residem na zona rural vão até a cidade para hidroginástica, pois relatam se sentirem muito bem, e como a grande maioria participa do grupo da terceira idade tem acesso a preços especiais para esses serviços. Outro motivo dessa família ir morar na cidade é o de eles terem terras no Cerro Comprido, hoje esse local é conhecido pela construção na Ermida

---

<sup>11</sup> Museu “Geringonza” foi todo reformulado com recurso do Ministério da Cultura e reinaugurado no ano de 2005 pela prefeitura municipal de Faxinal do Soturno.



de São Pio, criando um ponto turístico para o município. Quando há alguma celebração, recebem excursões de outros lugares. Hoje lá representa um espaço ocupado por sete famílias: Cela (2), Da Rocha (2) e Rodrigues (3), que residem no local há mais de 70 anos, subsistindo através da prática da agricultura, com destaque para os cultivos do milho, soja, trigo, feijão e fumo<sup>12</sup>.

Retornando a metodologia de pesquisa, James Clifford (2002) aponta que o trabalho de campo etnográfico permanece como um método notavelmente sensível. A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto em intelectuais. Ela requer um árduo aprendizado linguístico, grau direto de conversação. Esta escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual. O pesquisador deve acrescentar então ao escrever etnografias o modelo dialógico ou polifônico, que represente vozes e perspectivas diversas, utilizando para citações, depoimentos, autoria coletiva. O objetivo final seria fazer o autor se diluir no texto, dando espaço aos outros agentes, que antes só apareciam através dele. Para James Clifford (2002), a cultura seria algo relacional, formada por processos comunicativos entre sujeitos em relação de poder. Assim, a autoridade monofônica é questionada, aparecendo como uma característica de uma ciência que pretendeu representar culturas. Segundo ele, a própria noção de interpretação de uma realidade diferente é confrontada com a afirmação da etnografia como uma negociação entre o etnógrafo e o informante. Ambos são sujeitos conscientes e politicamente significativos.

Clifford Geertz (1978) constata que cada sociedade possui suas estruturas e regras, já de certa forma pré-estabelecidas, cabendo ao antropólogo a sua análise e compreensão da sua importância. Toda essa análise se constituiria com o convívio junto ao nativo, pois somente assim o antropólogo “entraria” na cultura do “outro”.

Clifford Geertz (1978, p.20) ainda ressalta que:

O que o etnógrafo enfrenta de fato é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar.

Nessa pesquisa etnográfica que realizei na comunidade do Sítio Alto, como já havia feito em 2004 e também pela familiaridade com as pessoas, mais uma vez posso

---

<sup>12</sup> Fonte: [www.saopio.com.br](http://www.saopio.com.br) – acesso em 27/12/2010.

dizer que não tive problemas em conversar e as “convencer” a conceder entrevistas<sup>13</sup> e observá-las no seu dia a dia. Inclusive algumas se ofereceram para conversar, dessa forma, percebo que essas mulheres se sentem valorizadas quando lhe damos voz ativa. Sempre temi não conseguir fazer o estranhamento, pois sendo tão próxima das pessoas e da comunidade, para mim, era tudo muito comum. Porém, nessa pesquisa analiso de forma positiva essa inserção e a análise dessas informantes. Talvez com uma maior maturidade se comparado ao ano de 2004, aprendi a indagar mais as pessoas e a observá-las, coisa que não fiz muito assiduamente na pesquisa passada. Acredito que esse processo do estranhamento se dá através da experiência etnográfica que o pesquisador vai adquirindo com o passar dos anos.

Já na comunidade de Novo Treviso, tive que “conquistar” a confiança das pessoas. Isso foi muito importante para mim, pois vi nisso um desafio. O que mais me chamou a atenção em ambas as comunidades foi que as mulheres podiam ficar receosas em conceder entrevistas e participar de uma pesquisa, mas ao mesmo tempo se sentiam valorizadas. Ao final das conversas normalmente falavam: “é um prazer te ajudar, se precisar de mais alguma coisa”. Ressalto que essa conquista do “outro” é feita com o passar do tempo e não apenas em uma ou duas visitas. Uma diferença que também notei nesta pesquisa foi que estas mulheres não se mostraram muito preocupadas em “falar bonito”. Essa foi uma expressão que ouvi em todas as entrevistas no ano de 2004. As mulheres que pesquisei desta vez se demonstraram muito seguras nas falas e pouco temerosas ao gravador por estarem participando de uma pesquisa acadêmica, visto que o grupo tem uma fala mais carregada que o “normal” e várias expressões no dialeto trazido de seus antepassados da Itália.

---

<sup>13</sup> As entrevistas foram viabilizadas por meio do consentimento livre, ou seja, essas camponesas aceitaram e deixaram gravado a sua autorização na participação dessa pesquisa. Todas foram informadas que seus nomes não seriam revelados, apenas são identificadas pela comunidade a qual pertencem e pela sua idade.



Na imagem a capela de Nossa Senhora do Caravaggio. (Fonte: acervo pessoal)

Em festa no dia 23 de maio de 2010, a comunidade do Sítio Alto comemorou os 70 anos da construção da nova capela<sup>14</sup>. As propriedades que integram essa comunidade são formadas pela casa, tendo como anexo um ou mais galpões onde ficam guardados a sua colheita e os implementos agrícolas utilizados no trabalho. Outra parte observada nas residências são as hortas muito bem cuidadas e cultivadas, há ainda árvores frutíferas e muitos animais e, em algumas propriedades, encontram-se açudes, que auxiliam na irrigação das plantações, principalmente em época de estiagem. Há também algumas famílias que possuem parreirais de uvas e, na época da colheita, vão até a praça central de Faxinal montar uma banca para seu comércio quando os próprios colonos fazem a venda. Algumas famílias plantam e vendem o seu excedente para os mercados ou a quem interessar na cidade. Em volta das propriedades ficam as roças e onde são produzidos predominantemente fumo ou arroz em menor escala. O terreno no Sítio Alto é bastante acidentado, sendo que a maioria das áreas cultivadas não permite o plantio de culturas que precisariam de um terreno plano.

---

<sup>14</sup> Esta capela tem como padroeira a Nossa Senhora do Caravaggio.



Foto de um galpão em uma propriedade do Sítio Alto (Fonte: acervo pessoal)

Na foto acima, apresenta-se um galpão de uma propriedade na localidade de Sítio Alto. A mesma propriedade tem no total quatro galpões, que são utilizados para guardar utensílios (dentre outras funções). Nesse galpão, que não é fechado lateralmente, é observado o fumo pendurado. É muito comum na época da safra, quando visitamos a zona rural, visualizar nas propriedades o fumo pendurado nos galpões. Nesse galpão também vimos um trator que era utilizado nos trabalhos diários. Ressalto que pelo fato de esse dia ser um domingo, o trator estava no galpão guardado, nos outros dias da semana era corriqueiro o mesmo estar na lavoura auxiliando nos serviços. Na foto também é visto um silo de alvenaria que nessa propriedade era utilizado para armazenar e secar o milho. Esse é um bom exemplo de como as famílias que dependem da agricultura familiar vão se adequando a algumas tecnologias para facilitar o dia a dia e o processo de produção. Sobre o tema de tecnologias farei uma breve discussão no quarto capítulo.

O pesquisador deve ter certa sensibilidade, já que muitas vezes vemos e ouvimos o que queremos e não o que o grupo ou determinada pessoa quis realmente passar.

Assim, a interação é a condição da pesquisa, uma relação que se prolonga no tempo. O que vai ocorrer é um sistema de reciprocidade entre o “outro” pesquisado e a figura do pesquisador.

Segundo Cardoso de Oliveira (1996), é ressaltado que o olhar, o ouvir e o escrever são faculdades essenciais durante a pesquisa. A primeira experiência em campo é a domesticação de seu **olhar**. Algo fundamental que o autor chama atenção é que o pesquisador deve ter um domínio das teorias para saber interpretar o seu olhar. Outro amparo do pesquisador pousa no **ouvir**, ou melhor, saber ouvir. O ato de ouvir requer muita paciência e perspicácia. O autor chama a atenção para o poder que o pesquisador pode exercer sobre o informante por mais neutro que tente ser. Dessa forma, o olhar e ouvir seriam a primeira etapa, a segunda etapa caberia ao ato de **escrever**. Se o pesquisador então souber utilizar a sua sensibilidade em deixar o “outro” se expressar e fizer a correta coleta do material, sem dúvida, terá um bom material para ser analisado posteriormente. Em campo, o que se aprende muito é observar e deixar o informante à vontade. Lembro que, em 2004, quando estive em campo, a ansiedade era tamanha, que eu acabava me perdendo e falando mais do que devia. Assim, não dava uma voz ativa a quem realmente devia expressar suas ideias, seu cotidiano. Nessa pesquisa, tentei deixar as pessoas se expressarem com seus próprios termos, pois acredito que os relatos ficam mais ricos.

Cardoso de Oliveira (2004) aponta que:

Já no caso da pesquisa *com seres humanos*, diferentemente da pesquisa *em seres humanos*, o sujeito da pesquisa deixa a condição de cobaia (ou de objeto de intervenção) para assumir o papel de ator (ou de sujeito de interlocução). Na antropologia, que tem no trabalho de campo o principal símbolo de suas atividades de pesquisa, o próprio objeto da pesquisa é negociado: tanto no plano da interação com os atores, como no plano da construção ou da definição do problema pesquisado pelo antropólogo (grifos do autor) (p. 34, 2004).

O autor ressalta que o consentimento é pouco produtivo ao antropólogo, visto que ele terá que negociar a sua inserção no grupo, pois antropólogo também é ator nessa relação, participando, por vezes, da vida do “nativo”. Nessa perspectiva, é interessante observar que nós temos uma identidade dominante, mas diante de determinados acontecimentos acionamos outra.

Dessa forma, em campo, por vezes, também tive que acionar outra identidade, aliás, outras identidades, pelo fato de ser descendente e de ser muito próxima às pessoas da comunidade do Sítio Alto. Tentei enxergar aquelas mulheres e suas práticas diárias como algo distante a mim. Esse processo de estranhamento que me foi doloroso na pesquisa em 2004, dessa vez, pareceu ser menos penoso, devido ao fato de estar conseguindo tomar alguma distância dos fatos e narrativas.

Por meio das entrevistas, será apresentado o passado dessas pessoas narrado pelo presente, ou seja, como constroem suas trajetórias e memórias. Recordações essas que povoam até os dias atuais o cotidiano dos descendentes de imigrantes e que são passadas de geração para geração. A memória adentra no nosso sensível e imaginário, as experiências de nosso cotidiano fornecem à nossa memória o momento presente, faz ter um sentido de tempo e de espaço, remete à nostalgia do passado e também à esperança do futuro. A memória coletiva ganha significado pelos objetos simbólicos que norteiam o relacionamento entre as pessoas e a identidade que se constrói partindo dela.

Podemos dizer, então, que essa opção teórico-metodológica pode contribuir muito na análise de vozes esquecidas, excluídas e renegadas pela historiografia oficial, como é o caso dos grupos étnicos e das pessoas comuns, das comunidades e de outros excluídos dos processos históricos. Isso serve para lembrar que em um país como o Brasil, onde a memória é menosprezada, torna-se urgente e necessário seu resgate e sua organização.

No trabalho na comunidade de Novo Treviso, a informante – colaboradora principal – foi minha guia em relação às pessoas com quem eu conversava e acompanhava de forma mais assídua na realização de suas atividades. Contratada pela prefeitura municipal, ela trabalha, ou melhor, cuida do museu. Quando há excursões, ela acompanha as pessoas na visita, explicando as peças, fotos, enfim tudo que pode ser encontrado no museu, que fica aberto inclusive aos finais de semana. Dessa forma, ela fica “refém” desse trabalho, pois não pode, por exemplo, ir a uma festa ou a outro lugar e ficar todo o dia. Além disso, ela trabalha em casa fazendo pães, queijos e bolachas para vender; cuida da horta, alimenta os bichos e, quando necessário, vai à lavoura auxiliar o marido, pois o mesmo tem um grave problema na coluna e com isso sofre com severas dores, dificultando o seu trabalho na lavoura. Devido a esse problema de saúde, essa família não planta fumo por ser considerada uma cultura de trabalho penoso.

As bolachas, ela passa de casa em casa na cidade toda sexta-feira à tarde para vender. A produção semanal é de 200 sacos de bolacha de vários tipos e sua venda é quase que total. Durante a semana, a mesma divide seu tempo nessa tarefa dentre as outras. Um dia cheguei em sua casa e logo comentou que a fiscal da prefeitura estava “atrás” dela, pois não é permitido vender produtos sem ter o alvará de licença. Como várias pessoas que trabalham na prefeitura compram suas bolachas, a fiscal não obteve sucesso naquela sexta-feira. Essa questão do alvará é compreensível, pois os mercados e padarias podiam denunciar, visto que o preço de sua bolacha era inferior ao encontrado em outros estabelecimentos.

Em suma, esta dissertação tem por objetivo, por meio de pesquisa etnográfica, analisar as narrativas das camponesas descendentes de italianos, visto que são ainda escassos os trabalhos realizados nesse âmbito sobre esta região do estado. Acredito que essa pesquisa trará contribuições, já que será acompanhado o cotidiano dessas mulheres. Tedesco esclarece que “cotidiano não é, automaticamente, sinônimo de senso comum” (1999, p. 25). Outros elementos que foram verificados foram: a vida camponesa e como se dão as atividades no interior da propriedade, ou seja, como se processa a relação saber-fazer destas mulheres e como elas, no dia a dia, criam novas formas de resistências e agenciamentos<sup>15</sup>, que vão desde a escolha dos ingredientes dos alimentos, à utilização dos ganhos de seu trabalho, à educação dos filhos (e especialmente das filhas), entre outras práticas.

#### **1.4 - Histórico e relatos sobre as comunidades de Sítio Alto e Novo Treviso**

Há uma sugestiva diferença entre o Sítio Alto, local em que eu estava habituada a visitar, e Novo Treviso, em que era uma localidade “estranha” para mim.

Quando cheguei pela primeira vez, a impressão que tive foi de que Novo Treviso estava “abandonado”. O centro da comunidade é a Igreja, e esta tem profunda importância para o município de Faxinal do Soturno porque ela foi considerada Paróquia do município até 1960. Em anexo à igreja, havia um salão de festas e do outro lado havia a casa paroquial. Na época em que realizei a pesquisa, nessa casa residia apenas uma senhora solteira, que era responsável por cuidar de toda essa estrutura. Em conversa, ela contou que já fazia 24 anos que cuidava da igreja. Em frente à Igreja havia

---

<sup>15</sup> Vide Ortner (2007) sobre as formas de agenciamentos.

uma quadra com uma pracinha e com um enorme campo de futebol. Tal quadra pertence à igreja. Em volta dessa quadra, à direita, pude observar uma propriedade com várias casas antigas que se tornaram galpões. Em frente encontrava-se um silo onde são alojados produtos que são colhidos. À esquerda, havia o prédio do museu, mas acoplado a esse mesmo prédio tinha um galpão e uma família que reside. É interessante que há uma data de 1943 grafada nesse galpão. Em conversa com os moradores, indaguei se essa havia sido a data de construção, mas responderam que foi o ano da reforma do prédio e informaram ainda que essa construção foi uma das primeiras do município.



Na foto, uma das primeiras casas construídas no município e reformada na data de 1943, na comunidade de Novo Treviso. (Fonte: acervo pessoal).





Na foto, a Igreja juntamente com o salão de festas da comunidade de Novo Treviso (Fonte: acervo pessoal).

A comunidade de Novo Treviso, segundo Bonfada (1991), iniciou em meados de 1885. O lugar se denominou primeiramente de Geringonça. A explicação para a origem desse nome, é que ele teria sido dado em uma inspetoria de terras que estavam medindo uns travessões na região. Como os rios que se encontravam não tinham um curso normal de águas, correndo uns para o norte e outros para o sul, e o relevo era acentuado, era difícil encontrar pontos de referência para as medições, e então um dos agrimensores teria dito: “Mas que geringonça é essa?”, e assim teria surgido o nome que ficou até 1892, quando, por sugestão do padre Cornélio O’Connor, trocaram para Novo Treviso, numa homenagem à maioria dos colonos que eram oriundos da província de Treviso, norte da Itália.

Como parte da colônia de Silveira Martins, Geringonça teve sua primeira ligação por estrada mediante um sendeiro aberto na mata, descendo por Val Veronês. Por esse trecho, passava-se com muito custo à cavalo, mas o povo andava geralmente a pé, pois quase ninguém possuía cavalo, uma vez que este era um bem dispendioso para aqueles

colonos<sup>16</sup>. Assim, muitas famílias receberam terras em Geringonça, mas demoraram a se mudar ou desistiram devido às dificuldades de acesso. As primeiras famílias a entrar em Geringonça foram os Busanello. Eles tinham chegado em bom número da Europa sob o comando do “velho Mateus” e se instalaram em Vale Vêneto, onde se tornaram conhecidos como os “Venturini”. Com o passar dos anos, a casa em que moravam juntos tornou-se pequena e resolveram buscar terras em Geringonça. No início da colonização das terras de Geringonça, os moradores não tinham onde se reunirem. Então, aos domingos, grupos de famílias se juntavam e alternavam entre uma e outra casa a reza o terço. Com a demarcação do lote para a vila, surgiu então uma bodega da propriedade de Paulo Bortoluzzi, onde o povo passou a se reunir e, através de conversas cruzadas nesse ambiente, nasceu a ideia de procurar assistência religiosa e construir uma capela (Bonfada, 1991).

Quanto à comunidade do Sítio Alto, tive acesso a um trabalho (pesquisa) de “resgate histórico”, o qual foi realizado pela comunidade juntamente com o Pe. Luiz Sponchiado. Isso ocorreu no ano de 2006, quando a Capela de Nossa Senhora do Caravaggio completou seu centenário.

Segundo o relatório do Pe. Luiz Sponchiado, os primeiros a habitar o Sítio Alto dos Mellos foram os irmãos Primo, Hermenegildo, Omobono e Antônio Sarzi Sartori. Vindos de Spineda, Mantuanos da segunda turma de 25 de janeiro de 1878, no vapor Isabella, com seus pais: Giuseppe e Godilieva. Estabeleceram-se no lote 588 da Linha Quarta Norte, e em 27 de julho do ano de 1899 passaram uma procuração em Cartório ao vigário Pe. Antônio Sório, para que, como agente consular, recebesse uma herança que vinha da Itália no total de 4.291,040 Libras Esterlinas. No mesmo ano, procederam ao inventário e partilha por morte dos pais. Tudo convidava a adquirirem novas terras para suas famílias, e assim fizeram, comprando alguns lotes do grupo Cachoeirense ou em segunda mão dos alemães. Fato interessante é que, desta quantia, Primo Sarzi Sartori emprestou por três meses ao Pe. Sório 3 contos, a juro de 10%. Há registro de tais fatos, inclusive duas escrituras feitas em Dona Francisca em 13 de dezembro de

---

<sup>16</sup> Para Seyferth (1990), a sociedade camponesa teria como base a pequena propriedade policultora trabalhada pela família do proprietário e com os camponeses mantendo um estilo de vida próprio, um modo de produção específico apesar das transformações e pressões do capitalismo. O colono então, na situação por mim pesquisada, seria aquele dono de propriedade em que a família também coopera nas atividades, possui seu pedaço de terra, mas também depende do mercado externa para a comercialização dos produtos.

1900, em que o casal Manoel Py e sua viúva Maria Constância Peixoto vendem aos irmãos Sarzi Sartori duas colônias situadas na Linha Travessa.

Com o estabelecimento das primeiras famílias no Sítio Alto, logo surgiu a necessidade de se encontrarem aos domingos para rezarem o terço. Isso ocorria em alguma casa onde houvesse alguém alfabetizado que soubesse puxar o terço diante de alguma estampa de Cristo, da Madona Santíssima ou de algum santo de devoção popular, dessa forma para realizar essa tarefa procuraram Lorenzo Dalla Corte, que em 1901 veio ao Sítio Alto assumir suas terras com os seus sete filhos, nascendo mais quatro nessa localidade. Ainda segundo relatório do Pe. Luiz Sponchiado após alguns encontros dominicais as famílias: de Fortunato Fiorin, Lorenzoni e Savegnago, Zenone Orlandi, Luigi Genero, Morizzo, Lanza, Zarantonello acertaram a construção de uma capela em honra à Nossa Senhora do Caravaggio, que ergueriam em mutirão.

As aparições de Nossa Senhora do Caravaggio ocorreram à Joaneta no ano de 1432 que era tida como uma camponesa piedosa e sofredora e aconteceram na região do Piemonte (Itália), mas a devoção logo se esparramou no Vêneto, onde em Fanzolo de Treviso, existe um pequeno santuário. Certamente Lorenzo Dalla Corte tinha alguma estampa que se tornaria a Patrona da capela (Sponchiado, 2006).

Em 1906, precisamente no Domingo da Paixão, em 1º de abril, assume o Núcleo Norte como capelão estável o Pe. João Iop, que ficou até 17 de julho de 1910. Sendo depois substituído pelo Pe. José Sponlein, que permaneceu até 29 de setembro de 1912, substituído pelo Pe. Jacob Hoelzer, que saiu em 28 de novembro de 1918. Nesses 12 anos, os três capelães anotavam batizados, casamentos e óbitos que oportunamente levavam aos registros paroquiais de Vale Vêneto. Sem ter o livro de tombo que registra os acontecimentos e a história local, esta fica bastante esquecida.

Ainda no relatório do Pe. Luiz Sponchiado é ressaltado que um primeiro documento que sobreviveu com o tempo foi um livro de orações em latim, editado na Itália, em 1904, que na contracapa com a letra muito rústica diz: “Pertence a Lorenzo Dallacorte e à capela do Caravaggio”. Certamente chegou por intermédio do Capelão Pe. Iop, ficando a quase garantia que Lorenzo trabalhava como ministro e também no ensino da “Doutrina Cristiana” para as crianças. Esse se fixou como primeiro e centenário documento dessa comunidade que milagrosamente sobreviveu a mais de um século.

Um segundo documento importante para o conhecimento histórico da comunidade do Sítio Alto foi elaborado na data de 11 de abril de 1906 por “Moradores do Soturno e Sítio dos Mellos” (5º Distrito de Cachoeira). Assinam uma representação ao intendente por intermédio do subintendente em Dona Francisca, Nicomedes Barbosa de Lima e remete à Cachoeira do Sul no dia 24 de abril de 1906. Nesse documento constam as seguintes informações que para a época são relevantes:

O núcleo (Soturno e Sítio) dista de Cachoeira 17 léguas e não 25, tem uma estrada de 5 léguas e não de 8 que vai a ferroviária de Arroio do Só, o município fez vários melhoramentos no Sítio e vizinhanças e está projetando por licitação uma ponte, deve-se considerar que a estrada para Santa Maria com 20 metros de largura nossa gente não recebeu ajuda tendo seus caminhos arrombados a custa dos colonos, o artigo de exportação é o fumo (como na última safra) que embarcou todo em Dona Francisca, pela via fluvial do Jacuí, e sairia com metade do frete se tivesse sido transportado por Silveira Martins ou Santa Maria. Isso também se explica pelo fato dos colonos quererem evitar as estradas baixas, cheias de lodaçais e atoladores, preferindo a que se comunicava com sua parentela de Silveira Martins. (Sponchiado, 2006)

Um terceiro documento histórico elencado como importante data de 02 de abril de 1910 no cartório do 4º Distrito de Cachoeira, que é a Escritura de compra e venda de Lorenzo Dallacorte e de sua esposa Maria Allodi para a compra da Mitra Diocesana do RS, representada pelo Pe. Roberto Kuklok. A área seria de 2.500 metros quadrados, sendo que o valor foi de 25 \$ 000, perante as testemunhas de Paulo e João Bortoluzzi e do escrivão Alexandre Pasqualini. Demorou essa legitimação para que a Capela fosse eclesiasticamente reconhecida, e surgiu assim a segunda capela no Curato de Núcleo Norte. A tradição popular recorda que a festa anual da padroeira inicialmente ocorria no dia seis de janeiro, porém não foi encontrado nenhum documento que comprovasse tal festividade no dia santo da epifania.

O relatório do Pe. Luiz Sponchiado esclarece ainda sobre a grande festa na Capela na data de 17 de maio do ano de 1914, que foi noticiada no Semanário “II Colono Italiano” de Garibaldi assim: “Favorecida por esplêndido dia outonal, amanhecendo com ‘numerosi spari di mortaretti’ pelas 8 horas, celebrou-se a primeira missa dominical, participada por numerosos fiéis, nem bem terminada a função, quando chegou de Silveira Martins “La banda, direta dal Maestro Albino Zanchi”. Pelas 10 horas, a cavalo chegou o Pe. Valentim Zancan, que cantou: “La Messa última, coi valenti cantori de Val Veronese”. Na homilia o celebrante enalteceu a verdadeira devoção Mariana, venerando a mão de Deus, sob vários títulos como este de Caravaggio. Seguiu-se a procissão com a imagem carregada por “Giovanette vestite di

bianco”. Durante este desfile de 4 mil pessoas tocou a música com numerosos foguetes sob magníficos arcos de flores naturais e bandeirolas de papel. Louvor em especial à família Dallacorte que soube servir os numerosos forasteiros para o almoço em seu hotel. Ao final o relato ainda é citado: “Viva o Sítio dos Mellos, modelo de verdadeira fé cristã!”.

O “resgate” histórico da comunidade do Sítio Alto se deu através do interesse da diretoria da comunidade quando em 2006 completou 100 anos da construção da igreja. O presidente da sociedade Esporte Clube Juventude da época concedeu esta tarefa de resgate a uma moradora. Em entrevista, esta mulher relatou como foi sua ida ao CPG em Nova Palma, dentre outras informações. Acho pertinente trazer algumas de suas falas, pois ela relembra coisas que seu *nonno* contava a ela.

O início se reuniam na casa de alguém, mas depois como tinham o quadro e o livrinho de oração e depois em 1906 foi inaugurada a igreja, uns dizem que é próximo dessa atual por causa da torre que eles construíram na época para colocar o sino e o cemitério ficava em frente a igreja. Esse sino veio da Itália pelo fato até o padre Luizinho subiu lá em cima para ver e não tem data, mas tem a marca de fabricação e veio antes da primeira guerra porque durante ninguém vinha e não podia se trazer nada da Itália. Só que a gente não sabe nada sobre quem trouxe, como foi. Os antigos falavam que tinha a igreja de madeira pequeninha, mas tinha a torre com o sino. É o sino seria um sinal para as pessoas se reunirem porque não se tinha rádio, não tinha telefone nem nada ou quando morria alguém então com certeza se tinha o sino para isso. Eles construíram a Igreja, e o cemitério a sociedade o clube não foram eles. O lazer daqueles primeiro é a casa do Lorenço Dallacorte, onde a casa dele era um “hotel”, fazia almoços, festas, bailes até no livro da paróquia é citado como hotel. A localização é atrás da igreja. E o Lorenço foi embora daqui porque além de ter um espírito comerciante também entrou em atrito com o padre monsenhor Busatto e como ele fazia bailes, daí o padre pode ter expulsado daqui ou ele ter desgostado do que o padre tenha falado. É só que uma vez os bailes eram de tarde e os pais iam junto com os filhos. Eu acho que se naquela época tivesse salão paroquial não poderia ter baile porque os padres condenavam. Nós tínhamos baile aqui perto, ele fez um galpão grande e saía aí. Até o padre Luizinho (Sponchiado) falou que naquela época se fazia na casa do Lorenço que era considerado como se fosse um hotel. Porque as pessoas que viajavam de um lado para outro então se pagavam de noite porque era a cavalo ou a pé então tinha onde parar porque a igreja é a referência. Depois foi feito um salãozinho, a escola, mas não sei a data, mas tudo foi depois da Igreja. (Sítio Alto, 53 anos)

Essa fala vem muito a acrescentar, pois demonstra a importância que aquelas pessoas atribuíam à religião. A primeira providência, quando chegaram, foi a de se reunirem e rezarem em alguma casa e sempre com os homens “puxando” à frente. Depois fizeram uma igreja e depois essa atual, com a preocupação de adquirir um

sino, pois era através dele que se dava o sinal para que todos pudessem saber que estava no horário de se reunir ou para comunicar quando alguém havia falecido. Sobre o dia de finados a entrevistada falou algo muito interessante:

Quando eu era pequeninha meu avô falava que os primeiros se reuniam, tomavam muito vinho, cantavam. Até a noite de finados que eu não sabia eles passavam a noite inteira tocando o sino. Então um levava o garrafão de vinho, um o pão e um o salame e ficavam toda a noite tocando o sino não sei por quê, na noite de todos os santos para finados. E era ele o Luccas a família Luccas que também foram os primeiros e os Dallacorte. Só que já tinham construído a igreja o avô chegou aqui em 1917. Ele contava que no domingo quando não tinha padre eles se reuniam de tarde e rezavam o terço e faziam as orações nessa igrejinha. As mulheres iam, mas quem puxava o terço eram os homens, isso sempre falavam na catequese também quem ensinava as crianças lá eram os homens. É lá em casa quando era pequena era sempre o pai que rezava o terço aqui que era a avó porque o avô não era muito de oração. Mas que era sempre o homem isso sim (Sítio Alto, 53 anos).

Essa fala é rica, pois demonstra um hábito que os antigos tinham na noite de todos os santos para finados, ou seja, reunidos, ficavam batendo o sino durante toda noite, quando cada um levava algum mantimento. Essa mulher também recordou de outro fato muito interessante que ocorreu nos primeiros anos que essas pessoas chegaram lá. O fato de ter um jornal que chegava na comunidade e circulava entre as pessoas:

Tinha Jornal que circulava aqui no Sítio que era editado em Caxias do Sul, eu não sei como ele chegava aqui porque tem um tal de Luiz Genero (Genro?) que meu avô me contava lá por 1912 por aí e os outros iam trabalhar e o meu avô passava em frente a casa dele e ele tava sempre sentado lendo o jornal então esse Luiz dizia tu trabalha e eu me informo falava em italiano né e eu acho que ele era semanal ou mensal então era a tal de Gazeta e em 1912 eu lembro isso porque o vô contava e eu era pequeninha que esse homem ficava lendo o jornal na frente da casa né e o vô passava pra trabalhar só que o vô contava essa história porque ele acabou comprando a terra do homem porque ele não trabalhava né lia só notícia [risos]. Só que acabou vendendo a terra e foi embora não sei nunca mais tentei pesquisar porque ele foi um dos fundadores da comunidade né pra saber onde que foi, mas não conseguimos porque era Genero, só que Genero é em italiano podes ser até Genro o sobrenome, eu cheguei a conclusão assim. Só não conseguimos em Nova Palma ver pra onde foi, diz que primeiro se colocou em Vale Vêneto e depois foi, e por isso que eu sei que circulava jornal e o *nonno* sempre dizia que de domingo ele recebia jornal porque de domingo ele tirava pra ler o jornal, aliás, não dizia jornal, dizia A Gazeta, então de domingo era uma diversão deles né as notícias, porque os italianos, os homens eles tinham estudo mais que as mulher, isso também é bom, o meu vô contava que até os 18 anos ele foi na aula, só que era mais ir na estada, porque era longe, então o homem até

os 18 anos não trabalhava na lavoura antigamente ele contava isso era pra estudar então eles iam onde tinha alguma escola ou alguém que ensinasse, sempre tinha algum professor e a partir de 18 anos que eles começavam a trabalhar na lavoura e hoje em dia se manda cedo né, algum servicinho alguma coisa não se fica só pra estudar isso ele contou e acho que é verdade e era só os homem que iam na aula pra aprender né e meu vô lia o jornal de domingo de manhã, agora como chegava esse jornal até aqui eu acho que chegava com esses que viam vender os mascate que diziam, os carroceiro; e o que eles produziam tinha que ser levado até Silveira e depois a Santa Maria de carroça com os bois né, então levavam porco, feijão e geralmente não traziam dinheiro, eles trocavam por roupa, mercadoria, sal. Agora nunca pedi como chegava o jornal naquela época, mas com certeza não iam ir até Santa Maria de carroça pra trazer jornal (Sítio Alto, 53 anos).

Bellinaso (2000) traz um recorte quanto aos Carreteiros ou carroceiros, quando o aparecimento da carreta foi saudado com grande festa. Todos saíam de suas residências a fim de ver o primeiro veículo que atravessava a colônia. Esses carros partiam dos mais afastados rincões carregando milho, trigo, feijão, batata, porcos, erva mate e voltavam trazendo açúcar, sal e demais artigos do comércio. Ressalta ainda que no verão as carretas andavam sem parar, mas quando a chuva ocorria, transformava as estradas em vias de difícil acesso e os carreteiros assumiam proporções de heroísmos.

Através do relato sobre a comunidade do Sítio Alto e do relato sobre a de Novo Treviso, é possível traçar semelhanças entre as duas. A principal que destaco são as comunidades centradas em torno da religiosidade e das delimitações espaço-temporais dela derivada. A primeira necessidade observada em ambas as localidades foi a reza do terço quando as famílias se encontravam em uma ou outra casa. Logo após, surgia a ideia de construir uma capela ou igreja para que fosse concretizada a fé e devoção dessas pessoas. Destaco que, nas residências visitadas, observei alguns símbolos religiosos e ainda a exaltação das pessoas quanto ao acreditar em Deus e ter fé, participar da missa e demais atividades ligadas à comunidade. Observei que, em uma casa no Sítio Alto, havia na sala uma imagem grande de Nossa Senhora de Fátima. Então, me foi contada a história de que há umas quatro décadas atrás essa imagem passava de casa em casa para as famílias se reunirem e rezarem o terço. No entanto, em uma ocasião, a imagem caiu no chão e se dividiu ao meio, então o padre ordenou que a imagem fosse consertada e que permanecesse nessa residência.



Imagem de Nossa Senhora de Fátima (Fonte: acervo pessoal)

Como pode ser observado na figura acima, junto à imagem maior ainda há outras imagens. Essa devoção então é passada de geração para geração. Quando indaguei as camponesas sobre a questão da religião, recebi a seguinte resposta de uma delas:

Eu assim não rezo o terço todo dia, mas eu acredito... acredito muito que tenha um Deus que tem os santos e se a gente reza eu já tive muitas provas disso que Deus existe porque é bom e todo mundo deveria ter uma crença, passei isso para as gurias, que não adianta assim só pensar que tu vai conseguir sozinha tu tem que rezar tem que procurar ter uma crença porque sem tu acreditar em nada fica difícil né, então eu acho que uma religião é muito importante (Sítio Alto, 44 anos).

Interessante observar a expressão “passei isso para as gurias”, isso demonstra uma preocupação em passar o que foi já “herdado” de seus antepassados. Em contrapartida, a mesma informante tem a opinião de que a religião católica deveria passar por algumas reformulações diante das mudanças verificadas no mundo:

Mas só que os padres que estão se ordenando mais recente, eles já não tão pregando, eles tão assim evoluindo de acordo, porque eles não podem ficar parado no tempo porque se eles ficarem assim querendo pregar essas coisa assim de antigamente eu acho que eles tem razão não tiro a razão deles,



mas acho que eles vão perdendo ... e porque as pessoas não procuram a igreja católica e sim as outras, às vezes me faço essa pergunta, será que é porque elas são mais liberal liberam mais sobre sexo eu não conheço muito das outra religião também né mas... (Sítio Alto, 44 anos).

Essa fala se torna interessante, pois demonstra que essa camponesa reflete (dialeticamente) sobre os motivos da Igreja Católica estar “perdendo” fiéis, entrando em conflito também quanto aos ensinamentos da Igreja Católica, “assim de antigamente eu acho que eles tem razão não tiro a razão deles”, referindo-se aos padres que seguem uma linha mais “rígida”. Outra questão interessante é que essas mães camponesas educam seus filhos dentro desses padrões católicos. No entanto, quando esses jovens vão estudar ou trabalhar na zona urbana, param de frequentar a Igreja e seus rituais. Somente aos finais de semana quando retornam para visitar os pais é que vão à missa.

Em suma, os relatos acima expostos tiveram o objetivo de situar o leitor no espaço-tempo dos lugares pesquisados, mas também de apresentar valores significativos para as pessoas pesquisadas.

### **1.5 - Encontro etnográfico**

Foram realizadas seis entrevistas na comunidade do Sítio Alto e mais sete entrevistas na comunidade de Novo Treviso. Todas as entrevistas foram devidamente gravadas e transcritas sem a correção para a língua portuguesa. Além disso, foram realizadas diversas observações participantes, que foram realizadas aos sábados ou domingos, pois as próprias mulheres preferiam assim, pois seus dias durante a semana eram de muito trabalho.

A seguir apresento uma breve tabela contendo o número de entrevistas realizadas em cada comunidade e sua respectiva faixa etária

<b>Faixa etária</b>	<b>12 – 18 anos</b>	<b>18 – 30 anos</b>	<b>31 – 45 anos</b>	<b>46 – 60 anos</b>	<b>61 – 80 anos</b>
<b>Sítio Alto</b>	<b>01</b>	<b>Nenhuma</b>	<b>01</b>	<b>03</b>	<b>01</b>

	<b>entrevista</b>	<b>entrevista</b>	<b>entrevista</b>	<b>entrevistas</b>	<b>entrevista</b>
<b>Novo Trevo</b>	<b>01 entrevista</b>	<b>01 entrevista</b>	<b>02 entrevistas</b>	<b>Nenhuma entrevista</b>	<b>03 entrevistas</b>

Lembro que, em minha primeira visita a Novo Treviso, estava ansiosa por poder “explorar” um novo campo e também receosa de minha recepção na comunidade. Fui com a avó de uma amiga, pois essa senhora morava na localidade até uns cinco anos antes. Durante a nossa ida, interroguei o motivo dela ter se mudado para a cidade, e ela sem pestanejar, disse: “chega uma hora que as forças se vão”. Essa referência foi feita devido a ela e seu marido não terem mais o mesmo vigor de jovens para cumprir o serviço da lavoura e dos cuidados com as propriedades rurais. Contudo, observei que mesmo assim, quando ela podia estava sempre na comunidade ajudando e auxiliando nem que fosse nas pequenas atividades, ficando evidente ser impossível romper os laços de uma vida inteira. Ainda durante ida, a senhora também se lamentou que cada vez a comunidade ia ficando menor, e indaguei o motivo, e ela: “os jovens não querem mais passar trabalho então vão embora”. As falas sobre os sacrifícios dos antepassados ou das pessoas de mais idade são recorrentes, o mito do pioneiro é por vezes vivido e ressignificado por esses atores. Chegamos até a localidade que fica a 8 km da cidade num domingo por volta das 15h30min ou 16 horas, ou seja, no dia de “folga” dessas mulheres. Até mesmo nas minhas idas ao Sítio Alto, sempre procurava ir aos domingos, pois sabia que nesse dia podia conversar sem atrapalhar elas nas lidas diárias. As próprias mulheres preferiam ser visitadas nesse dia, pois sabiam que durante a semana o serviço era “pesado”.

Sobre essa questão do trabalho “leve” e “pesado”, Paulilo (1987) ressalta que essas categorias variam segundo o sexo do trabalhador e as condições de exploração da terra das regiões agrícolas. A única convicção é de que o trabalho feminino é mais barato. Essa constatação é frequente na literatura sociológica sobre a força de trabalho feminino nas cidades: as profissões consideradas femininas têm remuneração sempre inferior àquelas consideradas masculinas. Mesmo em profissões iguais e cargos iguais, os dois sexos têm remunerações distintas. Hoje já visualizamos algumas mudanças sobre esse aspecto, no entanto, ainda há restrições para as mulheres no mercado de trabalho.

A autora salienta a respeito da fumicultura e seus percalços, isso se torna passível de análise, pois, em ambas as comunidades pesquisadas, o fumo era a principal cultura das famílias. Paulilo salienta que, nos meses de colheita, o “resto” passa a segundo plano: casa, escola, culturas de subsistência, lazer e até o sono. Como está incumbido do trabalho “pesado”, o homem deixa de se ocupar de outras atividades. Mas a mulher, que faz trabalho “leve”, continua a cuidar da casa e dos filhos. A cultura do fumo, como dizem os plantadores, e como nós próprios narramos, é “cheia de servicinhos”.

Chegando pela primeira vez em Novo Treviso, na residência que a senhora me conduziu, havia duas mulheres e uma jovem na cozinha, e mais ao fundo, um menino assistindo à televisão. Convidaram-nos a sentar e assim o fizemos. Percebi que na mesa havia algumas coisas postas, mas com a nossa chegada, prepararam uma mesa farta para o lanche da tarde. Havia bolachas, cuca, pão, queijo, salame, leite, fruto do trabalho dessas mulheres. É difícil não achar essa “fartura” na mesa de um descendente e não se sentir acolhido por essas pessoas. Era notável também a alegria em poder oferecer às suas visitas o resultado de seu trabalho cunhado com esforço. Em minhas visitas anteriores ao Sítio Alto também as mulheres serviram docinhos, bolacha, chimarrão, sendo impossível “não se sentir em casa”. A comida farta se tornaram símbolos da migração camponesa bem sucedida para o sul do Brasil (Zanini, 2009).

Além disso, a comida assume um papel muito importante na construção das memórias coletivas destes grupos que, marcados por rupturas, passadas e presentes, elaboram sinais diacríticos específicos como demarcadores de seus pertencimentos e origens. E, para os italianos no Rio Grande do Sul, a comida farta e forte foi e ainda é um importante demarcador étnico. Ela deve ser servida à mesa, em exposição de abundância e trabalho produtivo. Serve para o paladar e para os olhos também. (Santos e Zanini, 2009, p. 257)

No decorrer das conversas, expliquei que, se elas permitissem, iria começar a visitá-las com alguma frequência porque estava desenvolvendo um trabalho acadêmico sobre mulheres descendentes de italianos da zona rural. Uma delas falou: “ah você quer saber como era o antigamente então?”. Prontamente disse que sim, mas que o objetivo também era ver como transcorria a vida diária delas. Logo falaram: “hoje a vida é bem melhor que antigamente, as coisas são mais fáceis não se passando tanto trabalho”. Assim, quando vi, chegaram mais duas senhoras e se sentaram conosco. Nesse momento, estávamos em sete mulheres sentadas em volta da mesa. Algo que me

chamou a atenção foi a constante curiosidade em saber quem eu era, de que família, enfim da onde tinha saído. Quando percebi, eram três perguntando sobre meus pais, sobre os ofícios destes. Mas isso é perfeitamente explicado devido ao fato de eu “estar invadindo” o espaço delas, e ao fato de que, entre os descendentes de italianos, a família é um elemento importante na localização do indivíduo.

Quase anexado a essa casa na qual estávamos, está o Museu “Geringonza”, ou melhor, o Museu Histórico de Novo Treviso, que foi todo reformulado e reinaugurado no ano de 2005 pela prefeitura municipal de Faxinal do Soturno. Uma das senhoras que estava na cozinha era a responsável pelo espaço e assim pude visitar o mesmo. Nele há álbuns de fotografias dos antigos moradores que protagonizaram as primeiras gerações de imigrantes italianos. Há também muitos utensílios domésticos e utensílios que eram utilizados na lavoura, bem como uma capela, mas que está vazia. O objetivo agora é montar novamente a capela similar como era antigamente. A senhora que cuida relatou que na igreja da comunidade estão guardadas muitas roupas usadas pelos padres que estavam ainda intactas. Durante a visita, indaguei se o museu tinha muita visitação, a resposta foi que sim, quem procura mais são as escolas, que levam seus alunos. Disse que às vezes aparecem excursões interessadas em visitar o lugar. Inclusive, lembrou que não fazia muito tempo que apareceu um ônibus cheio de italianos, que chegaram sem avisar.



Na foto, na primeira imagem de um ferro a brasa, de uma frigideira de ovos (sem gordura), um conjunto de louças sobre a mesa e um fogareiro – todos utensílios são encontrados no Museu Histórico de Novo Treviso (Fonte: acervo pessoal).

Em uma dessas idas a Novo Treviso recordo de uma entrevista, a qual me marcou. Uma senhora relatou que, quando ela tinha 15 anos, um dia a sua mãe foi lavar roupa em um rio perto de casa e acabou se afogando: “eu corri lá embaixo no rio vê, mas quando cheguei lá, vi só aquele casaco preto em cima da água boiando; eu que achei, daí voltei gritando, gritando, chamando, chamei meu pai” (Novo Treviso, 65 anos). Já se passaram 50 anos após esse episódio, no entanto, a senhora ainda se lembra emocionada como se fosse hoje. Diante desses relatos, me senti uma pessoa privilegiada em compartilhar desses momentos tristes dessas mulheres, mas também de muitos momentos alegres em suas vidas.

Ainda sobre esse acontecimento a senhora continuou:

No dia que ela se afogou, acho que ela sentiu porque ela fez todos levantar cedo se confessar e comungar, que era a primeira sexta feira do mês e daí era escuro, nós fomos pra igreja 4 ou 5 de nós tudo pequenote e fomos na igreja se confessá e comungá, e quando chegou em casa era um dia frio que tava garoando e daí antes dela ir pro rio ela olhou umas formas que tavam fazendo pão e olhou e deu uma risada e disse: “bota forma que tu tá fazendo”, mas falou tudo em italiano e daí ela foi lavar roupa e quando me deu conta que a roupa não tava mais lá em cima eu corri lá embaixo (Novo Treviso, 65 anos).

No Sítio Alto, consegui um dos meus objetivos, que foi montar um contraponto entre gerações. Entrevistei a avó, sua filha e sua neta. Suas idades eram respectivamente: 70 anos, 46 e 16 anos. Minhas percepções sobre suas diferenças foram muitas, no entanto, a vida cercada pelo trabalho as faz muito parecidas. As diferenças se tornam mais evidentes quando se trata de educação. Por exemplo, as entrevistadas de 70 e 46 anos não tiveram grande oportunidade de estudar e frequentar a escola. Apenas possuem o ensino fundamental incompleto. Já os jovens de hoje, como a menina de 16 anos, além de serem incentivados pelos pais, o que não ocorria “antigamente” têm chances de estudar devido até as facilidades de transporte. Em conversas, pude perceber que hoje a educação é muito valorizada como estratégia de “crescer” na vida em oportunidade de emprego. Ouvi vários relatos dizendo que as meninas raramente estão permanecendo no campo, cabendo essa tarefa mais aos meninos.

A entrevistada de 46 anos tem duas filhas, uma que já está fazendo faculdade em Santa Maria e a menina de 16 anos, que ainda permanece na casa dos pais porque está no ensino médio e seu maior desejo é cursar uma faculdade, e os pais incentivam ambas a estudar, pois não julgam que o campo seja um bom futuro. Já a minha primeira

entrevistada de Novo Treviso tinha 44 anos e teve dois filhos, e ela foi explícita em dizer que seu maior sonho era que eles estudassem, fizessem uma “faculdade”. O mais velho, que está com 24 anos é caminhoneiro e fica “puxando” as safras e quando está em casa ajuda na lavoura. O filho mais novo ainda é criança, mas, segundo a entrevistada, não demonstra nenhum interesse pelo estudo e quando está em casa só pensa em ir para a lavoura ajudar a plantar, colher e fazer o que for preciso.

Algo que me chamou a atenção foi que praticamente todas as mulheres entrevistadas fizeram questão de falar na cozinha. A cozinha é ponto central para esses descendentes, pois é um lugar que aconchega, além de ser onde ocorre a reunião para as refeições. Posso dizer que me senti como se fosse “de casa”, pois, para visitas mais formais, as pessoas levam até a sala. Essa característica de ter todos em volta da mesa farta chama muito a atenção entre os descendentes de italianos. Em ambas as localidades, percebi isso quando eu chegava e eles estavam já fazendo um lanche da tarde, ou logo após minha chegada começavam a preparar a mesa. Dentro desses apetitosos componentes da mesa destaco: pão, cuca, bolacha, queijo, salame, doces variados, todos feitos por essas mulheres.

Em minha segunda entrevista em Novo Treviso fui acompanhada de minha informante principal. As filhas da senhora que eu iria entrevistar estavam fazendo uma fornada de pão e de bolacha. Ela me mostrou uma espécie de mapa feito à mão com a localização de todas as famílias existentes quando iniciada a colonização da localidade de Novo Treviso, pois assim quando vão pessoas interessadas em suas origens, há como localizar e mostrar o lugar exato. Ela está também tentando reconstruir a história das principais famílias de Novo Treviso. Esse museu recentemente passou por uma total revitalização e agora acredito ser um dos principais pontos turísticos de Faxinal do Soturno. Essa informante diz que recebe escolas, excursões, pessoas de vários lugares do estado, do país e até de outros países.

Em conversa com uma senhora de 76 anos da comunidade de Novo Treviso foi produtiva, a mesma relatou uma vida bastante sofrida. Ela fez questão de falar algumas vezes que hoje em dia não aguentaria passar pelos acontecimentos difíceis que teve de enfrentar. Acredito que essa conversa poderia ter rendido muito mais pelo histórico de vida que possui, no entanto, ela estava se recuperando de cirurgia da catarata que afetou os dois olhos. Como senti que a senhora se emocionava ao relembrar alguns trechos de sua vida e também que estava fragilizada pelas dores físicas, não quis abusar de sua boa

vontade. Disse que quando ela estivesse recuperada, voltaria para acompanhar algum dia de trabalho dela e conversar mais. A mesma aceitou e pediu desculpas por não poder auxiliar mais.

Dessa forma, esse capítulo teve como objetivo apontar o histórico das comunidades que foram pesquisadas, bem como as características peculiares de cada uma. Outro ponto analisado foi o encontro etnográfico e as primeiras impressões do que foi constatado em campo.

## CAPÍTULO II – IMIGRAÇÃO ITALIANA, SEUS MOTIVOS E HERANÇAS

“A Quarta Colônia, centro do estado, bem como todas as suas comunidades, têm o privilégio de ser diferente de todas as demais, porque sua experiência imigratória evoluiu de forma própria e, hoje pode se gloriarse de conservar o dom vital da cultura dos antepassados de forma plena, consciente e rica de vida, tradição e história.” Irmão Rovílio Costa. (Fonte: Museu Histórico de Novo Treviso).

Neste capítulo, serão apresentados alguns dos *motivos* que levaram milhares de pessoas a se aventurarem em busca de *novas terras*. Outro item que será analisado é a importância da *religião* na vida desses imigrantes.

No século XIX, o Brasil começa a receber massivamente imigrantes em seu território. O início das colonizações em solo brasileiro teve origem efetivamente com a vinda de D. João VI para o Brasil em novembro de 1807. O processo de colonização assumiu um caráter inovador, visto que a proposta de renovar as estruturas existentes, como a mão de obra europeia, era uma das metas de tornar o país independente. Pela proposta colonizatória, pretendia-se criar novas condições econômicas, políticas e sociais que permitissem ao país superar todos os obstáculos decorrentes de sua formação inicial, sustentada pelo tripé: latifúndio, monocultura e escravidão.

A colonização trazia uma série de objetivos como: a formação de um grande exército pela necessidade de defesa do território, no qual eram visíveis as dificuldades de controle das fronteiras e conseqüentemente da própria hegemonia; a ocupação dos espaços que propiciasse o desenvolvimento da agricultura, do comércio e da indústria, criando classes sociais intermediárias entre o senhor de terras e o escravo; a substituição da mão-de-obra escrava pela mão de obra livre, assalariada, devido à expansão da causa abolicionista e à implantação do trabalho livre que desenvolveriam as cidades, estimulando o desenvolvimento do país. Além desses objetivos, havia a clara intenção de branquear a população, uma política assumida pela elite intelectual brasileira e pelos legisladores do império, garantindo que os colonos europeus que viessem colonizar o Brasil fossem brancos<sup>17</sup> (Pinheiro Machado, 1999).

---

<sup>17</sup> Sobre essa questão do branqueamento, AZEVEDO (1987) afirma que um dos objetivos era branquear a população brasileira, a obra traz também relatos sobre preconceitos raciais presenciados no Brasil.



Giron (1996) afirma que a imigração para o Brasil viria como uma solução do impasse sobre a extinção do tráfico, visto que a mão de obra era uma preocupação central. Uma nova política de adoção de terras corresponderia ao problema da mão de obra. Portanto, havia, por parte do Império brasileiro, o empenho no sentido de promover a imigração no país. Para o sul do Brasil, dirigiram-se muitas levas de imigrantes, constituídas principalmente de famílias camponesas, que se estabeleceram em locais demarcados denominados núcleos coloniais ou regiões de colonização italiana.

No estado do Rio Grande do Sul, a primeira colônia de imigração italiana criada foi denominada “Conde D’ Eu”, atualmente Garibaldi. Posteriormente, uma segunda colônia de imigração italiana foi demarcada ao lado da primeira: “Dona Izabel”, hoje Bento Gonçalves. A terceira foi “Duque de Caxias”, também chamada “Campo dos Bugres”, hoje Caxias do Sul. Oficialmente inauguradas em 1875, as três juntas formavam um bloco nos contrafortes da Serra Geral. Essas três primeiras davam início a uma primeira fase da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Mas um quarto núcleo se formou na região central do estado: a Quarta Colônia teve a chegada de sua primeira leva de colonos em 1877 e era composta por 80 famílias<sup>18</sup>, que seguiram de barco pelo Rio Jacuí até Rio Pardo e daí, de carreta, até a serra. Situada entre os vales e encostas da região central do Estado, na Serra Geral, a Quarta colônia de Imigração Italiana é composta pelos municípios de Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Silveira Martins e São João do Polêsine. Localiza-se no centro do Estado, junto à cidade de Santa Maria.

Sob essa ótica, Santin (1990) denomina a Quarta Colônia com o termo de a “imigração esquecida”, visto que essa não teve o mesmo desenvolvimento econômico das outras colônias. Saliento que a imigração na região da Quarta Colônia pode ser considerada como positiva dentro do ponto de vista que essas famílias prosperaram sim, dentro dos limites possíveis e mantiveram traços étnicos e familiares passados de geração em geração, o que, para eles, é sinal de sucesso da empreitada migrantista também.

---

<sup>18</sup> Tabela completa com os 80 sobrenomes encontra-se no trabalho de SCAPIN (2002, p. 35 e 36).

O que intriga muitas pessoas, no entanto, é como é possível tal discrepância econômica entre as ex-colônias de Caxias do Sul e Silveira Martins. Somente para exemplificar brevemente as diferenças entre as ex-colônias, Caxias do Sul foi tecendo seu desenvolvimento a partir da produção primária e artesanal até a industrial; já na década de 30 possuía 428 estabelecimentos industriais das mais diversas ordens: alimentação, couro, têxtil, metalurgia, cerâmica dentre outros. A ligação ferroviária a partir de 1910 ampliou significativamente o escoamento da produção até a capital e demais centros do país. A própria distância espacial entre a ex-colônia de Silveira Martins e a capital dificultou o acesso a possíveis oportunidades. Diferente da Quarta Colônia, a atual Caxias do Sul emancipou-se em 1890 e teve uma organização política, social e econômica que transitou da economia de subsistência para o crescimento comercial e industrial.

Segundo Santos (2010), Caxias do Sul teve um rápido crescimento em relação a outras colônias, em 1895 passou a contar com telégrafo e em 1906 com o telefone. Em quinze anos superou a fase colonial e distrital e transformou-se em um município autônomo. A localização privilegiada auxiliou, pois se cruzavam vários caminhos na serra gaúcha. Essa era a imagem de uma colônia bem sucedida com produção agrícola baseada na pequena propriedade e exportada por caminhos vicinais conectados entre si (p. 163 - 164).

Destaco que no âmbito da imigração sempre temos a tendência de citar ou lembrar dos grupos ou famílias que “deram certo” e esquecemos de que nem todos tiveram as mesmas chances e oportunidades. Quantas comunidades desapareceram e, para cada vencedor, milhares de homens e mulheres não conseguiram “fazer a América”, e certamente não lhes faltou coragem, honestidade e trabalho (Favaro, 1996, p. 286). Sobre a imigração em si, as pessoas tiveram vários motivos para realizar essa travessia. Na Europa, no século XIX, terminada a luta pelo processo de Unificação Italiana (1860/70), o sonho de paz e prosperidade foi substituído por uma dura realidade: batalhões de desempregados e camponeses sem terra não tendo como alimentar a si nem a suas famílias.

A Revolução Industrial, com o advento das máquinas, substituiu o trabalho do homem com muito mais lucro e perfeição. Diminuíram drasticamente as possibilidades de trabalho que permitiam uma vida decorosa. A solução encontrada por muitos italianos foi emigrar em busca de novas terras, maiores possibilidades de trabalho e

favoráveis condições de vida. No Brasil, a abolição da escravatura, o ciclo do café e a forte campanha do governo brasileiro para atrair mão-de-obra estrangeira motivaram a imigração.

Grosselli nos diz:

A transformação do sistema econômico europeu trouxe consigo uma reordenação das relações econômico - políticas entre as várias áreas geográficas (...) Como paradoxo, se poderia afirmar que a América foi uma descoberta do capitalismo europeu. Isto no sentido que este continente se povoou aceitando aqueles que foram expulsos das áreas agrícolas européias e organizando uma economia que respondesse às exigências do mercado europeu; uma economia, pois, produtora de matérias-primas e assimiladora de manufaturados industriais. (p. 93, 1987)

Na Europa, os que mais se beneficiaram com as Unificações, tanto italiana quanto alemã, foram os burgueses e os capitalistas. A classe média e os trabalhadores agrícolas caíram na miséria, sendo que a Itália estava superpovoada, além da inexistência de emprego ou algum modo de sobrevivência. Com tudo isso, uma série de fatores criou força para produzir a emigração desses italianos para o Brasil e Argentina. Não foram motivos religiosos ou raciais, mas fatores estritamente econômicos e sociais os causadores dessa emigração.

Grosselli (1987) assinala que os camponeses europeus emigraram, pois a sociedade estava assumindo características, as quais não iriam permitir a sobrevivência desses camponeses. “A classe camponesa tinha teoricamente à disposição algumas opções: aceitar a primeira (capitalismo), ou combater para salvar seu modelo social, ou finalmente, ir-se embora” (p. 17, 1987).

É notável que um dos principais fatores que levaram essas pessoas a se aventurarem do outro lado do continente em busca de seus ideais. Segundo Zanini: “(...) uma grande massa de camponeses, mas também por uma utopia de poder reconstruir, na América, uma sociedade que estava irreparavelmente se despedaçando” (2006, pg. 40), ou seja, além das questões econômicas, políticas e sociais mais amplas, havia o desejo de manutenção de uma determinada ordem cultural, de um determinado modo de vida.

Uma constante preocupação dos colonos italianos era o que esse novo sistema econômico e social poderia vir a fazer com os seus hábitos, costumes. Entende-se que essas pessoas eram muito ligadas as suas famílias, ao seu trabalho, a sua religião. Temos

esses aspectos muito fortes dentro dessa cultura e sempre tentando ser perpetuada de geração em geração. Dessa forma, podemos concluir que não foi somente o fator econômico que impulsionou essa imigração começada no século XIX, mas sim, uma mescla de fatores.

## **2.1 - A decisão de ir em busca da nova terra**

A busca dessa nova pátria pelos colonos italianos tinha como objetivo então a conquista de terras sem estarem presos aos seus patrões italianos. Essa suposta liberdade que os colonos poderiam vir a conquistar tendo como possível consequência a conquista de seu pedaço de terra foi o impulso necessário para enfrentar a longa viagem e as incertezas do futuro.

Isso é explicitado logo na introdução do Livro “Lá éramos servos, aqui somos senhores”, em que Vendrame cita:

Os ‘patrões velhacos’ e as autoridades, responsáveis por cobrar impostos, taxas, arrendamentos das terras e restringir o livre-arbítrio, eram vistos pelos imigrantes como os culpados por diversas dificuldades e pela situação de miséria em que muitos se encontravam. A revolta pode ser percebida freqüentemente nas cartas que os colonos enviavam aos parentes na Itália, nas quais expressavam ódio aos seus antigos ‘patronni’. (2007, pg. 25)

Bergamaschi (2007) associa a conquista de terras à ascensão econômica, mas junto dela traz vinculada uma competição social e econômica, ou seja, “valho mais porque tenho mais”, e junto a essa aquisição econômica a da conquista social é simbolizada pela terra e pela casa (p. 22). Em suma, a posse de terra sinônimo de propriedade é um artifício de inclusão social, contrapondo o que esses emigrados sofreram na Itália, ou seja, contrapondo uma exclusão social, pois devido aos conturbados fatores econômicos, políticos, sociais, era negada a conquista da terra. Há uma interessante citação que segue:

Indiscutivelmente, a maioria veio por imposições econômicas, para melhorar a situação financeira e com o fito de fazer fortuna rápido. Cumpre notar, entretanto, que entre os colonos, havia muitos remediados e mesmo alguns ricos. Motivos diversos certamente os trariam ao Novo Mundo. Talvez casos sentimentais, sede de aventuras ou desejo de conhecer novas terras. O fator político também teve sua contribuição. As lutas internas da Itália trouxeram para cá muita gente que desejava apenas trabalhar e viver uma vida pacífica. Do mesmo modo, muitos perseguidos e insatisfeitos também emigraram à espera de melhores dias para retornarem a pátria. Damos como exemplo comprovante o fato de que sociedades secretas e até as dos carbonários, então

bastante numerosas e desenvolvidas na Itália, aqui tiveram continuadores e disseminadores (CHIARELLO, 1995).

Nessa citação é interessante observar que vieram vários grupos com diversos objetivos. Por vezes, caímos na homogeneização desse grupo de italianos que aqui chegaram. Franzina (2006) observa que por vezes a grande emigração foi explicada por fatores genéricos ou a velha impotência historiográfica de justificar tal “expulsão” como algo que existiu porque “devia” existir. A análise correta seria a de os historiadores e estudiosos não se limitarem a alguns poucos aspectos desse fenômeno migratório, mas sim que ocorresse uma força para explicá-lo construindo suas etapas e motivações fundamentais (p.33).

Franzina (2006) legitima a necessidade de se verificar que a questão migratória deve ser elencada em paralelo com as peculiaridades do “modelo de desenvolvimento” italiano. Destaca-se que na Itália começa nos anos 50 do século XIX a evolução do capitalismo. No entanto, uma constatação é de que a emigração, de forma ligeiramente modificada, perdurou até poucas décadas atrás e conduziu para fora da Itália milhões de trabalhadores. Em outras palavras há um processo migratório da transição de um país agrícola e pré-industrial, mas também em um estágio de maturidade do sistema capitalista (p. 34).

Em Simonetti (2008), encontra-se a data de 19 de março de 1877, na cidade de Porto Alegre, a chegada da primeira leva de imigrantes russo-alemães vindos de livre e espontânea vontade de Saratow. Após essa, outras expedições zarparam formando um montante de 400 pessoas, sendo encaminhadas para o seu respectivo núcleo, onde hoje é a cidade de Silveira Martins. No entanto, em outubro desse mesmo ano, esses imigrantes começaram a ser dizimados por doenças tropicais. Dessa forma, reimigraram para a província do Paraná, mas o descontentamento os assolava, além disso, perderam seus subsídios concedidos pelo governo provincial. Tendo todos esses problemas e sabendo da construção da estrada de ferro da margem do Taquari até a fronteira, houve então uma conspiração para partirem para a Argentina.

A chegada dessas 400 pessoas coincidiu com a grande estiagem. A seca foi o maior agravante do fracasso dessa imigração. Para termos uma ideia, a última precipitação foi constatada em 12 de agosto de 1876, tornando a chover novamente no final de fevereiro de 1877 (acervo CPG Nova Palma, Padre Sponchiado, livro de cronologia sobre os Russo-alemães). Assim, na primeira quinzena de outubro de 1877, a

maioria dos imigrantes regressaram a Porto Alegre, outros foram para a Argentina e Uruguai.

Lorenzoni (1975) narra o passo a passo desde a decisão de emigrar até a chegada no Novo Mundo e suas dificuldades. Cabe destacar que Lorenzoni tinha 14 anos quando partiu da Itália com sua família para a América. O autor descreve as dificuldades que passava na Itália vivendo em uma comunidade de camponeses pobres, onde em um ano a colheita era farta e em outros mal conseguiam pagar as dívidas.

É interessante trazer as considerações de Franzina (2010), que faz um apanhado geral sobre o contexto da imigração, da vida de Lorenzoni e de suas memórias. Sobre os mecanismos da imigração daquele período, o que se observava era um mecanismo de expulsão/atração, que no fundo não explica os fatores determinantes de um êxodo de massa. Esse fluxo migratório se formava devido ao que era apresentado do outro lado do atlântico em especial ao Rio Grande do Sul. Outro fator importante eram as agências especializadas em transporte marítimo (pg. 67). Franzina (2010) aponta que as memórias de Lorenzoni são um legado através de um corpus escrito pelos imigrantes. Essas correspondências, diários, passam a fazer parte de um patrimônio de fontes do passado da imigração. Tanto que essas cartas trocadas entre pessoas no Brasil e Itália serviam de motivação ou desmotivação para futuras travessias ao novo mundo (p. 68).

Franzina (2010) continua sua explanação relatando que os pequenos proprietários foram os que se colocaram em primeiro lugar para realização da travessia. Venderam seus móveis dentre outros bens que possuíam para tentar a sorte na imigração, cujas causas são múltiplas e variam de cidade para cidade. Então, entre esses imigrados, o sonho maior da conquista de terras em um “país fabuloso” passaria a ser a tentativa dessas pessoas. Lorenzoni (1975) se autodefinia como “colono do Vêneto”, trabalhador e cumpridor de seus deveres, mas nem por isso disposto a renunciar os prazeres, ainda mais pela nova condição de trabalhador livre e proprietário. O prazer na mesa descrito por vinho e gastronomia seria colocado em primeiro plano, tornando-se quase um símbolo de status de mudança na condição de vida desses emigrados (p. 73).

Na mesma obra é exposto que foi por meio de um padre que ocorreu o total convencimento desses colonos de emigrarem em busca de novos horizontes. Como é relatado: o mesmo padre “(...) comparava o Brasil a uma segunda Canaã” (p.16, 1975), onde iria se trabalhar pouco, mas colher muito o sonho de qualquer camponês repleto de dificuldades. Todos interessados na travessia respondiam: “Queremos emigrar – basta

de miséria!” (Lorenzoni, 1975, p.17). Nos trechos seguintes é comum notar nas palavras que as pessoas estavam muito eufóricas, mas ao mesmo tempo com medo do que poderia estar por vir.

Sobre a travessia, Andrea Pozzobon (1997) descreve a necessidade de fazer a travessia devido às péssimas condições em que viviam lá em sua terra natal e aqui poderiam “fazer a América” (p. 56). Os dados relatados no livro são repletos de sofrimento. Na Itália esse era o quadro:

Sem higiene, sem saúde, sem pão, sem terra, sem teto, um país de analfabetos e miseráveis, exauridos pelas guerras de unificação, ‘far l’América’ – fazer a América – era a única esperança de libertar-se de tão indignas condições de vida (1997, p. 57).

Os relatos de Pozzobon (1997), que era um dos que estava passando por aquela situação torna a leitura ainda mais comovente e as palavras podem ser sentidas devido a sua descrição. Dentre as narrativas, pode-se ter a imagem da despedida da Itália e o sofrimento dos que ficavam e a esperança, mas ao mesmo tempo medo pelos que emigravam. Há uma passagem que traz as misérrimas condições que todas aquelas pessoas foram obrigadas a passar dentro do navio. Desde péssima alimentação até ter que beber a água que era condicionada em um recipiente de chumbo, ficando com um gosto terrível. Chegados aqui nessa terra ainda por colonizar, Seyferth (1999) aponta que todos compartilhavam da identidade de colonos estrangeiros.

Na praça central do município de Faxinal do Soturno, chama atenção um barco que fora construído no ano de 1975 para homenagear a travessia dos primeiros imigrantes aqui chegados. Ressalto que nessa data se comemorou o centenário da chegada dos primeiros imigrantes italianos em solo brasileiro. A travessia, com certeza, foi e é um marco importante na história deste processo migratório e também das cidades da Quarta Colônia/RS. Rubin (1988) salienta que no ano de 1925, quando se completou cinquenta anos de imigração italiana no estado, onde hoje é a Praça Central de Faxinal do Soturno ergueu-se um Bebedouro, ou melhor, uma lápide em mármore, que tinha esculpido um panorama agrícola com um texto em italiano. A cena apresentava um lavrador em primeiro plano e o sol que nascia de fundo. No entanto, a lápide teve de ser arrancada durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) na ditadura Vargas, quando houve algumas restrições aos imigrantes e descendentes de italianos e alemães.

Corteze (2002) em sua obra relata sobre a travessia, que em geral eram muitos passageiros a bordo de um navio de pequeno porte, e essas pessoas viajavam mal acomodadas, sem assistência alguma de médicos ou medicamentos (p. 40). Ainda são citados casos de mortos que eram jogados ao mar e pessoas vivas doentes para evitar contágio. Pessoas que criticavam o abandono dessas pessoas da Itália comparavam essa travessia a do tráfico de trabalhadores escravos, devido ao sofrimento da viagem e as suas situações precárias (p.72 - 73). A autora assinala o naufrágio do navio “Sírío”, ocorrido na costa da Espanha, e que os historiadores gaúchos, quando se referem a um acidente marítimo, esse é o exemplo mais utilizado. Tanto que a autora intitulou esse subitem como “Titanic de imigrantes”. Apesar de os transatlânticos estarem sempre abarrotados, eram relativamente seguros, não havendo naufrágios habituais. No entanto, o caso do navio “Sírío” assumiu dimensões e relatos inusitados na memória da imigração (Corteze, 2002, p. 76 - 77)

Maestri (2010) indica que na comemoração dos cinquenta anos de imigração italiana sulina, foi promovido cerimônias da chegada dos colonos – camponeses. Essa publicação teve dois volumes e na maior parte foi escrito em italiano. A abertura é uma breve saudação de Benito Mussolini. Em 1950 houve então a comemoração dos 75 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (p. 95). As celebrações foram menos significativas que as dos cinquenta anos, não havendo nenhuma comissão responsável pelos festejos.

## **2.2 - A importância da religião**

Diante de tantas provações, essas pessoas se apegavam cada vez mais a suas devoções. A fé católica é marca permanente entre os que emigraram e é passada de geração para geração. Essa característica da religiosidade católica é vista materializada nas Igrejas, capitéis, santuários, presentes até os dias atuais.

Rovílio Costa cita:

A ação da igreja por seus padres, também desprotegidos, torna-se o único elo de união de forças entre os colonos, o sinal da esperança material e espiritual, os padres se tornam líderes acreditados por todos capazes de diluir distâncias



e bairrismos provincianos peculiares aos italianos, e de agregar comunidades e grupos em torno da estrada a abrir, de uma ponte a construir, de uma capela ou de uma escola a edificar. (1996, p. 499)

Com essa citação, é perceptível que a capela ou Igreja exercia sobre esses migrantes um controle social sobre suas vidas, um controle do que podia ou não ser feito e como deveria ser feito. Essa organização auxiliava esses colonos tanto no seu cotidiano quanto na sociabilidade na nova pátria. Visto que aquelas pessoas não esperavam tantas diversidades para resolver seus problemas de ordem econômica, a religião e o auxílio dos padres vinha como alento e força para seguir no dia a dia.

Segundo Piccin (2009) e Bezzi (2009), ocorre uma relação significativa entre imigração italiana e religiosidade, uma vez que os imigrantes italianos continuaram no Brasil a reproduzir seus costumes religiosos trazidos da Itália. A expressiva religiosidade foi fundamental para que eles se fixassem na nova terra, criando sua identidade cultural, a qual foi sendo transmitida, juntamente com os princípios da religião católica, às gerações futuras. A materialização da religião se expressa, na Quarta Colônia, através das construções sacras, como as igrejas, os capitéis, as grutas e os cemitérios. Paralelamente, a conservação e veneração aos símbolos religiosos, como a cruz, o sino, as imagens sacras, o terço, os capitéis, as igrejas, as grutas, romarias, festas sacras, constituem-se em elementos que agregam e fortalecem essa manifestação cultural. Estes simbolizam a presença do sagrado nos municípios, nas comunidades e nas residências. Também se deve destacar a vivência diária dessas pessoas, na qual a religião católica é considerada um código consolidado através do convívio familiar e da participação comunitária, criando laços de união entre seus habitantes e caracterizando um espaço próprio, perceptível na paisagem destes municípios.

Vendrame (2007) aponta uma interessante visão a respeito da religiosidade entre os imigrantes e seus descendentes na Ex-Colônia de Silveira Martins. As explicações abstratas do catolicismo não faziam muito sentido e nem tinham muita importância para aquelas pessoas, pois, para eles, a religião deveria ter uma utilidade prática. Dessa forma, os padres palotinos se aproximaram dessas pessoas através da bênção e das intervenções das aflições cotidianas dos colonos.

Na Itália, as atividades sociais estavam centradas na igreja e, quando chegaram ao Rio Grande do Sul, com a impossibilidade de encontrarem uma organização religiosa já estruturada, trataram de criar a sua. As famílias mais próximas uniam-se para a

construção da capela, que passava a ser o ponto de encontro nos fins de semana e o centro da vida social.

De Boni cita:

Ao redor dela surgiu a bodega (esta, muitas vezes, a precedeu), o salão de festas, a cancha de bocha, o cemitério e, quando foi o caso, também a escola. Mais tarde, mudando-se os costumes, providenciou-se igualmente uma cancha de futebol. O grande dia local era o do santo padroeiro, comemorado com uma novena ou tríduo de cerimônias religiosas e profanas, excluindo-se destas, quase sempre, o baile. (1996, p. 236)

Atualmente, esse legado cultural da região da Quarta Colônia, inclusive as várias igrejas e as capelas nas comunidades, vem sendo explorado pelo turismo, como forma de valorizar a cultura italiana. Nos clubes e associações, é interessante salientar que hoje é observada a participação das mulheres nos jogos e recreações, o que há anos atrás era restrito ao domínio masculino. Essa vem a ser uma das formas de lazer encontrada por essas camponesas, nos finais de semana, já que no decorrer da semana, devido ao serviço bastante intenso, é difícil haver alguma recreação. Aos finais de semana também é característica a ida à missa, logo após há as conversas, reencontros entre as famílias e algumas mulheres ficam no clube ou sociedade para algum jogo ou acompanhando os homens jogarem.

Abordar o código religião católica torna-se complexo, uma vez que o mesmo faz parte da identidade cultural deste povo, identificando esta população pela fé e caracterizando este espaço via materialização de construções sacras. Assim, a religião católica está presente na paisagem da Quarta Colônia como código cultural material e imaterial. Como código material, é expresso, principalmente, por meio das construções sacras e símbolos religiosos, os quais tornam o espaço diferenciado. Como forma imaterial é perceptível via fé e devoção destes habitantes. No entanto, destaca-se que, na maioria das vezes, é a partir do aspecto imaterial que se consolida o material, ou seja, a partir da fé, das promessas, entre outras, que temos a materialização da religião na paisagem, por meio dos símbolos religiosos, via construção das igrejas, capitéis, grutas, entre outros símbolos.

Grosselli (1987), analisando a importância da religião entre os camponeses que migraram, ressalta que a Igreja Católica gozava de privilégios que vinha do seu passado

e mais que outras tinha o monopólio sobre a consciência camponesa. Dessa forma, fica mais simples de entender o quanto representa a religiosidade para aquelas pessoas.

Porém, o que se deve ressaltar é que a religiosidade, compreendida tanto como código material quanto imaterial, está presente na vida diária desta população, que, a partir de sua grande devoção e espiritualidade, construiu o espaço sagrado. Por fazer parte de sua identidade cultural, a religiosidade é percebida e contemplada por todos os que a este recorte espacial se refere, pois encontram materializados nestes espaços sagrados a sua presença.

De Boni (1996) explica a busca da identidade dos recém chegados imigrantes, quando esses não se sentiam nem brasileiros nem italianos e sim estrangeiros no Brasil. Não o eram italianos emocionalmente, pois o seu país, recém unificado de forma anticatólica, atingira as convicções religiosas desses camponeses do norte italiano. No Brasil, o grupo italiano se apresentava como homogêneo, e desconsideravam as importantes peculiaridades entre aqueles imigrantes. Embora esses grupos falassem diferentes dialetos e apresentassem costumes diversos. Essa tonalidade complexa da colonização ficou por anos ignorada (Constantino, 2010).

Zanini (2006) expressa importantes aspectos acerca da busca da identidade dos descendentes de imigrantes italianos na região central do estado. Podemos dizer que foi a partir de 1975, com os festejos do Centenário da Imigração Italiana, que a identidade de italiano começou a ser construída, já que, no período da Segunda Guerra Mundial, esses descendentes italianos ficaram incapacitados de demonstrar qualquer coisa que lembrasse a Itália, sendo esse país rival do Brasil na guerra<sup>19</sup>. Havia então uma apatia dos descendentes em relação sua pátria mãe, somente se reanimaram após os festejos do centenário, vindo à tona uma forte manifestação identitária. Dessa forma, é resgatado o orgulho de ser descendente italiano, essa italianidade pode ser percebida através do estilo de vida, consumo de bens culturais, determinado gosto de se vestir, culinária específica. Há uma importante referência ao resgate dos “antigos”, ou seja, os seus ancestrais são idealizados como exemplo de coragem e luta e passam a ser espelho para as atuais gerações.

Em 1936 os palotinos inauguraram um trabalho apostolado que se estendeu com muitos bons frutos. Eram retiros abertos de três dias para classes separadas, ou seja, de senhoras, de homens, de moços, moças e, às vezes, de crianças.

---

<sup>19</sup> Sobre as perseguições nesse período é interessante lembrar DALMOLIN, 2005.

Rubin (1988) relembra que em agosto de 1950 houve um Congresso Palotino Eucarístico – Mariano, que projetou o nome de Faxinal do Soturno no estado e fora dele. Esse Congresso, realizado no ano de beatificação do fundador dos palotinos, São Vicente Palotti, segundo a imprensa, reuniu cerca de 15 mil pessoas. Ressalto que a Praça Central de Faxinal do Soturno tem como nome São Vicente Palotti, tendo uma estátua em sua homenagem

Vendrame (2007) aponta ainda que o padre, nas primeiras décadas de colonização, passava ao menos uma vez por ano em cada família para dar sua benção e proteger a propriedade da seca, da enchente, dos gafanhotos, dos ratos, das doenças, enfim de todo mal possível. Muitas dessas pessoas traziam da Itália crenças “mágicas”, ou seja, bruxarias, feitiçarias, e coube aos padres então combater esses segmentos que eram contrários à igreja católica. Atendendo a essas pessoas e dando orientações é que a Igreja conquistou seu “rebanho” e passou a ser o eixo sócio-cultural desses imigrantes (BIASOLI, 2007).

Nesse segundo capítulo procurei apresentar um breve apanhado da imigração italiana no Brasil e em especial no estado do Rio Grande do Sul, bem como alguns motivos que trouxeram milhares de pessoas além mar para tentar uma vida melhor em outro continente. Outro ponto de destaque no capítulo foi a importância da religião na vida dessas pessoas, visto que houve um grande apego ao catolicismo.

### **CAPÍTULO III – SOBRE A QUESTÃO CAMPONESA E OS COLONOS ITALIANOS NO RIO GRANDE DO SUL**

Nesse capítulo serão abordadas algumas características da *colonização italiana camponesa* no sul do país, será explanada em um tópico a questão do *casamento*, será abordada também a questão da *sucessão das terras* e o que isso pode gerar na reprodução social e moral do camponês. Em outro item será abordado o *papel de jovens e crianças* no interior das famílias.

Para Moura (1988), o camponês foi e sempre será a ala oprimida da sociedade, pois ele sempre será marcado pela subordinação aos grandes donos de terra e ao poder estatal ou governamental. Quanto à definição do que é camponês, a autora é enfática em dizer que a escolha de um simples conceito não é simples, devido aos camponeses terem grande vitalidade histórica. Pois o conceito é implicado de nuances culturais. A categoria camponês, que etimologicamente vem de campo (*campus*, no latim), é vivenciada como uma condição subalterna. Seria o pobre, fraco, antônimo de grandes proprietários de terras. Inclusive no Brasil é assim que fazemos a imagem de camponês.

Em Santos (1981, p.110), o camponês é conceituado pela sua presença de força de trabalho familiar em que todos os membros se tornam em um trabalhador coletivo. São caracterizados pela apropriação da terra em regime de propriedade familiar, ou de posse e sua apropriação dos instrumentos de trabalho. O trabalho camponês está subordinado, formalmente, ao capital. Reproduz assim suas singularidades, pois o camponês permanece proprietário da terra e de seus meios de produção, continua utilizando a força do trabalho familiar e tendo um baixo nível de mecanização.

Para Cardoso (1987), são quatro itens que caracterizam a camponês: o acesso estável à terra, seja em forma de propriedade, seja mediante algum tipo de usufruto; trabalho predominantemente familiar, o que não exclui o uso de força de trabalho externa, de forma adicional; a auto-subsistência combinada a uma vinculação ao mercado, eventual ou permanente; certo grau de autonomia na gestão das atividades agrícolas, ou seja, nas decisões sobre o que e quando plantar, como dispor dos excedentes, entre outros. A produção camponesa é aquela em que a família ao mesmo tempo detém a posse dos meios de produção e realiza o trabalho na unidade produtiva, podendo produzir tanto para sua subsistência como para o mercado (p.56).

Nas comunidades rurais da Quarta Colônia, em especial nas do Sítio Alto e a de Novo Treviso, identifiquei as características que Santos (1981) e Cardoso (2002) assinalaram. Nas famílias das camponesas escolhidas como informantes (e colaboradoras), observei o empenho de todos os membros da família nos mais diversos trabalhos que a propriedade exige. Na comunidade do Sítio Alto, esses trabalhos são exclusivamente dos membros da família, diferente ocorre em Novo Treviso, onde as famílias admitiram contratar pessoas para ajudar no auge da colheita:

É na época plantavam bastante soja, feijão fumo de tudo e era tudo colhido a braço, não botavam peão que nem hoje em dia, antigamente era só a família única coisa que faziam da vez em quando pegavam duas ou três famílias juntas daí se trocavam os dias e hoje a gente pega peão para ajudar na época da safra para colher feijão.... Os peão vem da cidade eles chamam empreiteiro né, daí ele vem com uma Kombi cheia de gente né, mulher, homem, daí ele pega das vila aí eles trazem comida para passar o dia e tudo, a gente só empreita pro empreiteiro tanto e ele se vira nós não precisamos se preocupar com nada, nós só paguemo valor X para aquele empreiteiro [...] sim daí tem aqui mais famílias sempre mandam colher, nós tem várias pessoas quem planta feijão, a maioria manda arrancar e também os fumo quem tem bastante fumo. (Novo Treviso, 44 anos)

Na comunidade do Sítio Alto, colhi o seguinte relato sobre a troca nos dias de trabalho:

Sim porque é com máquina né e não é muuita terra assim às vezes a gente se troca aqui, vem ajudar no plantar e na safra e assim empregado e peão não às vezes um dia né mas é muito difícil porque é tudo com máquina, passa veneno com máquina e tal e coisa só com máquina, mas lá meu cunhado ajudou daí meu marido depois ajuda ele quando tem que cuidar plantadeira ou coisa assim, então a gente sempre troca aqui talvez só pegam pra quem planta fumo os outro se troca é aqui a vizinha que também planta fumo troca com o vizinho (Sítio Alto, 53 anos).

Esse ato de “trocar” remete a uma reflexão que Sabourin (2009) fez a respeito da reciprocidade entre os camponeses. Nesse sentido, em uma sociedade de reciprocidade é necessária a doação, e para doar é preciso produzir. Dessa forma, a lógica dessa reciprocidade motiva uma importante parte da produção e de sua transmissão. O autor aponta que a mão de obra por meio de convite de trabalho ou de ajuda mútua constitui uma redistribuição compartilhada dos fatores de produção.

Outra característica interessante de análise é a imagem que o próprio camponês cria dele, de submisso e de alguém de menor valor do que outrem. Renk (2000) salienta

que por vezes o camponês é denominado de pé-rachado, de grosso, sem educação alguma. De certa forma, é criada uma imagem onde os próprios camponeses tomam posse de certos atributos mesmo não os tendo. Lembro, assim, dos sinais diacríticos de Barth (2000) para elucidar o que está sendo proposto. Esses sinais o grupo escolhe para diferenciá-los dos “outros”, mas, dependendo da situação, os mesmos podem mudar. Entre as mulheres pesquisadas, é comum notar o modo de falar “carregado” e com várias palavras ou frases do dialeto italiano, que aprenderam com seus pais ou com os “nonnos”, além disso, o modo de caminhar e de se vestir às vezes as distingue das pessoas da “zona urbana”. Alguns símbolos garantem assim a continuidade e singularidade do grupo passando a criar uma forma de identidade entre as pessoas.

Bourdieu (2006) analisa o baile de interior como sendo um choque entre civilizações, entre o mundo urbano *versus* o mundo rural. Dessa forma, as músicas, danças e letras do modelo tradicional deram lugar às urbanas. No entanto, isso não conseguiu substituir o adjetivo “pesadão” do camponês quanto a sua forma de dançar, caminhar. Essa postura corporal pode também ser identificada em outras sociedades camponesas. Saliento que nas comunidades em que pesquisei, algumas pessoas possuem traços mais marcantes no caminhar, no se expressar. Quando em contato com a cidade, por vezes, essas características destoam das demais pessoas. Observando isso, percebi ser mais visível nas pessoas de meia idade ou nas mais idosas. Porém, as pessoas da zona rural quando precisam ir até a cidade, colocam, em geral, “a melhor roupa”, isso também foi facilmente percebido. Ressalto isso, pois, quando cheguei em suas casas, geralmente as mulheres pediam desculpas por estarem com roupas velhas, por vezes rasgadas, mas são próprias da “lida”. Quando via essas mesmas pessoas caminhando pela cidade, era evidente a mudança no vestuário e, às vezes, até no modo de agir. Em suas propriedades, essas pessoas se apropriam de seu espaço e realmente são donas, podem fazer gestos à vontade, falar de forma expansiva, caminhar e falar da forma que acham apropriado fazer. Já no meio urbano, por vezes, se tornam recatadas, ou seja, mudam a forma de expressão corporal e oral, baixando o tom da voz. Ocorre, como diz Bourdieu, uma mudança na *hexis* corporal do camponês. Assim, o camponês que precisa ir até a cidade não é, geralmente, mal vestido, mal barbeado. Como algumas ou alguns precisam ir aos bancos, vender sua produção, ir ao mercado, ao médico, enfim, querem deixar uma “boa impressão” e não uma imagem de desleixo.

Já em Woortmann (1990), a campesinidade está intimamente interligada aos valores morais, éticos, à subjetividade, centrados na família. Essa campesinidade então é vista como uma ordem moral enquadrada em uma ética camponesa e em uma ordem moral. A terra é percebida como patrimônio da família e da onde lhe é retirado o sustento, nesse sentido, a terra não é uma mercadoria.

### **3.1 - Sobre a colonização italiana e suas características**

A colonização italiana e alemã no Rio Grande do Sul fez parte de um projeto geopolítico do governo imperial brasileiro, que ocorreu no final do século XIX e início do século XX e utilizava a imigração para preencher os chamados “vazios demográficos” do Sul do país (Pinheiro Machado, 1999). Na pós-independência, houve uma decisão de concentrar a colonização na região sul como uma decisão geopolítica, de consolidação de fronteiras. Neste contexto, os indígenas que ocupavam aquelas terras não eram pensados como nacionais ou brasileiros. Além dessa função estratégica e geopolítica, a imigração foi planejada como um processo não só de substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre, mas principalmente de substituição do negro escravo pelo branco europeu, em um processo de colonização baseado na pequena propriedade. Nessa perspectiva, a escravidão era vista como uma forma arcaica de produção que não combinava mais com a modernidade, enquanto a colonização era vista como um processo civilizatório. No início do século XX, com a aceitação em nível oficial da tese do branqueamento, que apostava na imigração e na miscigenação como forma de “branquear” a população brasileira, houve um apoio maciço à imigração européia e à defesa irrestrita de uma imigração de brancos oriundos da Europa (Seyferth, 1990).

Essa colonização dá origem à formação de um novo tipo de campesinato no Brasil, que por sua vez engendra a construção de núcleos urbanos e de um pequeno mercado regional. O objetivo dos agentes de colonização era trazer para o Brasil famílias de agricultores brancos. O processo de recrutamento na Itália para a colonização do Brasil só se efetivava quando se tornava mais difícil trazer alemães, que eram vistos como agricultores eficientes e como o ideal para a colonização no Rio Grande do Sul (Seyferth, 1990), imigração e cultura no Brasil.



Parte do campesinato europeu emigrou para a América em busca de novas terras. Esses camponeses italianos adquiriram, ao chegar ao nordeste do Rio Grande do Sul, a identidade de *colonos*, isto é, proprietários de uma fração de terra denominada *colônia*. Segundo Seyferth (1993, p.38): “No seu significado mais geral, a categoria colono é usada como sinônimo de agricultor de origem européia, e sua gênese remonta ao processo histórico de colonização”. A categoria colono foi construída, historicamente, como uma identidade coletiva com múltiplas dimensões sociais e étnicas. Sendo assim, a palavra colono, que era a designação oficial para o imigrante que adquiria um lote de terra em um projeto de colonização, converte-se em um símbolo de diferenciação étnica.

Ainda no começo da colonização, os italianos buscavam essa nova pátria e os colonos tinham como objetivo então a conquista de terras sem estarem presos aos seus padrões italianos. Essa suposta liberdade que os colonos poderiam vir a conquistar tendo como possível consequência a propriedade de seu pedaço de terra foi o impulso necessário para enfrentar a longa viagem e as incertezas do futuro. Mas esses imigrantes, em geral, mantinham alguma ligação com sua cultura de origem.

Seyferth cita:

Tendo em vista o pluralismo étnico e cultural, é impossível tratar da contribuição do imigrante à cultura brasileira sem fazer referência à formação dos grupos étnicos e aos elementos culturais de origem ainda hoje preservados no Brasil (1990, p. 80).

Observando essa citação, os imigrantes residentes na Quarta Colônia e seus descendentes deixaram como contribuição visível até hoje a unidade familiar ainda é visto como um valor. Muito se discute que essa região não possui um desenvolvimento econômico se comparado a outras colônias oriundas de imigrantes. Na maioria das famílias, vimos o legado de trabalho (para ascender socialmente), a reza como forte característica e a família unida para enfrentar as dificuldades.

Seyferth (1993) ainda situa que o processo de colonização se diferenciou da sociedade rural brasileira tradicional. A consolidação dessa sociedade camponesa se baseou na pequena propriedade policultora trabalhada pela família do proprietário. Apesar das transformações e pressões do sistema capitalista, essas famílias mantiveram o estilo próprio do modo de produção e constituição familiar. Hoje o que se observa é uma manutenção no formato inicial das propriedades, mesmo com a redução da área.

Quase todas as propriedades rurais têm formato retangular, consequência de como as terras foram demarcadas. A distribuição espacial não mudou muito desde o século XIX, isso inclui a casa, ranchos e horta. Com o passar dos anos, ocorrem as partilhas das heranças entre os filhos, hoje a família não possui mais um lote de terra contínuo.

A seguinte citação representa a pequena propriedade:

A colônia (pequena propriedade) é concebida como um microcosmo auto-suficiente na visão dos imigrantes e seus descendentes. Na realidade, trata-se de uma auto-suficiência aparente, pois desde o início estes camponeses estão submetidos às leis de mercado, dependem de atividades externas à comunidade, sejam elas econômicas ou não (Seyferth, 1990, p. 25).

Não fugindo dessa temática do modo de produção todas as mulheres, exceto as meninas de 16 anos e de 14 anos, destacaram que “antigamente” quem quisesse ter o que comer, aliás, se a família quisesse, teria que plantar e colher. Por exemplo, quem gostaria de comer pão, feijão, arroz tinha a necessidade de cultivar esses cereais, enfim tinham de plantar, um pouco de tudo para colher um pouco de tudo. Os relatos deixaram claro, o que se comprava, quando dava, era o café, mas às vezes nem esse, pois era muito caro.

Essa pequena propriedade tinha como característica ser policultora. Plantava-se e colhia-se um pouco de tudo, não havendo apenas uma monocultura a ser seguida; e esse era o objetivo da colonização, uma agricultura diversificada, voltada ao abastecimento das cidades. Não havia o interesse “empresarial”, mas sim um interesse de sobrevivência, só ocorria a venda desses produtos caso excedesse a produção.

Grosselli (1987) aponta que o camponês trentino era habituado a plantar e cultivar tudo aquilo que era preciso para a sua família e esse hábito trouxe consigo. Tanto que nos minifúndios de propriedade dos “tiroleses” de Santa Catarina o colono planta desde o café até a banana (p. 51). O camponês não podia permitir-se à monocultura. O mesmo posso dizer que ocorre entre os colonos da Quarta Colônia e também nas comunidades do Sítio Alto e de Novo Treviso. Como é percebido na seguinte citação: “plantamo de tudo um pouco, fumo, soja, tem parreira de uva, milho, de tudo um pouquinho de tudo feijão, no caso arroz” (Sítio Alto, 54 anos).

Na maioria das comunidades rurais da Quarta Colônia, é possível observar essa característica da agricultura familiar, ou seja, tendo como marca o cultivo de vários

produtos agrícolas e a criação de animais domésticos, sendo que o objetivo é o sustento da família e o seu excedente é vendido. Ao longo das gerações, é observado que a mão de obra de todos os integrantes da família são ocupados na lavoura. Para Chayanov (*apud* Abramovay, 1999), o estabelecimento camponês não tem por critério a maximização do lucro, mas o objetivo fundamental é de satisfazer às necessidades familiares. Assim, aumentando o tamanho da família, cresce a intensidade do trabalho. A renda familiar é um todo indivisível, cuja formação se origina e depende de um organismo econômico único. O que determina o comportamento do camponês não é o interesse de cada um dos indivíduos que compõem a família, mas sim a necessidade decorrente da reprodução do conjunto familiar. Chayanov (*apud* Abramovay, 1999) propõe o conceito de autoexploração do campesinato. Pode-se falar em autoexploração na medida que a intensidade do trabalho camponês não é determinada por sua relação com outras classes da sociedade, mas pela razão da penosidade dos esforços empreendidos para a satisfação das necessidades. A exploração que outras classes exercem sobre o camponês depende antes de tudo do próprio camponês enquanto unidade de autodeterminação de sua organização econômica.

A característica da penosidade é verificada nos depoimentos das informantes, tanto que as mesmas não querem que seus filhos permaneçam na zona rural. Alegam que o serviço é muito penoso, não compensando na maioria das vezes. O objetivo dessas mulheres é ver suas filhas e filhos estudando a fim de adquirir um emprego na cidade.

Simonetti (2004) analisa que nos dias de hoje, ao contrário do que ocorria antigamente na Quarta Colônia, os pais estão incentivando e dando auxílio econômico para custear as despesas dos filhos. Muitas vezes, abdicam de comprar coisas para eles mesmos, o que é compreensível devido ao fato dos pais acharem que a vida no campo é muito sofrida. Dessa forma, o estudo que eles custeiam a seus filhos é uma estratégia para tentar uma vida menos sofrida, pois todos têm consciência que a vida na zona rural é muito mais difícil. Além do mais, as pessoas não possuem grandes áreas rurais, mas sim o suficiente para plantar, colher e viver sem “esbanjações” e gastos desnecessários. Existe, é claro, um enorme esforço por parte dos pais quanto a pagar os estudos de cunho particular e estadas em outras cidades a seus filhos, e, mesmo com tantas dificuldades, esses pais acham isso essencial para a conquista da tão sonhada qualificação e de algum emprego que dê alguma perspectiva melhor do que a lavoura.

O filho de uma das informantes é caminhoneiro e quando está em casa auxilia nas tarefas da lavoura. No entanto, o sonho dessa camponesa era ver seu filho estudando e adquirindo conhecimento para buscar um emprego estável. Tanto que ela não esconde a tristeza quando lembra que foi dado todo o incentivo nos estudos, mas o filho nunca demonstrou interesse. Como vemos no depoimento abaixo:

O meu sonho do meu filho era assim que se formasse quando era mais novo né fizemo de tudo para ele levava Faxinal quando tinha alguma coisinha cursinho quando ele fez vestibular sempre demo apoio até o ultimo dia (...)o sonho do meu marido era ver ele formado de não trabalhar na roça só que ele nunca quis, o sonho dele (filho) era ser caminhoneiro ou dentro de uma lavoura, até que ele saiu de casa com 18 anos, foi pro Mato Grosso trabalhar numa lavoura e ficou uns 2 anos lá para cima trabalhando e depois ele adquiriu o caminhão e a máquina né ... é ele é caminhoneiro só que a vida de caminhoneiro é assim ele não paga as conta ele não sobrevive só do caminhão (Novo Treviso, 44 anos).

Diante disso, cito Camarano e Abramovay (1999):

A população rural brasileira atingiu seu máximo em 1970 com 41 milhões de habitantes, o que corresponderia a 44% do total. Desde então o meio rural vem sofrendo um declínio populacional relativo e absoluto, chegando em 1996 com um total de 33.8 milhões de habitantes ou 22% do total nacional. (p. 02)

Os autores ainda vão esmiuçando as características dessa desruralização, evidenciando que são as mulheres que migram mais que os homens e que os jovens são os que mais têm deixado o campo. Friso que esses autores falam é do êxodo rural, ou seja, talvez a busca por condições mínimas de sobrevivência nas cidades. Nas minhas inserções em campo, observei que os jovens poderiam ter uma vida sem passar necessidades nas comunidades. O que ocorre é um abandono da vida rural devido ao incentivo dos pais e também por acharem o trabalho muito penoso. Em sua maioria, são as meninas as que mais saem do campo em busca de estudos. No início da imigração, o sonho daquelas pessoas era a aquisição de seu próprio pedaço de terra, hoje, com as propriedades estabelecidas, o que se observa é a busca da ascensão social através de um curso de nível médio ou superior.

O campesinato possui características específicas: unidade indissolúvel entre o empreendimento agrícola e a família; uso intensivo de trabalho e natureza patriarcal da organização social. Tepicht (*apud* Abramovay, 1999) encontra uma explicação clara

marxista: a família camponesa cumpre, tanto no capitalismo quanto no socialismo, a função importante de permitir a oferta de produtos agropecuários a preços inferiores aos das grandes empresas. Mas o camponês não exige para manter-se em atividade a obtenção da taxa média de lucro. A família camponesa não tem alternativa, é obrigada a aceitar por seu trabalho uma renda ‘marginal’ que completa seu mínimo de existência. A família camponesa é tal que a sociedade encontra nela uma importante fonte de trabalho gratuito.

Em ambas as comunidades estudadas para este trabalho, é por meio da mão de obra familiar que as propriedades conseguem seu sustento e a venda de seus excedentes agrícolas. Na história do campesinato houve a dúvida de que com o tempo essa categoria pudesse ser extinta. Isso devido ao achatamento do sistema capitalista e suas formas de reprodução social. No entanto, observa-se que essas pessoas vão se adaptando com o tempo a novas condições de reprodução social.

### **3.2 - Mulher camponesa e “de família” e o papel de jovens e crianças nas comunidades através dos “servicinhos”**

#### 3.2.1 - O casamento na zona rural: por amor ou por interesse?

Nesse tópico serão abordadas questões como o casamento com alguém de “fora” da comunidade ou com alguém de “dentro” da comunidade e a visão dessas mulheres quanto a esse assunto, visto que o casamento é um dispositivo de reprodução social importante dentro dessas comunidades. Outro ponto a ser analisado será do papel dos jovens e das crianças dentro da família e qual a sua funcionalidade.

Para Stropasolas (2004), casar não é uma simples questão de escolha individual, pois há uma família atrás dos interesses dessa pessoa. Nesse sentido, o que começa a contar é a sucessão das propriedades rurais. Em conversa com uma informante, ela relatou que gostaria que seu filho namorasse e casasse com uma menina da comunidade, alegando que assim conheceria a família de origem da moça. Porém, o filho dela estava namorando uma moça na cidade e já estava grávida. Diante desse fato, a família estava aceitando a situação, mas o sonho dessa mãe em relação ao filho não era esse. A mesma alegou que o jovem casal a chama de “atrasada” como no depoimento:

eu acho que se fosse mais rígido seria melhor, os casal iam se acertar mais também durar mais o casamento, é hoje em dia o casamento é assim não todos, mas a maioria é para se experimentar ficam um tempo e já se soltam ...a única coisa que eu quis chamar a atenção deles disse assim que era bonito um casamento um namoro mais moderado, mas não assim do jeito de hoje em dia e se cuidar mais né daí eles me responderam que sou do tempo antigo que não é assim que tem que se exprementá para casar, porque se não se exprementá não dá certo e eu acho que não é assim. Então, a gente pode vê né as pessoas os casamentos mais antigos são que os mais duram, por exemplo, é pouco os casamento que tu vê um casal fazer 25 anos, 50, 60 anos (Novo Treviso, 44 anos).

Para refletir sobre essa citação, trago Favaro (1996), que declara que, para a mulher, manter a virgindade era essencial, visto que, se a moça caísse em “erro”, a família seria juntamente desonrada. Assim, é visível o controle social no nível de mentalidades coletivas. É interessante que as sanções recaiam sobre a mulher, pois, para o homem, essa moral era permitida. Embora os relacionamentos viessem carregados da ideia de pecado, o ato da transgressão poderia vir a quebrar as regras e costumes. Outra forma de análise dessa citação é que antigamente os casais não tinham oportunidade de se conhecerem a fundo antes de casar. Os encontros eram marcados sobre a presença dos pais, e os carinhos, os beijos eram muito restritos. Dessa forma, depois de casados as incompatibilidades eram comuns, mas a solução era suportar-se e construir uma boa família. Sobre essa reflexão de relacionamentos, de sexualidade será abordado em um tópico nesse presente trabalho.

Stropasolas (2004) relata em particular os depoimentos de moças em relação ao casamento e seus valores. Destaca o descontentamento das meninas, principalmente entres filhas de agricultores empobrecidos que se recusam casar e formar família com outros filhos de agricultores, pois têm como objetivo a busca de estudo e trabalho na cidade para “mudar de vida”. Essas são as palavras que a informante de 16 anos relatou:

aqui não tem muitas oportunidades e aqui não quero ficar trabalhando na roça e tal eu quero estudar ter uma profissão arrumar um emprego e toda aquela coisa ter uma boa casa, carro todas essas coisas normais que todo mundo quer pelo menos que eu acho né.....e aqui não tenho nenhuma oportunidade pra mim acho (Sítio Alto, 16 anos).

Durante a entrevista a informante relatou várias vezes a falta de oportunidade na zona rural, onde se depende da agricultura para sobreviver. Essa recusa em permanecer

no campo é aliada à vontade dos pais que a filha estude e tente uma vida de menos sacrifícios na cidade. A própria irmã da informante está cursando faculdade na cidade de Santa Maria. Na casa dessa informante morava uma prima dela que foi para Santa Cruz do Sul cursar faculdade.

Em contrapartida, na comunidade de Novo Treviso, quando visitei a casa de uma informante, ainda havia uma filha que morava na propriedade da família. Essa filha já estava com mais de 30 anos, casou-se e ficou morando com seus pais. Quando questionei o motivo dela não ter ido morar na cidade, afirmou: “alguém tinha que ficar junto com os pais ajudando”, e quando estava em idade de ir para a escola, a sua mãe ficou doente e, com isso, teve que ficar cuidando da mesma e auxiliando nas tarefas da propriedade. Além disso, essa mulher permaneceu na propriedade porque é a caçula dos irmãos e a mais “apegada a sua mãe” (conforme relatos). Outro motivo alegado por ela foi de não querer estudar e por isso a sua vida na cidade não seria muito fácil.

O fato de essa jovem ter permanecido no campo se refere também a origem de seu marido, que é agricultor. O que pude perceber é que todas as entrevistadas se casaram com alguém de sua comunidade ou proximidade, exceto a menina de 16 anos, que ainda é solteira. Segundo relatos das próprias mulheres, há anos atrás o bom casamento era aquele em que as famílias se conheciam e aprovavam a relação. Era difícil se casar com alguém de fora da comunidade até mesmo pela dificuldade de deslocamento da comunidade para outros lugares e pela falta de recursos financeiros. Os casais se conheciam e tinham algum contato aos domingos na missa, nos dias de festa da comunidade ou em reuniões dançantes e bailes. É interessante que esses bailes ou reuniões dançantes se realizavam à tarde ou ao entardecer e não se estendiam até muito tarde.

Para Brumer (2004), a migração dos jovens tem uma propensão maior entre as moças do que entre os rapazes e é proporcionada pelas mudanças ocorridas nas aspirações dos jovens. As moças possuem também níveis escolares mais elevados e isso ocorre de modo geral porque sabem que serão preteridas na partilha dos bens ou na obtenção de um emprego estável no mundo rural (p. 219). Outro fator que poderia levar as moças a terem sonhos em solo urbano seria a espera de encontrar um “bom casamento”, visto que por vezes as mesmas não desejavam se relacionar com algum jovem do mundo rural. Na mentalidade dessas meninas, esse pensamento e a sua

concretização poderia levá-las a “subir de status”, o que um pretendente de sua comunidade não poderia oferecer.

Porém, hoje muitas mulheres vêem seus filhos e filhas se casando ou namorando com pessoas de outras cidades. Indagando essas mães, elas se mostraram por vezes muito preocupadas, pois não sabiam ao certo se os namorados ou namoradas eram de uma família de confiança, ou como elas dizem, de “boa família”. No depoimento a seguir, podemos ver a preocupação de uma informante em ver a eminência de seu filho sair da zona rural devido à insistência da namorada:

Uma já foi né, e pelo jeito nem o guri fica mais, tá trabalhando por enquanto, mas não sei até quando né... tá trabalhando, mas é que a guria (namorada) tá estudando e se resolverem casar vão querer morar numa cidade grande .. sim a princípio ele disse que nunca ia sair aqui do campo só que agora ta namorando né com a guria e a guria resolveu fazer uma faculdade que tem que ir numa cidade grande né é..ela tá estudando só faz o “vai e vem” não mora em Santa Maria e quando se formá ela já quer ir sair para longe, e se der certo no caso ele vai ir junto e daí nós vai acabar morando na cidade também, nós junto com a filha e tal lá em Ivorá, que até tava dizendo que nunca tinha pensando na minha vida em sair do interior né que eu dizia que achava que não ia conseguir viver na cidade né e agora não sei o que vai ser. (Sítio Alto, 54 anos)

Essa citação é interessante, pois a entrevistada nunca pensou em sair do campo e agora vê a possibilidade de ter que ir morar na zona urbana. O marido dessa senhora sofre de um problema de saúde que exige cuidados e não pode mais trabalhar, nem dirigir. O filho era a esperança do casal de ainda continuar na propriedade, mas se ele se casar com esta namorada provavelmente o futuro de ambos será a vida na cidade.

Bourdieu (2010) faz uma análise sobre a lógica da economia de trocas simbólicas e sobre relações sociais entre os Cabila e dentre elas destacou o casamento. O casamento então é definido segundo interesses masculinos e tem como objetivo a reprodução do capital simbólico. O autor esclarece que o capital simbólico não se reproduz por sua força própria. Como é possível verificar na seguinte citação:

na Cabília - aquisição do capital simbólico e do capital social constitui, de certo modo, a única forma possível de acumulação, as mulheres são valores que é preciso conservar ao abrigo da ofensa e da suspeita; valores que, investidos nas trocas, podem produzir alianças, isto é, capital social e aliados prestigiosos, isto é, capital simbólico (Bourdieu, 2010, p. 58).



Dessa forma, o que se percebe entre as entrevistas é que gostariam de ver seus filhos ou filhas casados com alguém conhecido da comunidade e preferencialmente também trabalhador da terra. No entanto, respeitam a vontade de seus filhos em relação às escolhas, pois têm consciência que houve uma mudança social quanto a essa questão. Segundo Stropasolas (2004), o casamento assumia um papel fundamental na reprodução social do patrimônio familiar e na organização do processo de trabalho.

Bourdieu (2010) já destacava que a reprodução social esteve garantida até época recente por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes. À família que cabe o papel principal da reprodução da dominação e da visão masculina, é na família que se impõe a experiência precoce da divisão do trabalho por sexo e da representação legítima dessa divisão. Quanto à Igreja, esta é marcada por uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres; e a Escola, que, mesmo quando já “liberta” da tutela da Igreja, continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal e, sobretudo os que estão inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas.

Quando retornei uma segunda vez na casa dessa senhora, o seu filho havia rompido o namoro com a moça. O motivo alegado foi que ela queria que ele já se transferisse para a zona urbana juntamente com ela para estudar, trabalhar. Como ele disse que não iria, houve um desentendimento e o término do namoro. Essas tensões familiares não deixam de ser rotineiras e acabam por vezes causando fortes mudanças na estrutura familiar. Em conversa com essa senhora, ela relatou que seu desejo era o de que ele encontrasse alguma namorada que permanecesse na zona rural, nas palavras dela: “uma colona de verdade”, pois dessa maneira, poderiam continuar residindo na propriedade.

Bourdieu (2010) em sua análise constata que esta prática está corporificada nas relações sociais, fazendo vítimas, tanto mulheres quanto homens. O corpo é, portanto, o lugar onde se inscrevem as disputas pelo poder, é nele que o nosso capital cultural está inscrito, é ele a nossa primeira forma de identificação desde que nascemos. Por conseguinte, o nosso sexo define se seremos dominados ou dominadores. O corpo é a materialização da dominação, é o “locus” do exercício do poder. Dessa forma, essas representações enquadram a mulher como menos capaz do que o homem, ou seja, sexo frágil, que necessita de permanente amparo. O autor se utiliza em seu trabalho de um

esquema teórico de categorias de oposição binária. Assim, é evidenciado os mecanismos pelos quais ela é produzida e é inscrita nas subjetividades das pessoas, antes, porém, já impregnada na esfera social porque esta é estruturada pelas relações de poder entre os gêneros.

Outro exemplo interessante sobre casamento ocorreu na comunidade de Novo Treviso, em que três irmãos de uma informante se casaram com três primas, todas de uma comunidade vizinha. O casamento do último irmão ocorreu durante a etnografia, foi uma festa em Novo Treviso. Houve a mobilização de toda comunidade, enfim uma festa que reuniu a maioria dos moradores, amigos, parentes. Mas, o dado que gostaria de destacar é que o noivo não residia mais na comunidade e sim em outra cidade onde a família arrendava terras para obter melhor produtividade. Esse evento então foi importante para a comunidade, pois demonstrou que o casal não moraria em Novo Treviso, mas no município onde a família adquiriu terra. O casamento através de uma festa com todos da comunidade não deixa de ser um evento para aquelas pessoas, uma união dos aliados prestigiosos em que Bourdieu (2010) relataria de capital simbólico. Para esses jovens que nasceram e residiram praticamente toda sua infância na comunidade e depois foram residir em outra cidade arrendando terra, não deixa de ser também um “fechamento de ciclo”, com um evento marcante para os noivos, familiares e comunidade em si, havendo um compartilhamento.

A migração por falta de terras pode ser observada em Novo Treviso, onde algumas famílias buscam novas terras em outros municípios, visto que na comunidade as terras são declivosas, de difícil acesso e muitas já esgotadas para o cultivo. Na região na Quarta Colônia, o relevo é irregular e isso dificulta o plantio nas propriedades. Devido a essa característica, o fumo passa a ser a cultura predominante. Sendo assim, algumas famílias vêm adquirindo terras planas que possibilitam o cultivo de soja, de arroz.

A migração na comunidade do Sítio Alto não se reflete exclusivamente no sexo feminino, visto que os homens também têm saído da comunidade em busca de outras oportunidades na cidade. Conforme relatos de moradores da comunidade, ainda restam cerca de 20 jovens em idade escolar. O auxílio desses jovens aos pais é comum, visto que desde pequenos começam a aprender tarefas feitas quase diariamente na propriedade.

Ai gostar gostar não gosto de ajudar no fumo e tal, mas também ajudo a mãe a fazer aqui o almoço, as tarefas, lavar louça, enfim disso eu gosto, acho normal ... eu acho bom porque no momento em que eu sair de casa já sei fazer as coisas, me virá pelo menos nisso ... até comecei com 12 anos nas férias, comigo o almoço e tal e nas férias é a época do fumo, daí tenho que ir pra roça ajudar também eles, daí nessa época ajudo .... daí depois quando começa as aulas daí eu não ajudo tanto (Sítio Alto, 16 anos).

Esse tipo de depoimento era recorrente entre essas mulheres, ou seja, o auxílio aos pais nas mais diversas tarefas domésticas e na lavoura. Entre outras, as razões destacadas são o aprender a dar valor ao trabalho desde cedo, aprender a se virar para as futuras dificuldades da vida. Dessa forma, o camponês produz alimentos e matéria prima para o setor urbano – industrial, estabelecendo o valor da troca. Essa troca induz as relações desiguais, pois o camponês é explorado, o que pode vir a gerar sua pauperização. Santos (1981) frisa que é histórica essa subordinação do campesinato ao capital. Seja no capital comercial seja no capital industrial. Essa relação tende a se focar na relação monetária e essas condições desfavorecem o camponês.

Essa colocação me remeteu a uma conversa com uma camponesa em que a mesma se queixava, em parte, de que, com toda a sua produção de queijo, não conseguia pagar as compras do mercado. Isso se encaixa no que Santos (1981) coloca, ou seja, o bem industrial tem um valor maior do que o produzido pelos colonos. Conversando com os colonos, independentemente se homem ou mulher, era comum eles se referirem às compras que realizavam ou pretendiam realizar comparando (no sentido de equivaler) o valor a tantas sacas de arroz, soja ou a arrobas de fumos, sendo difícil ver algum satisfeito com o valor imposto às culturas que eles produziam. A reclamação maior era com as intempéries do tempo e com os possíveis financiamentos feitos em bancos e que precisavam saldar as dívidas. Nesse sentido, também se pode lembrar das relações de expropriação e a falta de valorização do trabalho dessas pessoas da zona rural.

### 3.2.2 - Jovens em busca de estudo na cidade ou permanecendo no campo?

Em conversa com uma entrevistada (filha de uma informante) que não morava mais na comunidade do Sítio Alto e sim na cidade de Santa Maria cursando uma

faculdade privada, ela relatou como os pais sentiam dificuldade em se adaptar ao valor mensal a ser pago, pois os mesmos recebiam por safra e não mensalmente. Ressalto que esse tempo aos camponeses é diferente. Muitos fazem e se preparam com uma poupança para o estudo dos filhos, pois poupar é um hábito muito comum entre esses descendentes.

Em entrevista com outra mulher, pude perceber o seu incentivo para que seus filhos se dedicassem aos estudos:

Eu incentivei, não porque eu queria que eles não permanecessem, porque eu acho que mesmo trabalhando na agricultura tem que ter estudo, e outra as gurias eu incentivei e nunca disse nunca casa com agricultor porque até eu acho bom deixei eles estudar não me arrependo, eu não acho ruim morar aqui, trabalhar, mas eu acho assim que a mulher tem que ter o salário, ela não pode depender do marido então ele pode continuar trabalhando na agricultura porque hoje tem máquina, antigamente não tinha, era tudo manual hoje com máquina a mulher não precisa ir mais na lavoura, então fica só cuidando da casa, não, então pode sair trabalhar ter algum emprego e estudo também, e mesmo o homem ficando na agricultura eu acho que tem que ter estudo, por isso o guri (filho) sempre digo tu pode voltar pra casa não precisa trabalhar por 500 reais um salário mínimo, mas com estudo tu vai voltar pra agricultura porque se tu vai num banco numa loja tu sabe conversar né não é o colono burro digo eu (Sítio Alto, 53 anos).

Nessa família, havia duas moças e um rapaz. As duas moças já eram formadas e permaneceram na cidade e o rapaz estava cursando a graduação. Esse exemplo então é elucidativo, pois demonstra que, para os pais, hoje a educação não é sinônimo apenas de sair do campo. As portas da casa estão abertas caso algum de seus filhos queira voltar, mas com estudo. Visto que a família, tendo terras, maquinário, precisaria de mais alguém para auxiliar na lavoura, pois apenas o marido fica com esses serviços. Como se pode confirmar na próxima fala:

então assim eu incentivei meus filhos por isso até já to falando tem lugar, terra pra quem quiser voltar, eu sempre disse pro meu filho tu vai estudar, mas sempre pensando no dia em voltar e trabalhar com o teu pai né se tu arrumar um emprego melhor que vai ganhar mais, tudo bem, mas não dizer agora me formei e tenho que trabalhar por pouco ou nada não é assim eu penso assim (Sítio Alto, 53 anos).

Essa foi uma das mudanças que pude perceber na pesquisa conversando com mulheres de idades diferenciadas. Há anos atrás não se tinha a opção de querer estudar. A escolha que essas mulheres tinham era a palavra do pai e essa geralmente era a de não

poder estudar, pois tinham que ajudar em casa. Hoje se percebe outra mentalidade, que vê a necessidade de incentivar os filhos a estudar. Sendo que esses podem (ou não) voltar e permanecer no campo. Hoje esse livre arbítrio dos jovens é marcante se comparado ao que seus pais viveram há décadas atrás. Liberdade de poder fazer escolhas e ter respeitada a sua vontade. Em outra fala, observa-se o pensamento do tio dessa mulher:

Sabe o que o meu tio dizia: mulher que estuda é mulher vagabunda, não é uma mulher direita, tu vê, na época ele olhava assim se quer estudar vai sair de casa, eles não deixavam as moças estudar por isso, porque iam se perder na cidade, e a tia não dizia, até que eu tô viva os meus filhos vão estudar e eu estudei porque eu morava com ela né (Sítio Alto, 53 anos).

Essa foi a única mulher com quem conversei que teve oportunidade de estudar quando jovem. As outras mulheres, em sua grande maioria, estudaram até a quinta série do ensino fundamental. Essa era a realidade, pois na comunidade era esse o máximo de estudo que era oferecido. Quem quisesse dar sequência teria que estudar na cidade, e como a maioria das famílias não tinham condições financeiras para manter o estudo dos filhos na cidade, a situação se complicava, e além disso, na maioria das vezes, os pais não apoiavam. Essa mulher ainda deu continuidade aos seus estudos até a faculdade. Ingressou no curso de agronomia no ano de 1980, mas depois casou e engravidou, não conseguindo concluir o curso. Woortmann (1995) analisa que a vontade individual em detrimento do grupo pode ser vista como um perigo, visto que a organização social do grupo pode vir a sofrer modificações. A autora ainda aponta a cidade como o lugar do “perder-se”, pois romperia com o modelo de solidariedade vivida na família e na comunidade. Nesse caso, o exemplo citado acima é válido, pois mostra como um “antigo” pensava sobre as moças que saíam de casa para estudar.

Como vemos, o depoimento a seguir demonstra como foi a vida escolar da mesma entrevistada:

A gente ia de manhã bem faceiro (na escola) e de tarde nós trabalhava a tarde toda, vinha pra casa da lavoura, fazia a janta, a tia tirava o leite e nós fazia a janta e depois ia estudar e nós não tinha televisão, mas de tarde a gente trabalhava lá pro cerro lá pra cima e depois no vestibular como não tinha cursinho nem nada, a tia dizia agora tu vai estudar só que ela ia e chegava na lavoura quando via eu chegava também, porque não conseguia ficar parada estudando daí fiz o vestibular e fui super bem né, mas sei que não parei para estudar estudar assim né e aquela vez que fiz vestibular lembro que era agronomia, medicina e odonto as mais concorridas e hoje agronomia não ta

assim tão procurada, eu ingressei em 80, é faz 30 anos que fiz vestibular (Sítio Alto, 53 anos).

Em campo, e em conversas com essas mulheres, pude perceber que era comum as crianças começarem a auxiliar nos serviços desde muito cedo, aos seis, sete, oito anos. As meninas geralmente começavam algum “servicinho” na cozinha, como a limpeza da casa, e os meninos nas lavouras aprendendo os processos de plantio. Com alguns jovens que conversei, pude perceber que eram poucos os que achavam bom trabalhar desde muito cedo, mas entendiam que a necessidade devia ser levada em conta, pois a família precisava de sua força de trabalho. O atributo positivo dado ao fato de começar trabalhar desde muito cedo era que quando precisassem sair de casa, saberiam “se virar”. Marin (2006) analisa o trabalho, e em especial, o infantil no município de Itaberai – GO. Nesse lugar o trabalho nas lavouras é praticado por bóia fria, ou seja, contratos temporários. Nesse caso, o Estatuto do trabalhador rural não assegura nenhum direito a essas pessoas. No decorrer do texto, é feita uma interessante reflexão, onde o homem trabalha, a mulher “ajuda” e a criança contribui para a realização das tarefas. Pode-se considerar que somente o homem trabalha porque talvez sua força de trabalho possa ser maior do que a da mulher e da criança. Em minha pesquisa, percebi que as mulheres, quando indagadas, falavam que “ajudam na lavoura”. Essa divisão da força de trabalho já está embutida nas relações familiares e por séculos permeou de formas mais profunda a sociedade. Não que o trabalho da mulher ou o auxílio da criança seja de menor valor, mas são considerados de menor intensidade.

Na comunidade de Novo Treviso, fiz uma entrevista com uma jovem de 14 anos. Quando cheguei na propriedade, levei um “susto”, pois a mãe da menina me abraçou e disse que éramos parentes. No entanto, não me lembrava de sua fisionomia. Depois, conversando, ela disse que era prima irmã de meu pai, mas como se casou, teve que se mudar para Novo Treviso, onde o marido tinha suas terras. Essa senhora foi muito prestativa, pois nos levou para conhecer sua horta, que era enorme, e o lugar onde ficavam as vacas. Depois, em conversa com a filha, fiz alguns questionamentos sobre permanecer no campo, trabalhar na lavoura, sobre educação. Na sequência, mostrarei algumas de suas falas, quando indaguei o que eles cultivavam, e se ela ajudava essa foi a resposta:

Fumo, feijão, milho daí ajudo mais na colheita do fumo, planta um pouco. Desde pequena eles me levavam junto sabe [...] assim a mãe disse que quando eu tinha um aninho ela já me levava junto na roça e ela me deixava lá né porque tinha que trabalhá ajudar o pai ai nós ia sempre junto (Novo Treviso, 14 anos).

Essa resposta revela algumas coisas, tal como: desde pequena essa menina teve contato com a lavoura, adaptando-se assim ao trabalho. Certamente a mãe levava junto, pois não tinha com quem deixar a filha e o outro filho que o casal possui. Como o cultivo principal da família era o fumo, isso já é um incentivo a mais para levar crianças e jovens nas roças devido aos “servicinhos” que essa cultura apresenta. Quando indagada o que ela pretendia fazer no futuro, tive a seguinte resposta:

Olha eu pretendo acho estudar e se tipo eu fizer alguma coisa e consegui passar, pretendo ir pro ramo da musica ... é eu faço aula de teclado. É eu penso eu gosto daqui é muito bom o lugar e assim tipo cidade eu não consigo, assim é legal, mas não gosto prefiro aqui. Assim talvez até possa morar na cidade, mas preferia morar aqui. Uhhh estressante .... risos ... assim é muito barulho tipo essa semana fui três dias para a cidade que tive ir de tarde não sei porque é assim esquisito, tu cansa muito e aqui fora não tem muito barulho assim é silêncio. Só toco, eu gosto assim de cantar em casa talvez eu faço canto também (Novo Treviso, 14 anos).

Essa jovem tem algumas peculiaridades, gosta de tocar teclado (piano), de cantar, enfim gostaria de seguir a vida profissional nesse caminho. Isso me chamou muito a atenção, pois, com certeza, há anos atrás os pais não apoiariam e não pagariam aulas de música. Durante a conversa, a jovem relatou que não costumava ficar muito tempo na lavoura, principalmente quando era quente e aqui nessa fala verificamos a citação de que na cidade há muito barulho. Carneiro (s/d) diante desse assunto expressa que na formulação dos projetos individuais se expressa a ambiguidade característica da situação de convivência com dois universos culturais. A intenção de sair para estudar fora e ter uma profissão convive com a vontade de permanecer residindo na localidade de origem.

A mãe dessa menina relatou que ela sente dores de cabeça e com isso não se sente muito bem na lavoura. Assim pode-se entender o motivo dela não querer morar na cidade, onde há muito barulho. Como pode ser elucidado na seguinte fala:

Quando é muito quente assim e ir trabalhar eu não gosto, tipo eu gosto mais os dias que são fresquinhos, quando é muito quente não é bom. É às vezes, dependendo do que eles vão fazer sim tem que ir sim (Novo Treviso, 14 anos).



Na foto, a menina de 14 anos auxiliando em uma das tarefas da propriedade. (Fonte: acervo pessoal).

Na citação a seguir podemos ver o depoimento de uma entrevistada a respeito do que tinha a fazer com os filhos pequenos quando necessitava ir até a lavoura:

Isto, se levava as criança na lavoura com um aninho a gente levava fazia um buraco na terra assim botava um trapo e sentava, e eles não era que nem agora tudo que é carinho tu dá, ficavam lá no meio da terra, das formiga, tudo xixi, tudo cocô, é que não tinha com quem deixá e tinha que ajudá o marido, senão fazia o que era tudo terra de serro (Sítio Alto, 70 anos).

Quando questionadas a respeito do fato de as mulheres levarem seus filhos à lavoura, a resposta era que não tinham com quem deixar as crianças. As mesmas demonstram consciência de que não era a melhor forma de fazer, mas não tinham outra opção. Já nos dias de hoje, essa mesma senhora cuida dos netos para deixar suas noras ajudar na lavoura, como se pode observar na fala:

Agora os guri só planta aqui em roda de casa terra mais plana ainda fumo, mas agora não ajudo mais, cuido dos três ratinho (netos) e tu vê, agora elas



(noras) tenham com quem deixá, que sou eu que cuido né, e eu não tive nem sogra nem empregada nem nada nada com 4 filhos, duas guria e dois guri (Sítio Alto, 70 anos).

A mudança observada na vida dessa mulher é notável, pois hoje a mesma não pode mais trabalhar na lavoura devido a problemas de saúde, e com isso ajuda as noras com as crianças, o que não deixa de ser um trabalho muito útil na zona rural. A “diversão” hoje é cuidar dos netos, pois essas mulheres, como observei, não conseguem ficar paradas. Antigamente, quem morava com sogra talvez pudesse deixar os filhos para a mesma cuidar, mas senão não se tinha muita opção. É interessante notar que as crianças em contato com a lavoura, terra, começam também a “pegar gosto” pelo serviço na roça.

Outra entrevistada, em conversa, confessou que levou os filhos para a lavoura desde pequenos, por volta de um ano de idade. A mesma relatou que montava uma espécie de barraquinha com um lençol e deixava a criança embaixo, mas a criança normalmente comia terra, barro. No entanto, não havia outra opção, e ela destacou que hoje os dois filhos têm predileção pelo trabalho na lavoura, o mais velho não quis estudar e o mais novo prefere ir para a lavoura, mesmo sendo criança, do que os livros. Cria-se desde cedo esse apego ao trabalho e à terra, e como as famílias realmente precisam de mão de obra para vencer o trabalho, as crianças fazem serviços mais leves.

Segundo Marin (2006), o trabalho infantil dentro das famílias é considerado algo normal e valorativo, tendo a função de socializar a criança, internalizando a força do seu corpo. Muitas crianças buscam trabalho por conta, pois observam a necessidade de seus pais. É salientado que o consumo é despertado desde muito cedo, tais como: guloseimas, roupa, relógio, sonho da televisão em cores, aparelho de som. Já nas famílias que visitei, em ambas as comunidades, quando a criança ou o jovem auxiliava de forma positiva, era dado algum presente, ou prometido algum bem como incentivo. Em conversa com algumas senhoras de mais idade, as mesmas lembram que nas décadas de 1940, 1950, 1960, 1970 o trabalho era obrigado nas famílias, mesmo para as crianças. Como as famílias eram extensas, facilitava na divisão das tarefas e, após a safra e tendo o produto vendido, é que o pai poderia vir a dar alguma roupa ou algo que faltasse. Esperava-se um ano para ganhar algumas coisas e às vezes não se ganhava. Algumas recordam que as roupas eram feitas em casa com sacos de estopa, e calçado era um item de luxo.

Nessa breve reflexão, o que se percebe é que o trabalho infantil ou juvenil está bem mais próximo do que pensamos. Se indagarmos os pais dessas crianças e jovens, os mesmos considerarão esse trabalho positivo, pois, dessa forma, elas aprenderão desde cedo a “dar valor” às coisas. O estudo também vem sendo incentivado, mas juntamente com o trabalho. Normalmente disponibiliza-se um tempo para os deveres da escola e para o descanso, mas depois as atividades da casa ou da propriedade devem ser realizadas. Como se pode ver na próxima fala de uma entrevistada, quando questionada se trabalhou desde nova:

Eu sempre trabalhei e como fui morar com a minha avó e minha avó era doente e o meu avô era já de idade né, então sempre trabalhei, tratar os bicho, ia pra lavoura, levavam junto, não deixavam em casa né, era nós três, então eles iam de manhã cedinho pra lavoura eu ia e depois ajudava eles em casa, então sempre desde pequeninha, claro, não era serviço pesado, mas eu com uns 5 anos tinha dias que eu fazia comida pra minha avó ... então eu fazia a comida e lavava a louça eu lembro que a pia era de madeira, antigamente não era que nem hoje em dia, mas tinha que esfregar e tudo e eu plantei um pezinho de milho e deixei germinar ..risos .... na pia, só sei que chegou alguém lá e me xingou, mas eu tinha 5 anos, eu fazia comida pra vó e tenho problema até hoje, trauma acho de deixar sem sal a polenta porque eu esquecia o sal, ela ia pra cama e eu ficava fazendo a comida e eu esquecia do sal e hoje eu faço polenta e boto sal em uma e na outra não boto, não sei porque, eu sei que ajudava eles né, porque a vó doente (Sítio Alto, 53 anos).

Nessa pesquisa etnográfica, o que pude comprovar é que as famílias que cultivam fumo necessitam do trabalho infantil, pois esse, como se diz, exige muitos “servicinhos”. Como já foi relatado, os pais ficam com os serviços mais pesados e as crianças com algo mais “leve”, ou senão estas ajudam no próprio galpão onde a lida vai até altas horas da noite na safra do fumo. Já nas famílias que visitei e nas quais tinham terra em outros lugares e que não cultivam o fumo, mas sim arroz, soja, o trabalho é feito por máquinas na lavoura, então as mulheres e crianças não precisam auxiliar com sua mão de obra; certamente essas mulheres e crianças, principalmente as meninas, têm muitos afazeres domésticos a serem realizados durante o dia, mas propriamente o serviço de lavoura não necessita de seus auxílios. Como as mesmas mulheres comentam: “se fosse ver, sempre tem alguma coisa para se fazer”.

Quanto a gestão das atividades agrícolas e pelo relevo acidentado encontrado na região central do Rio Grande do Sul, esses camponeses se vêem quase que obrigados a cultivar produtos como: fumo, feijão, milho. Tanto que, na comunidade de Novo

Treviso, algumas famílias adquiriram terras em outros municípios do estado que possibilitassem cultivo extensivo de soja e arroz. Justamente é essa uma das diferenças que quero abordar neste trabalho, como é a vida dessas mulheres que ficam em Novo Treviso enquanto seus maridos e filhos saem para outros municípios plantar.

O fumo é uma planta que tem a característica de ser exigente em relação à mão-de-obra, tendo ainda a especificidade de ser uma cultura que, embora trabalhosa por demandar minúcias no tratamento, não requer força, mas sim esforço físico, sendo, por isso, propícia a utilização do trabalho de crianças e adolescentes em todo seu ciclo produtivo (PAULILO, 1990).

Paulilo (1990) evidencia o caráter exaustivo e penoso da fumicultura quando descreve seu processo de cultivo, salientando, sobretudo, o trabalho intenso feito na colheita durante o verão, bem como a dificuldade do trabalhador em se proteger na utilização de agrotóxicos.

Durante a pesquisa, observando e conversando, pareceram-me infinitos os trabalhos nas propriedades, pois havia vacas para tirar leite, a casa para limpar, a comida a ser feita, outros bichos para tratar, além de cuidar da horta e plantas, roçar o quintal, fazer pães, cucas, bolachas, *agnolini* para o consumo ou para vender o excedente, lavar a roupa, enfim tarefas inúmeras e a maioria realizada diariamente. Como se pode observar na citação a seguir:

Mas como elas estudaram desde pequena e como nós não plantamo fumo né, porque é o fumo que leva as crianças às vezes pra lavoura pra colocar muda pra junta ou alguma coisa no galpão, mas dentro de casa ajudavam na horta, nas estufa, assim servicinho leve e se tiver que fazer dentro de casa fazem tudo né (Sítio Alto, 53 anos).

Esse exemplo caracteriza bem o que havia descrito antes, pois, como essa família se dedica ao cultivo de arroz, que pode ser realizado pela máquina, a esposa e os filhos não tiveram a necessidade de ir para a lavoura. No entanto, dentro de casa, as moças “se viram” com tudo. Essa foi a lógica que consegui perceber na pesquisa, quando a família não cultivava fumo, as crianças e jovens não tinham necessidade de ir para a lavoura, podendo se dedicar a outros afazeres e ao estudo. Em outra fala, uma mulher conta o que já ensina para a sua filha de sete anos de idade:

Tô começando devagarinho e eu acho importante aprender desde pequeninha né, é daí ensino comidinha, temperinho, mas tenho medo que ela é pequena e se queime é que nem um dia eu fiz massinha dexava ela mexe, uma coisa assim, lavá louça, ela é teimosinha, mas ela me ajuda, ela tem 7 aninhos e tá na hora de começá né dá uma puxadinha senão (Novo Treviso, 43 anos).

Sobre essa questão da comida, Santos e Zanini (2008) assinalam o quanto as mulheres são protagonistas nesse papel. Em campo, pude observar que o “gosto” das meninas por esses serviços de dentro da cozinha são aguçados desde muito cedo; e quando questionadas por que ensinam suas filhas desde quando estas são pequenas, as mulheres alegam que as filhas “precisam se virar” e que elas também aprenderam desde cedo fazer certas atividades e acham importante passar isso.

Elas, de certa forma, em suas cozinhas, no ensinamento de receitas de mães e avós para as filhas e netas, passaram muitos valores do universo “italiano” de origem. Ensinavam, além de culinária, posturas para a vida: quem deveria ser servido primeiro, para quem seria destinado o melhor pedaço de alimento, como servir as visitas, o que deveria ser destinado à caridade, onde sentar, com quem falar, sobre o que falar, entre tantos outros ensinamentos. Enfim, além de comida, ensinava-se como uma “boa mulher italiana” deveria se comportar dentro e fora de casa (...) (Santos e Zanini, 2008, p. 258)

A mudança na forma de trabalhar pode ser vista em outra fala, quando a mulher aponta o seguinte:

É, nossa vida de infância não foi tão boa, foi sofrida bastante ir na roça de manhã porque depois que eu saí lá de empregada, parei de estudar, daí era na roça de manhã à noite e trabalhá não era que nem agora. Era carregá saco, carregá fumo nas costas, olha, tinha que fazê que nem um homem pra agüenta, não era como hoje, não era moleza não, e pensa que hoje com minha coluna não pode nem trabalhá mais quase, mas também, tu pegava um saco de uns 50 ou 40 Kg. e levava numa rampa pra mais de 100 metros pra chegá na carroça e colocá em cima (Novo Treviso, 65 anos).

Essa fala se opõe a outras citações acima, em que há relatos de que as crianças e jovens hoje estão tendo oportunidade de estudo. Essa senhora de Novo Treviso, hoje sofre com sérios problemas de saúde, sendo que a sua causa maior foi esse esforço exagerado de quando mais jovem. No entanto, a mesma alega que tinha que ser feito o trabalho, não havia outra opção, toda a família era obrigada a ajudar na lavoura por falta de outras opções.

### 3.2.3 - Como se processa a sucessão das terras

Quando se estuda a temática do campesinato, é impossível não abordar questões a respeito da sucessão de terras ou heranças. Esse tema um tanto delicado, em alguns casos, representa por vezes a divisão familiar. Refiro-me assim, pois em muitos episódios as mulheres foram excluídas quando à herança. Para quem olha de fora, a situação parece injusta, pois as mulheres trabalham tanto quanto os homens no cotidiano da propriedade. No entanto, se analisarmos a partir da lógica camponesa, essas partilhas vêm no intuito de manter a propriedade e de não fragmentá-la muito, para dar uma continuidade na sua reprodução social. Abaixo irei enunciar alguns exemplos colhidos no trabalho de campo e, dessa forma, tentar melhor entender a sucessão de terras na comunidade do Sítio Alto e na de Novo Treviso.

Sobre essa temática da sucessão é interessante ressaltar algumas falas das mulheres sobre herança.

Lá assim, a terra é do meu pai, mas ele já dividiu, ele já deu pros filhos porque ele não quer que nós choramo no caixão que briguem .... então ele (pai) sem falar com ninguém, nenhum filho, ele dividiu tudo igual, ele tinha 320 hectares né e nós somo em 6 irmãos, todos igual, e já fez a escritura, só que ele segurou na mão dele a escritura, mas foi ele que fez, pagou a escritura tudo e como já tem nosso pedaço, ele já deu pra plantá, até os outros meus irmãos não quiseram plantá, até nós plantava no pedaço do meu irmão e da minha irmã, então a gente planta assim porque não podemo vendê enquanto ele tá vivo, é que assim, nós podemos vender, mas daí temo que dá 25% para ele(pai), ele já fez isso pra nós não vendê (Sítio Alto, 53 anos).

Nesse caso, a mulher achava que nunca iria receber nada de herança, pois saiu de casa quando tinha dois anos e meio por motivos de saúde. Onde a família residia (interior do município de Júlio de Castilhos) era muito frio e o médico recomendou outro lugar onde o clima fosse mais apropriado. Carneiro (2006) aponta a própria mudança do espaço da mulher na sociedade e no meio rural, bem como do enfraquecimento da autoridade patriarcal decorrente da crise do sistema de reprodução e também do estreitamento com as relações com as cidades. Dessa forma, ocorre a construção de uma identidade da mulher, e esta não é mais vista apenas como a esposa do agricultor. Nas falas, essa mesma informante de Sítio Alto ainda se diz surpresa com a atitude do pai em dividir as terras todas de forma igual com os irmãos. Quando ela disse ao pai que achava que não iria ganhar nada, o mesmo deu esta resposta:

Eu pensava que o pai ia dar o dobro pro nosso irmão, só que o pai só beneficiou as mulheres, porque nós somos em 4 gurias e dois guris, e ele deu igualzinho, só que ele tinha comprado seis terrenos lá em Julio de Castilhos na cidade e ele vendeu e deu pra nós o dinheiro, daí ele falou assim: “os filhos homem eu ajudei até eles se colocá, e as gurias eu não ajudei, então elas vão ganhá a mesma coisa e ainda por cima mais um terreno”. Eu achei o pai assim, fez uma coisa que eu não pensava porque eu achei que ele ia dividir o que ele tinha com os filho homem né, pra ficá com o nome e invés não...daí quando ele fez a escritura ele chamou cada filho e levou lá pra mostrar a terra (Sítio Alto, 53 anos).

O interessante é a consciência desse homem em dizer que os filhos ele já havia ajudado, enquanto que as mulheres ainda não. Além disso, o pai dessa mulher ainda disse que ela era filha tanto quanto os outros, apenas não pôde ficar em casa devido aos problemas de saúde indo para a casa do avô e da avó cuidar dos mesmos. Como a própria entrevistada relatou “achei que ele ia dividir pra ficá com os filho para ficar com o nome”. E quando esse homem resolveu dividir em partes iguais, entre as mulheres e os homens, de certa forma rompeu a propriedade como uma unidade. Por vezes, o que se observa nas pequenas propriedades agrícolas é a preocupação em “retalhar” muito a mesma e, com isso, dificultar a reprodução social do camponês. Seyferth (1999) afirma que as regras costumeiras de herança variavam conforme a tradição de origem dos imigrantes. Podendo assim privilegiar apenas os homens, ou um único filho ou todos os filhos. No entanto, em quase todos os casos, era praticamente impossível evitar a divisão das propriedades. Somente se conseguia preservar no caso em que a tradição camponesa de herança indivisa fosse preservada.

Essa mesma mulher ainda lembrou que antigamente era normal as mulheres não receberem a herança ou receber bem menos que os homens. Ela cita o exemplo do sogro:

É, sabe aqui o sogro, o pai dele (marido) dividiu as terras com os filho dele e as mulher ele fez assim, se tocava 3 hectares pra cada homem, 1 hectare era pra mulher, mas ela não recebia o valor desse um hectare, os filho homem pagava pra ele se ele sobrasse depois de morto o dinheiro era dividido com as mulher, então praticamente não ganhava nada, a tia que casou com um irmão do sogro deu pra comprar um vestido a herança e os filhos ganharam 15 hectare de terras cada um (Sítio Alto, 53 anos).

Esse episódio foi ressaltado várias vezes, pois a herança dessa outra mulher pôde comprar apenas um vestido. Sobre essa questão, Paulilo (2000) relata que nem todos os

homens recebem por sua vez herança quando a propriedade é pequena, no entanto, eles seriam compensados tendo acesso ao estudo ou auxiliados até encontrar outra profissão. Nesse caso, o que restaria à mulher seria o dote, que seria constituído de roupas, lençóis, isso se caracterizaria pelo enxoval.

Quanto a isso, tenho exemplo em minha família, pois minha mãe, quando casou, conseguiu juntar algumas toalhas, lençol. Uma vez era comum as mulheres fazerem seu próprio enxoval bordando. E quanto à herança, meu avô deixou 10 hectares para cada um de seus oito filhos e, para as três mulheres, deixou apenas cinco hectares para cada uma. No entanto, minha mãe deu sua parte aos irmãos. Quando questionei o motivo, ela relatou que já morava na cidade e que eles precisariam mais, pois ela já estava estabilizada e eles cuidariam das terras. Outro motivo dado pela minha mãe para esse fato se refere à sua criação: quando se chegava alguém em sua casa para fazer alguma visita, os da casa cediam suas camas e dormiam no chão, ou quando a visita fosse comer algo, o melhor pedaço era para ela (visita). Então, através dessa lógica de o melhor ser para os outros, ela explicou o motivo de dar suas terras a seus irmãos. Carneiro (2006) também aborda essa diferença de tratamento entre homens e mulheres quando chega a hora da divisão do patrimônio:

As filhas, nesse caso, normalmente não herdam terra. Por ocasião da transmissão da herança a mulher (tanto as filhas como a esposa) é levada a abrir mão de sua parte em nome do filho (ou dos filhos) escolhido como sucessor. A parte delas na herança é reduzida ao enxoval e a alguns bens para a casa, no caso de se casarem com um agricultor, ou revertida em sua manutenção na cidade enquanto estuda e se prepara para a inserção no mercado de trabalho urbano. Exceção é feita no caso da mulher que não se casa. Como o que confere direito a terra é tê-la cultivado, entende-se que as celibatárias que “abriram mão” do casamento em função das demandas familiares recebam uma pequena parcela de terra por sua participação na lavoura familiar e nas tarefas domésticas (Carneiro, 2006, p. 07).

Paulilo (2000) quanto a isso, remete as inúmeras variáveis quanto a dotes, heranças, mas a que vale a pena citar é que quando as mulheres recebem terras e a vendem para seus irmãos por um valor menor. Nesses relatos, é sempre adequado verificar que a mulher trabalha tanto quanto o homem e por diversas vezes recebe nada ou quase nada da parte da herança. Uma dessas diferenças pode ser ressaltada a seguir:

Isso aí tava errado, porque acho que a mulher também precisa de descanso e não só eles, mas o costume era assim o homem ia na roça mas chegava em casa ele fazia o descanso dele aí invés a mulher desde moça bem dizê os homem chegavam os mano chegavam e eles descansavam e nós tinha que deixa tudo pronto pra depois ir na roça junto, se a gente tivesse a vida de hoje, nascendo hoje teria outro costume. (Novo Treviso, 65 anos)

Essa senhora se refere ao fato de que quando chegava a hora do almoço, os homens apenas esperavam a comida pronta. Enquanto as mulheres ou acordavam antes e deixavam o almoço encaminhado ou tinham que sair um pouco antes da lavoura para providenciar, e depois do almoço ainda cabia à mulher o serviço de lavar a louça, limpar a cozinha, enfim as atividades domésticas, enquanto que os homens podiam descansar. Este trabalho, entre a terra e a casa, faz com que as mulheres, por vezes, trabalhem mais, mas sejam, posteriormente, excluídas da lógica da transmissão do patrimônio.

Carneiro (2001) articula uma compreensão das regras de transmissão do patrimônio familiar, em particular a terra, entre agricultores familiares, levando-se em conta as diferenças entre os gêneros, exige-se que se reconheçam os distintos papéis reservados a homens e mulheres na dinâmica de reprodução social. Outra questão abordada é que deve ser levado em conta o contexto histórico, econômico, simbólico na hora de transmitir o patrimônio. Para Carneiro (2001), a transmissão dos direitos sobre a propriedade familiar de uma geração a outra é objeto de múltiplas estratégias que variam de acordo com as condições de cada família, ou seja, com os instrumentos de negociação ou de compensação disponíveis, derivados tanto da sua história específica como da sua inserção na economia e na sociedade. A autora aponta, no entanto, para uma diferença entre gêneros na partilha do patrimônio. Às mulheres restavam, portanto, três opções: o casamento, o ingresso na vida religiosa ou o celibato civil. Ao casar, a mulher ingressava na família do marido, obedecendo à regra de residência, ela ia residir com os sogros no caso de se casar com o sucessor e se submetia a autoridade destes até o fim das suas vidas. As demais se instalavam inicialmente também na casa dos sogros até que os seus maridos recebessem o seu lote de terra e construíssem nele a casa para a nova família. O casamento implicava, assim, a extinção dos direitos das mulheres à terra e a sua reclusão ao espaço doméstico. A esposa é triplamente excluída da herança da terra na região colonial alemã e italiana. Inicialmente, porque ela não é descendente do proprietário (o marido), depois porque o seu trabalho na lavoura familiar era visto como “ajuda” inerente ao desempenho do seu papel de esposa e, finalmente, porque ela não



era tida como capacitada socialmente para exercer o papel de chefe da unidade produtiva.

Como em um exemplo de Sítio Alto:

Aqui, quando faleceu o sogro, eles quiseram dividir a herança, daí o marido disse: “vamos dividir tudo até que tá todo mundo no seu pedaço”, daí os filho homem falaram “bom, a irmã como é mulher vamo comprar outro pedaço e vamo dar pra ela”, aí o marido disse: “não, eu divido a minha parte com ela, mas ela tem direito que nem nós”, e os outros dois a tinham a mentalidade antiga né, de que mulher poderia ganhar outro pedaço e deu, eles pensavam porque traziam essa herança né ...aqui que nem o pai do sogro não deu nada pras mulher, se pra uma sobrou um vestido né, então o que pode ser (Sítio Alto, 53 anos).

Firth (1971) também faz uma reflexão sobre o papel da mulher no que tange à herança. No geral, as mulheres são isentas do direito a terras. Posso dizer que isso é presente nas comunidades estudadas de Faxinal do Soturno. Em relatos, as camponesas de mais idade alegaram que não tiveram direito a usufruir a terra, pois a mesma era destinada a seus irmãos. O que restava a essas mulheres era o casamento ou adentrar para a vida religiosa, pois, dessa forma, poderiam ter o direito ao estudo.

Zanini (2008) traz alguns pontos interessantes sobre a sucessão de terras entre imigrantes italianos residentes na região central do Rio Grande do Sul. O que se pôde visualizar foram vários tipos de rearranjos de sucessão. A primeira forma é quando há poucos filhos e estes, em sua maioria, são mulheres, sendo assim, a terra fica nas mãos do filho homem ou na da mulher a qual o marido seja considerado um agricultor “bom” ou “forte”. As filhas deserdadas recebem então uma ajuda financeira pela “venda simbólica”. No segundo caso, quando há apenas uma filha mulher, ocorre a união da terra desta com a de seu marido, e eles residem ou na terra dele ou na terra dela, onde deverão cuidar de seus pais. Terceiro caso é quando há somente um filho homem e este decide ou não permanecer na terra. Quando decide ir para a cidade, o que se sabe é que, quando os pais falecerem, o mesmo irá se desfazer da propriedade. Na quarta situação apontada, é quando há um filho e uma filha. O quinto caso é quando há muitos irmãos e todos querem ficar com algum pedaço da terra, então o que ocorre é a subdivisão da propriedade, a qual pode acabar como local de residência, mas não de produção em larga escala. No sexto caso citado, ocorre quando há apenas filhas mulheres, dessa forma, o que pode ocorrer é que a terra fique com aquela que se comprometer em

auxiliar os pais na velhice. E no último caso citado, é quando há apenas filhos homens, assim, os pais deixam a decisão a critério dos filhos: residir na cidade ou continuar no campo.

Um desses exemplos podemos verificar na seguinte fala:

Aqui vai ser dividido tudo igual, é uma vez as mulheres só ganhavam o enxoval, eu ganhei, mas depois me roubaram, quando meu pai faleceu me tiraram a terra, fizeram uma tramóia lá, o falecido meu pai fez um testamento em vida e não me deixou nada, isso foi ele que não quis deixar, hoje já mudou, é mais justo porque a mulher das vez trabalha mais que o homem, as mulher de hoje elas faz em casa fica meio por cima das vez em casa pra ir na lavoura ajudar o marido ou os filho sei lá (Sítio Alto, 70 anos).

Aqui o que se pode notar é uma mudança, pois essa senhora não ganhou herança, ficando essa somente aos seus irmãos. Essa fala coincide com um dos apontamentos no qual Zanini (2008) se referiu nesse sentido quando se tem a opção de deixar a propriedade na mão dos homens, enquanto que as mulheres não receberam terras.

Hoje essa senhora acha coerente dividir as terras em partes iguais com seus quatro filhos (dois homens e duas mulheres). Essa atitude se torna significativa pelo fato de ela fazer um tratamento igual aos filhos. Ao contrário do que ocorreu quando a mesma senhora não recebeu herança por parte de seu pai. Em conversa com minha informante-colaboradora de Novo Treviso, quando indaguei a respeito de sua herança, a mesma disse que já foram divididas as partes de forma igual, apesar de seu pai e sua mãe ainda estarem vivos. Essa forma de dividir ainda em vida, na maioria das vezes, é usada para evitar eventuais brigas entre os irmãos após o falecimento dos pais. O que se sabe, ouvindo algumas histórias, é que ocorrem brigas pela disputa da herança e, com isso, o desfacelamento de algumas famílias.

Nesse terceiro capítulo observou-se a importância que os jovens têm nessas propriedades da zona rural, pois auxiliam nas tarefas do dia a dia e nas roças. No entanto, hoje os pais estão proporcionando um incentivo nos estudos o que não era visto há anos atrás. Outro ponto salientado no presente capítulo foi a sucessão das terras, sendo esse um passo crucial para a sobrevivência dessas propriedades. O que se percebe é que atualmente as mulheres não estão sendo desprovidas de herança o que era mais comum há anos anteriores.

## CAPÍTULO IV – A CONSTRUÇÃO DO FEMININO ENTRE AS MULHERES CAMPONESAS DA QUARTA COLÔNIA/RS

Nesse capítulo, o objetivo será trazer algumas questões que circundam o cotidiano dessas mulheres, tais como: a *condição social da diferença*, ou seja, entraves que cercam a vida delas em relação aos homens. Como com o passar dos anos essas informantes sentem alguma possível mudança diante de “confrontos” cotidianos com seus maridos, filhos ou homens em geral. Outro ponto a ser analisado é o *lazer* dessas camponesas. Nas entrevistas, fica evidente que suas vidas são voltadas ao trabalho excessivo, então fica a indagação, quando e onde são seus momentos de descanso? Outros itens necessários à reflexão são: a relação da mulher hoje frente ao *dinheiro* e à conquista do direito da *aposentadoria* e de sua autonomia financeira, já o espaço da *cozinha* e a *culinária* serão apresentados em um breve tópico, a questão da *sexualidade* e como essas pessoas vem tratando desse tema tão delicado e difícil de ser dialogado. E, por fim, o capítulo irá abordar um breve apanhado quanto às *tecnologias* e suas influências na vida dessas famílias e em especial entre essas mulheres.

### 4.1 - A condição social da diferença e o trabalho como símbolo de vida

Quanto à construção histórico-cultural do papel da mulher na sociedade, é imprescindível lembrar Scott (1996), quando salienta que, ao final do século XVIII, a mulher afirmava que a diferença sexual não era importante para assumir uma participação na vida pública e, porque não, política. No entanto, essa discussão sempre vem à tona quando se observa uma diferença visível entre os sexos, ou seja, relativos à “natureza”, nesse caso, a mulher é vista como fisicamente frágil e a sua finalidade que seria a reprodução e os serviços domésticos. Esse embate, a luta pela igualdade das mulheres perante os homens, sempre se renovou nos embates, principalmente no âmbito das crises políticas.

Seguindo essa linha de raciocínio Scott afirma:

Assim, gênero é um fenômeno histórico, produzido, reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo. As falas contestadoras das feministas a respeito desse fenômeno, eventualmente conflitantes entre si, até pelos jogos de poder sempre atuantes, geram um novo saber sobre a diferença sexual, inspirando novos desafios políticos (1996, p.230).

Bourdieu (2010) indica que a unidade doméstica é um dos lugares em que a dominação masculina se manifesta de maneira mais indiscutível, e não só através do recurso à violência física. O princípio de perpetuação das relações de força materiais e simbólicas que aí se exercem se coloca essencialmente fora desta unidade, em instâncias como a Igreja, a Escola ou o Estado e em suas ações propriamente políticas. Por vez essa violência simbólica quase sempre invisível tem como efeito característico a submissão que se estabelece através da adesão do dominado ao dominante.

Simonetti (2004) observa que neste meio rural são muito bem definidas as tarefas e as diferenças entre mulheres e homens. O homem não fazia trabalhos considerados femininos, mas já as mulheres iam para a lavoura e se obrigavam a ajudar em alguma coisa. O homem dificilmente era ensinado a fazer algum serviço doméstico, mas sim sempre foi treinado a trabalhar fora de casa, ou seja, na lavoura. Woortmann E.; Woortmann K. (1997) também apontam que a mulher é remetida para dentro de casa, ou seja, ela “ajuda” e não trabalha. Para esses camponeses nordestinos, os papéis são muito bem delimitados e definidos dentro do grupo e da família. Tanto que, para uma mulher assumir atividades destinadas aos homens, seria uma afronta aos valores hierárquicos.

Na pesquisa de campo que realizei ano de 2004 e também na pesquisa para esta dissertação, observei pontos de mudança que puderam ser verificados cotidianamente, como por exemplo, as camponesas ensinando seus filhos do sexo masculino a realizar trabalhos domésticos. Também observei, quando chegava às propriedades, alguns homens fazendo atividades que seriam destinadas somente às mulheres. Essa mudança estrutural na divisão das tarefas pode-se verificar no exemplo de como era há anos atrás no depoimento de uma mulher:

É, naquele tempo, homem era homem e mulher era mulher... O homem fazia serviço de homem, as gurias faziam serviço das gurias e também iam pra lavoura. Também, inclusive, eu, a gente, fazia serviço da casa, lavava roupa, fazia limpeza, tudo, e ia na roça a semana toda. E nos fins de semana ficava em casa pra fazer as limpezas e deixar tudo em ordem. Claro, que o serviço era mais leve, né? O serviço mais pesado era dos irmãos e nós gurias,

mulheres, fazíamos as coisas bem mais leve na roça, mas sempre junto.  
(Simonetti, p. 28, 2004)

Tedesco (1999) aponta que, com o processo de modernização e urbanização, os quais se intensificaram a partir de 1960, ocorreu uma redefinição nas áreas: técnica, econômica, política e social como um todo e refletindo na instituição familiar. O estilo fordista de separação entre família como unidade de produção e como unidade de reprodução social adquire novas estratégias de envolvimento por parte da mulher no mercado de trabalho (p.172 – 173).

Ainda segundo essas mulheres, tanto da comunidade de Sítio Alto quanto na comunidade de Novo Treviso, há relatos de que as características acima mencionadas têm se modificado. As informantes afirmam ter conta em conjunto com seus maridos e participam de forma efetiva quando se trata de adquirir novos financiamentos ou de decidir sobre a compra de novos equipamentos para a propriedade.

Em uma de minhas visitas à comunidade de Novo Treviso, deparei-me com uma cena curiosa. Chegando lá, encontrei um senhor, que já tinha certa idade, lavando e varrendo a calçada em torno da casa, e lhe indaguei se sua esposa estava em casa, o mesmo então me respondeu que ela havia ido a um casamento em outra cidade. Na hora, fiquei até triste porque essa senhora é mãe da minha informante principal e ambas não estavam em casa. Primeiramente havia pensado: “perdi a viagem”, mas depois analisando percebi que tinha presenciado um fato que demonstrava uma mudança. Primeiro, um homem com mais de 70 anos lavando e varrendo uma calçada, e, segundo, sua esposa viajando. Muito dos “antigos” diriam que isso nunca ocorreria, devido à tarefa de limpar ser exclusivamente da mulher e sair era exclusivamente do homem. Quando cheguei em casa, percebi que presenciei uma “inversão” de papéis.

Recordo que participei de atividades do dia Mundial das Mulheres Trabalhadoras Rurais na localidade de Três Vendas, município pertencente à Restinga Seca, na data de 07 de março de 2009, para comemorar e refletir. A importância dada à conquista da aposentadoria para a mulher rural foi algo muito festejado e lembrado nas falas, já que foram anos de luta. Essa comemoração foi devido aos 20 anos de reconhecimento do trabalhador rural.

A seguir pode se observar a rotina de umas das entrevistadas:

Primeiramente acordo 5 e 20 ... 5 e 30 da manhã, levanto, depois acendo o fogo, faço café...preparo o chimarrão, acordo a minha

filha...deixo café prontinho na xícara pra ela.... daí ela acorda, se arruma, toma café e vai pegar o micro para ir para escola..... daí as 6 horas o pai dela acompanha ela até o micro... daí eu vou para fora, vou para a outra cozinha ... eu até que não amanhece bem o dia, aí eu lavo os queijo, arrumo os queijo, pego minhas panelas, vou tirar leite, volto...(Sítio Alto 1, 46 anos).

As tarefas das colonas começam pela ordenha das vacas e logo depois com os serviços da casa e os cuidados de sua horta. Quando necessário, vão junto com os homens para a lavoura para ajudar. No decorrer do dia, há sempre tarefas para fazer, como a confecção de doces, pães, bolachas, para consumo da família e também para quando recebem visitas. É impossível chegar a alguma localidade e a mulher não vir com alguma guloseima para servir. Essa minha entrevistada preza muito os afazeres domésticos, mesmo estando no forte da colheita do fumo, ela dedica meio dia para a casa.

Sim, vou só de tarde ajudar fora de casa, de manhã fico cuidando da casa, fazendo as coisa né, porque o marido não gosta... é assim, tem que levar as coisa mais ou menos em ordem né, não adianta deixar tudo virado para ir no galpão de manhã, as outras mulher vão né, mas daí não arrumam cama, só uma vez por semana arrumam a casa, e eu já não gosto disso...gosto de tudo organizado, não é porque mora na colônia que tem que deixar tudo bagunçado, eu gosto de tudo organizado, gosto de entrar num quarto não posso ver nada fora do lugar, o meu roupeiro pode ser tempo de fumo, qualquer dia da semana, uma pilha de roupa organizado de cima até embaixo. (Sítio Alto 1, 46 anos)

Ao longo da conversa, a entrevistada ressalta que aprendeu os serviços desde pequena e tentou passar isso para as duas filhas, já que nessa comunidade o normal é os pais e filhos trabalharem nas lavouras. Brumer (2000) aponta essas diferenças nas atividades do meio rural, em que as camponesas ficam destinadas às tarefas referentes principalmente à limpeza da terra e à colheita, à seleção e embalagem dos produtos, relacionadas ao processamento dos produtos agrícolas, referentes ao cuidado de animais, tais como: alimentação, limpeza e ordenha, trabalhos da horta, principalmente se seus produtos forem destinados ao consumo da própria família. Nas tarefas referentes à propriedade, as mulheres ficam “escondidas” nas suas realizações: as tarefas executadas no âmbito da esfera produtiva (produção destinada comercialização) só são contabilizadas como parte de um esforço coletivo, na maioria das vezes, aparecendo

apenas como ‘ajuda’, seu trabalho na esfera produtiva permanece praticamente invisível, tendo em vista que é praticado no interior do estabelecimento, sendo os homens praticamente os únicos responsáveis pelos contatos com o exterior (contato com extensionistas, bancos, sindicato, cooperativa, firmas vendedoras de insumos e compradores), elas não detém o conhecimento tecnológico necessário para administrar o estabelecimento agropecuário, elas não administram os recursos originados com a venda da produção.

Há o relato de outra mulher quanto ao seu cotidiano:

As 6 da manhã levanto, tiro o leite e depois ajeito a casa, faço serviços dentro de casa, depois volto pras estufa, tenho duas estufas e a horta, e volto 11 e pouco pra fazer o almoço, eu sou rápida pra fazer comida. e não pra dizer, e faço comida boa ...risos... só que eu me acordo e penso o que vou fazer de comida, senão dá problema, porque se não pensar não sai comida, daí chego na cozinha, se tenho que cozinhar uma coisa que demoro mais, coloco no fogão à lenha, daí não precisa ficar cuidando não é que nem gás que tem que ficar cuidando, daí mato galinha, mareco, tudo, tiro leite, ajeito tudo, venho e tomo café, 9 horas tomo café, não tomo cedo, daí depois limpo a cozinha, a vó (sogra) me ajuda e depois volto pras estufa, pra horta, na lavoura não ajudo, nunca fui na lavoura. Só arroz e soja, plantamo um ano de fumo, mas nós ia morrer de fome se plantava dois anos e a estufa é de tomate, verdura, daí a gente vende na feirinha, e quando é tomate ele leva lá no mercado em Júlio de Castilhos porque como ele tem lavoura lá em Júlio de soja, ele (marido) vai se segunda pra cima e leva tomate, tem uns restaurante que ele entrega e no mercado (Sítio Alto, 53 anos).

Nessa fala, gostaria de chamar a atenção para as estufas e para a horta, nas quais essa mulher dedicava boa parte de seu dia. Depois as verduras eram vendidas semanalmente na cidade de Faxinal do Soturno, onde a sogra e o marido iam com uma camionete cheia e passavam nas residências; e quando seu marido ia trabalhar nas terras herdadas por ela em Júlio de Castilhos, o mesmo levava tomate para estabelecimentos.

A maioria dessas mulheres também produz queijos coloniais, que recentemente foram proibidos de serem vendidos nos mercados. Na cidade de Faxinal do Soturno, era comum as mulheres venderem toda sua produção nos mercados. Isso, de certa forma, prejudicava quem tinha seu estabelecimento comercial legalizado. Ocorreram denúncias e os mercados foram multados e a venda do queijo colonial proibida.

Lembro que, quando ocorreu isso, as mulheres ficaram apavoradas, pois algumas faziam o rancho do mês com aquele dinheiro do queijo. Então essas mulheres começaram a passar de casa em casa oferecendo seu produto. Conversando com

algumas mulheres, notou-se que houve um lado positivo nessa proibição, pois elas criaram clientes fixos e o preço que cobravam pôde ser superior ao que o mercado pagava. A realização dessas vendas era vista semanalmente pelas ruas, havia carros com verduras, queijos, bolachas, pães. O que é interessante de serem analisadas aqui são as estratégias que essas pessoas utilizaram para superar o problema dos supermercados não aceitarem mais seus produtos.

Ortner (2007) assinala que os atores sociais “resistem” ou “negociam” sua vida social, e, diante disso, podem sim reproduzir um viés cultural ou social diferente do que lhes foi apresentado. A citação abaixo salienta este aspecto:

(...) eu vejo a subjetividade como base da agency, uma parte necessária do entendimento de como as pessoas (tentam) agir no mundo mesmo se agem sobre elas. Agency não é uma vontade natural ou originária; ela é moldada enquanto desejos e intenções específicas dentro de uma matriz de subjetividade – de sentimentos, pensamentos e significados (culturalmente construídos) (Ortner, p. 380, 2007).

Esse agenciamento também pode ser visto nas formas de resistência que formam essas mulheres, sempre rodeadas pelas relações de poder que perduram nas relações sociais. Em Castells (1999), isso pode ser visto no tipo de identidade de resistência, que é apontada pelo autor como sendo a mais importante em nossa sociedade. Essa forma origina a resistência das pessoas contra diversos tipos de opressão. Nesse tipo de identidade de resistência, enquadro meu objeto de pesquisa, pois as mulheres no geral sempre tiveram que superar muitos limites dentro da sociedade. É necessário citar que, dentro de uma sociedade patriarcal como a nossa, o homem sempre teve a voz ativa. Apenas com o passar dos anos, as mulheres foram adquirindo seu espaço. No meio rural, essa passividade que era posta às mulheres ainda se torna mais evidente devido à estrutura de família e de trabalho mais rígida e conservadora.

Essa condição cultural, Ortner (2007) coloca como nivelada e reflexiva e sua complexidade e reflexividade constituem as bases para questionar e criticar o mundo no qual nos encontramos. Diante disso, o sujeito absorve códigos culturais, mas também reflete externalizando-os.

Bourdieu (2010) salienta a propensa divisão social do trabalho que envolve mulheres *versus* homens. Assim, ressalta Bourdieu (2010):



Esse programa social, de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e , antes de tudo, ao *próprio corpo*, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-os aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade das ordens social (p. 19 – 20, 2010).

Essa diferença entre os sexos então seria de ordem social e a biológica serviria como sua afirmação. Em conversas com as pessoas mais idosas, realmente essa proposta se enquadrava de forma perfeita, visto que o homem era sempre superior à mulher. Em nossa sociedade, a mulher sempre foi idealizada e vista como a que realiza todo o serviço doméstico, cuida dos filhos, enfim responsável pelos serviços de cunho privado, já o homem ficaria com a manutenção do lar e passa a maior parte do tempo fora do lar. Assim, os camponeses oriundos de família da família patriarcal européia foram se fixando nas colônias. Observa-se, entre os descendentes de italianos, uma organização familiar de domínio masculino no ambiente público, cabendo à mulher o poder no ambiente doméstico. Para Bourdieu (2010), a dominação de gênero é o centro da economia das trocas simbólicas. Na sua análise, a constatação de que essa prática está corporificada, fazendo vítimas tanto mulheres quanto homens. O corpo é, portanto, o lugar onde se inscrevem as disputas pelo poder, é nele que o nosso capital cultural está inscrito, é ele a nossa primeira forma de identificação desde que nascemos – somos homens ou mulheres. Por conseguinte, o nosso sexo define se seremos dominados ou dominadores, o corpo é a materialização da dominação.

Como se pode notar no seguinte depoimento de uma camponesa:

uma vez a mulher cuidava de casa, e claro, a lavoura. Mas, elas não iam na cidade fazer negócio, não iam pagar conta. Elas não se preocupavam com isso. O marido comprava, trazia e elas só preparavam. Elas não se estressavam, por isso que elas tinham dez, doze filhos (fala de fulano de tal em Simonetti, p. 25, 2004).

Assim, pode-se dizer que essa estrutura fixa da família patriarcal está sendo transformada recentemente, pois tínhamos indícios de fortes características mais severas. Isso era presenciado nas famílias até há pouco tempo atrás. Essa rigidez pôde ser constatada nas falas das mulheres entrevistadas. Por esses indícios e representações sociais, é quase consenso de que a mulher é o ser menos capaz, o sexo frágil que precisa

a todo tempo de um protetor, além disso, ainda hoje relegada a seu papel de reprodutora, enquanto a virilidade e os atributos considerados masculinos, como forte e protetor, são preferidos (Bourdieu, 2010)

No entanto, Foucault (1999) adverte que relações de poder não são estáticas e muito menos param no binômio dominador/dominado, em função do poder não estar localizado num lugar específico, pois as relações de força interagem entre si. O poder está no micro, está nas relações cotidianas, está circulando entre as pessoas, não está nas pessoas.

No passado, a principal função da mulher se restringia aos domínios da casa, sendo mesmo uma “escrava do lar”. O papel dessa era estar sempre disponível para servir à família, sendo que também trabalhava na lavoura ao lado dos homens. Pode-se até dizer que o lazer das mulheres se restringia ao trabalho. Já em alguns relatos das descendentes de Italiano que conversei, ficou demonstrado que o lazer se expandiu, não se limitando somente ao trabalho em casa ou na lavoura. Para as atuais mulheres, sair todo final de semana, conversar, visitar alguém, mostra uma grande mudança em comparação com as gerações passadas.

Assim, o papel da mulher vem mudando nos últimos tempos, tomando destaque, e isto não é diferente dentre essas mulheres descendentes de italianos, tanto as do meio rural como as do meio urbano. A mulher passou a procurar seu lugar nos mais diversos lugares da sociedade, criando, dessa maneira, um grau de independência e de afirmação em todas suas tarefas realizadas. As mulheres descendentes possuem consciência das mudanças que ocorreram na sociedade com o passar dos anos e do lugar que adquiriram com muito esforço e sacrifício, bem como dos possíveis conflitos com os homens quando disputam interesses comuns. Assim, em todas as entrevistas, foi possível perceber essa mudança de papéis e atividades dentro da sua cultura, como também se observa na sociedade em geral.

Para tanto, é necessário lembrar alguns trabalhos de resgate dessas mulheres camponesas da Quarta Colônia. Marin (1999) centra seu estudo em mulheres da localidade de Vale Vêneto<sup>20</sup>. A autora entrevistou mulheres em que figurou a permanência de costumes e valores dos seus pais e avós italianos. A marca forte nas entrevistas foi a vida diária daquelas mulheres regada a trabalho e disciplina para conseguir vencer as suas tarefas.

---

<sup>20</sup> Localidade pertencente ao município de São João do Polêsine, integrante da Quarta Colônia.

Outro trabalho que se preocupou acerca dessa temática foi Scapin (2002), além de fazer uma revisão bibliográfica com obras existentes sobre a imigração no geral e quanto à Quarta Colônia, houve a preocupação em fazer uma análise acerca da estagnação da Quarta Colônia em comparação às outras três colônias de imigração italiana no estado. Foi constatado que na Quarta Colônia ocorreu de fato um abandono muito rápido de seus descendentes que vieram a procurar Santa Maria, onde era ofertada a compra de mão de obra nas ferrovias.

A autora segue seu trabalho analisando a família patriarcal e suas características como o papel centrado no homem e a submissão da mulher voltada aos trabalhos da casa e à educação dos filhos. Por diversas vezes é ressaltado que a boa mulher era aquela quieta, que tinha respeito pelo marido e era trabalhadora. A educação também foi abordada, mostrando que muitas mulheres e até meninas tinham vontade de estudar, mas eram proibidas pelos pais porque a educação não era algo rentável e ficando em casa a mulher renderia mais trabalhando e cuidando dos afazeres domésticos.

Entretanto, chamo a atenção para o estereótipo criado para essas mulheres, ou seja, elas são vistas como a “mulher-mãe-trabalhadeira”. O trabalho entra nesse grupo como algo valorativo que marca também a educação bem como a socialização do meio. Nas entrevistadas mais idosas, sentimos um tom de melancolia em ver a casa vazia sem os filhos, netos, mas a satisfação logo aparecia ao lembrar que os entes queridos estavam estudando ou muitos conseguiram se estabilizar na cidade e possuíam uma boa profissão.

Retorno a falar da minha segunda entrevistada, que tinha 76 anos de idade e era da localidade de Novo Treviso. É bom salientar que essa entrevistada e sua família não possuíam terras em outro município, mas em conversa com minha informante e com outras pessoas da localidade, todos me indicaram essa senhora. Penso que ela tem o “o capital simbólico” dito por Bourdieu (2004). Parece que a comunidade se via nela, devido ao seu exemplo de vida e dedicação. Chegando lá, nos deparamos com duas filhas fazendo as “lidas” da casa, visto que a senhora havia feito cirurgia nos olhos e não estava enxergando quase nada, por causa disso, uma filha que morava em Cachoeira do Sul foi ajudar, e a outra filha ainda morava junto. Minha informante já havia conversado com ela anteriormente em uma missa avisando que nós iríamos fazer uma visita. Depois que fui apresentada, e por elas já conhecerem meus pais, a conversa fluiu muito normalmente. Uma das filhas e a senhora então começaram a me contar das doenças

que estavam se abatendo sobre ela. Percebi então que aquela senhora passava por um momento delicado de sua vida. Ela só repetia “preciso voltar a enxergar, senão o que vai ser de mim”. E ela continuava: “não posso ver todo mundo trabalhando e eu não posso fazer nada”. Pude perceber que sua dor maior foi de ter trabalhado toda vida, como me relatou em entrevista, e naquele momento, por quase não enxergar, estava impossibilitada. A única coisa que me vinha em mente era tentar acalmar aquela senhora dizendo que ela precisava repousar, fazer o que o médico falava, para conseguir sua reabilitação e então voltar a sua vida normal. Inclusive, comentei que, como ela nunca havia tirado férias ou alguma folga, essa era a chance dela aproveitar e descansar. Essa senhora estava muito bem amparada pelos filhos, havia até um “revezamento” entre eles para auxiliá-la no que fosse preciso.

Outro fato que essa senhora de Novo Treviso destacou foi que, dos seus 15 aos 20 anos ela lecionou catequese. Percebi o orgulho com que ela me falava sobre isso, repetindo algumas vezes. Disse que ainda hoje seus antigos alunos a paravam na rua para cumprimentá-la e agradecê-la pelas coisas ensinadas. Uma coisa que me chamou a atenção foi que ela citou que em sua turma havia alguns “morenos” que moravam na localidade. Ela disse que o racismo e o preconceito com aquelas pessoas era muito grande. Mas ela dizia: “eles também tem alma e precisam se salvar”. Achei esse relato fantástico, pois mostra a possível dificuldade dessas pessoas descendentes e oriundas da Itália de se relacionarem com os ditos “brasileiros”; e, ao mesmo tempo, como os “brasileiros” tentavam seguir a fé católica para talvez serem melhor vistos naquela comunidade.

Um ponto que destaco é de que essa senhora e as demais mulheres relataram que a vida na colônia era muito boa, a única coisa que vinha afligindo a todos eram as intempéries do tempo. Essa própria entrevistada disse que foi um ano com ela nunca tinha visto, pois perderam toda a uva que tinham plantado, fora outras plantações. A sua filha que estava lá visitando e que residia em Cachoeira do Sul, posteriormente comentou que perdeu praticamente toda a plantação de arroz devido às enchentes. A história de vida dessa filha é muito interessante, pois era viúva há 20 anos, e logo após o falecimento do marido, tendo um filho de 9 anos, o que restou foi assumir toda a propriedade. A senhora disse que a filha dirigia trator e teve que ir se adaptando ao serviço que era exclusivo do homem. Essas histórias são decorrentes de mulheres que não tiveram outra opção a não ser assumir propriedades, além de seus serviços habituais

agregaram outras formas de trabalho. A questão da educação também foi muito falada por essa senhora e por todas as outras mulheres. O fato é que todas consideram que a educação é essencial hoje em dia.

Essas mulheres relataram que antigamente não tinham acesso à luz elétrica. Assim, o banho era em bacias e a luz era à base de lampião. São relatos que nos assustam e parecem tão distantes de nós, devido a tantas inovações que vemos hoje. A minha própria informante de Novo Treviso relatou que sua família começou a ter luz elétrica em meados de 1987. Ainda relatou que, como não havia geladeira e nem freezer, algumas comidas eram conservadas na banha.

Ouvi os mesmos relatos no Sítio Alto quanto às dificuldades de acesso à luz elétrica. Tanto que as mulheres com as quais conversei disseram que, quando chegou a luz, foi uma alegria a todos. No entanto, nem todos tinham condições financeiras de ter geladeira ou freezer, assim três ou quatro famílias dividiam a mesmo eletrodoméstico. Hoje, porém, em todas as residências em que estive era possível ver geladeiras, freezer, microondas, forno elétrico, televisão, aparelhos de DVD, rádios, enfim, inúmeras formas de tecnologias que somente vinham a auxiliar a vida dessas mulheres e das famílias em si; e quando indaguei sobre a importância da energia elétrica, todas prontamente responderam que ajudou muito na vida cotidiana.

Outra questão que deteve minha atenção na pesquisa foi que, na comunidade de Novo Treviso, entrevistei algumas mulheres, cujos maridos e filhos possuíam terras e trabalhavam em outras cidades. Esse era um contraponto que me propus a fazer com a comunidade do Sítio Alto. Em Novo Treviso, entrevistei duas mulheres em que, o marido de uma delas ficava todo o dia longe de casa, mas à noite voltava, e o da outra mulher ficava dias fora de casa. Em um outro caso, o filho de uma senhora ficava fora de casa durante o dia, mas o marido dela não saía mais para trabalhar, pois o trabalho era longe.

Eu levanto tipo 6 ... 6 e30 ... tomo café, faço almoço pra ele (marido) levá, daí tiro leite, depois faço as tarefa de casa, trato dos bicharedo, lavo roupa, faço comida, limpo a casa, vou vê o gado, limpa coiso mandioca, na lavoura em si não ajudo tanto porque plantamo em Faxinal, daí o meu marido vai todos dias pra baixo e ele vem para casa todos os dias no caso né, mas sai de manhã, leva o almoço e fica lá, trabalha lá direto, planta arroz. Pesquisadora: “e no caso, quando ocorre algum problema que você precisa resolver?” É, se é coisa urgente, daí eu ligo, ele vem né e quando posso resolver eu resolvo ... se é coisa pouca, porque ele vem para casa só

de noite né, de dia ele fica lá direto lá e aqui a gente planta pouco, só milho né ... fumo a gente não planta só o milho mesmo (Novo Treviso, 30 anos).

A respeito dessa mulher entrevistada de Novo Treviso, percebi que ficam sob sua responsabilidade as tarefas da propriedade, tais como: cuidar do gado, alimentar os bichos. No entanto, em sua fala, ela demonstra não ter total autonomia para resolver os chamados problemas “urgentes”, mas se os problemas forem de pequena escala é possível ela resolver. Como nesse caso o homem voltava todo o dia para casa, a situação não se tornava tão difícil, como foi abordado por Silva e Menezes (2010), quando a migração é por um tempo considerável, pois os homens saem de casa para colher cana dentre outros trabalhos, nesse contexto: “a migração dos homens transforma a posição das mulheres na família bem como redimensiona os espaços” (p.294, 2010).

No entanto, as mulheres continuam de certa forma subordinadas aos homens, que migram para trabalhar longe, sobretudo quando se trata de tomar decisões sobre o patrimônio da família e sobre questões financeiras. Os autores citam um exemplo de uma mulher que, quando muito necessário, pode tomar alguma decisão urgente, mas depois deve dar conhecimento do ocorrido ao homem.

Esse evento da distância talvez possa vir ocasionar uma mudança da comunidade de Novo Treviso, como se pode ver na seguinte fala:

Sei lá a gente tem idéia né de ir morar lá (cidade), porque daí fica mais fácil para ele (marido), não precisa esse corre corre, daí fica lá, mas não tem nada concreto ainda, tem que ver, porque como a terra não é da gente, depende de arrendamento, tem que ver se os donos arrendam para mais tempo, qual é a ideia deles né, mas se der certo a gente vai pra cidade acho (Novo Treviso, 30 anos).

Esse relato me remete a um outro depoimento da comunidade de Novo Treviso, que já foi demonstrado, onde uma família também estava se mudando para a cidade, pois o filho achava cansativo ter que “ir” e “vir” das terras onde cultivava. E, dessa forma, famílias que têm terras relativamente longes da comunidade podem acabar tendo que se transferir para a cidade, pois, para as pessoas que ficam no “vai” e “vem”, acaba sendo cansativo. Os próprios irmãos dessa mulher acabaram comprando terras em outra cidade e se mudaram da comunidade:

É sim, mas é tudo arrendado Pesquisadora: e o que motivou eles a saírem daqui? Ah para melhorar um pouco né porque aqui não tem condições de sobrevivência somos em 5 não tem terra pra todo mundo né e daí eles começaram a ir pra fora arrendar terra foram indo e começou a dar certo daí tão lá todos plantam arroz, tem um pouco de gado também, mas não muito né, é e dá pra ir vivendo, 100% não dá porque tá muito baixo o valor dos produtos e lá nós temo barragem, então o arroz não sofre muito, só se não tiver águas nas barragem daí sim. É até dois moraram em Faxinal e trabalhavam onde a gente planta agora, só que daí lá (Alegrete) é melhor né tem mais expansão de terra, o que aqui não tem, em Faxinal é aquilo aí ou aquilo aí, mas tão bem assim da para ir levando, vivendo (Novo Treviso, 30 anos).

Esses três irmãos migraram em busca de terras, mas todos casaram e levaram as esposas junto para Alegrete. Caso diferente do que ocorre na região dos cocais maranhenses, onde as mulheres são conhecidas como “viúvas de maridos vivos”, pois ficam separadas de seus maridos ou filhos nove meses do ano (SILVA, DE MELO, APPOLINÁRIO, 2010).

é que o meu marido não tá em casa, que nós temo lavoura ali em Santa (Sta. Maria), dali fica só o pai e eu não posso ir (problemas de saúde) meu marido vai, fica uma semana, volta, se precisa fica 15 ou 20 dias, ou vai, fica 3 ou 4 dias e volta e lá é arrendado e lá é plantado soja e é tudo na base do maquinário, é nesse ponto daí os homens eles se viram aí eu fico em casa e faço o que dá né, e eu moro com os meus pais (Novo Treviso, 43 anos)  
Aí é ruim sim (a distância) ainda que eu moro com meus pais, daí me sinto mais tranqüila, mas se morasse sozinha, daí sim acho que me mandava, nesse ponto me sinto segura aqui e é quanto aos filhos ele tá pouco aqui então educação é mais comigo e ele (marido) chega em casa, daí a gente conta, fulano (filho) fez isso, fulana (filha) fez aquilo, daí ele diz “como é que vou fazer se eu fico tantos dias fora e depois como é que vou xingar chamar a atenção”, e ele acha ruim chegar em casa e pegar pesado já que vê pouco os filhos, aí sobra pra quem tá em casa né, e lá ele tem uma casa na lavoura (Novo Treviso, 43 anos).

Esse aspecto passa a ser relevante, pois a entrevistada admite que acha negativo ter que educar os filhos praticamente sozinha. “A parte ruim”, como chamar a atenção dos filhos, aplicar alguma punição, cabe à mulher ou aos avôs, já que moram juntos, visto que, como o homem vê pouco as crianças, não se sente confortável em chamar a atenção. A entrevistada admite que, se tivesse que ficar sozinha cuidando dos filhos, teria já saído de Novo Treviso e ido morar com o seu marido. Esse auxílio do avô e da avó de cuidar dos netos foi lembrado nas entrevistas sendo considerada uma grande ajuda.

## 4.2 - O acesso a aposentadoria, Pronaf e ao dinheiro

### 4.2.1 - Acesso à aposentadoria

O programa previdenciário rural no Brasil possui sua atual configuração legal determinada pela Constituição de 1988 e pelas Leis 8.212 e 8.213, de 1991. Esta legislação significou uma alteração conceitual profunda no sistema de previdência, pois extinguiu o tratamento administrativo-institucional separado dado até então ao setor rural, incluindo os trabalhadores rurais e os segurados produtores familiares, chamados de “segurados especiais”, no plano normal de benefícios do Regime Geral de Previdência Social.

Dessa forma, as mulheres trabalhadoras rurais vieram a ter acesso à aposentadoria independentemente de o cônjuge já ser beneficiário ou não. Torna-se até surpreendente que somente no final do século XX a trabalhadora rural adquire seu direito a aposentadoria. A primeira especificidade de tratamento, no entanto, continuou residindo na forma de contribuição do segurado especial, onde, ao invés de contribuições sobre a remuneração percebida, manteve-se a contribuição sobre a produção comercializada. Em termos de plano de benefícios, tal qual para os segurados “normais” do INSS, o piso de benefícios para aposentadorias (pensões) dobrou (triplicou) e passou a ser de um salário mínimo, aplicável também aos benefícios concedidos antes de 1988.

Assim, dar voz às mulheres camponesas se torna uma vitória se formos analisar o papel da mulher na sociedade até poucas décadas atrás. Antes da década de 1950, as mulheres camponesas jamais sonhariam em conquistar um espaço na sociedade, pois o mando masculino<sup>21</sup> era fortemente predominante. Criar uma filha e saber que o marido teria o direito de bater nela era praticamente natural. Para as camponesas, não havia alternativa a não ser se casar e suportar a situação imposta. A grande maioria delas era analfabeta, pois, a educação pública, até a década de 1950 ainda não era realidade na maior parte das cidades do Brasil. A Igreja católica, em grande parte, se encarregava de

---

<sup>21</sup> Vide Pierre Bourdieu, A dominação masculina.



pregar, abertamente, a submissão e a obediência da mulher com relação ao homem. Mulheres não eram consideradas como seres com capacidade de pensamento.

As próprias mulheres tinham consciência da importância de terem direito à aposentadoria. Além disso, lembraram o quanto era difícil trabalhar há anos atrás, e quando atingiam uma certa idade ainda tinham que depender do marido. Como se pode observar na citação abaixo:

É, o dia que eu puder me aposentar, até não tenho carteira assinada, porque se eu trabalhasse com carteira assinada eu não ia me aposentar como agricultora. Sim nós temos bloco e com 60 anos e eu com 55 anos me aposento, senão mudarem e não falaria muito e se assinarem a carteira vou perder todos esses meus anos e tanto aqui na colônia tendo tua vaquinha teus bichinho tu vive tranqüila, vive bem, pode vender um queijinho, uma dúzia de ovo, umas coisas, e sempre se dá um jeito, tu planta uma abóbora, uma mandioca, uma horta, não precisa depender muito de mercado, com um salário aqui na colônia tu vive muito bem e acho que na cidade é mais difícil, aí a luz para nós é mais barata, nós não precisamos pagar a água porque é natural de poço (Novo Treviso, 44 anos).

É interessante notar a consciência dessa mulher quanto à aposentadoria como direito adquirido, visto que não faz muitos anos que a previdência mudou, proporcionando esse ganho para essas pessoas. Deere (2004) aponta que a mobilização se dava em torno do reconhecimento da mulher como trabalhadora, o que estava diretamente associado ao seu direito à aposentadoria. A Comissão das Mulheres Rurais, da CUT, no ano de 1990, teve como principal reivindicação o reconhecimento da mulher como trabalhadora.

Em outro depoimento, é possível notar a importância desse acesso à aposentadoria:

Ahh mudou, uma que tem a aposentadoria que antes não tinha né, essas mulheres hoje com 55 anos tu vê que são outras mulheres né, pelo menos tem um dinheirinho quando nunca tinham enxergado dinheiro na vida, tipo aqui em casa eu e o marido era uma caixa só, era tudo junto, a gente pegava o dinheiro a hora que queria, mas aqui a redondeza não era fácil viu, as mulheres no caso mas nenhum centavo enxergavam e agora essas mulheres são outras mulheres são felizes né de quando surgiu essa aposentadoria de 55 anos que não faz muito tempo (Sítio Alto, 54 anos).

Nessa citação, a camponesa aponta que a vida de suas vizinhas de comunidade melhorou após adquirir a aposentadoria. O que achei interessante nessa citação é que a

mesma aponta que, em sua casa, o controle do dinheiro era feito por ela e pelo seu marido. Isso evidencia que, em algumas propriedades, essas mulheres tinham acesso ao dinheiro. Dessa forma, acho pertinente trazer outra citação, de uma informante relatando sobre a vida de seu pai e de sua mãe:

O pai e mãe estudaram até a segunda série, estudaram aqui com as irmã ... assim meu pai e mãe sempre fizeram as coisa tudo junto, assim tudo os negócio que foi feito juntos nunca que o pai fez alguma coisa sozinho ... é que a mãe gostava de mandar também .... (risos) .... não é que ela mandasse sozinha, nem o pai mandava sozinho, eu sempre vi eles fazê tudo junto, até quando o pai ia para cidade, quando chegava em casa contava tudo né, o que fez, com quem conversou, o que comprou, tudo era assim, e ela era mais difícil ir, mas o pai sempre ia ... ela também ia, mas menos que o pai e ela para saí sozinho fazer uma compra nunca (Novo Treviso, 44 anos).

Aqui, nessa citação, é vista uma outra versão da mulher (“a mãe gostava de mandar também”), no entanto, ela não podia ir até a cidade fazer compras ou negócios. A mãe dessa informante tinha 76 anos e é interessante notar que dentro do domínio privado ela detinha o “poder” de mandar, mas em público o homem era quem fazia as tarefas. Essa divisão de tarefas Simonetti (2004) analisa como sendo próprio da estrutura de família patriarcal oriunda da Europa.

Brumer (s/d) faz considerações importantes sobre as melhorias observadas na previdência social brasileira. A previdência, portanto, seria políticas e ações que visam ao atendimento à saúde da população e à assistência social, dirigida aos necessitados, ou seja, previdência social integra o conjunto de políticas e ações que formam a seguridade social de um determinado país. O modo como isso é feito depende da história institucional do país e, em cada caso, da conjuntura e do jogo de forças entre os diversos grupos de poder que compõem a sociedade. Como já foi dito anteriormente, na década de 1960, foram tomadas as primeiras iniciativas para estender a cobertura previdenciária aos trabalhadores rurais. A primeira dessas iniciativas, o Estatuto do Trabalhador Rural, de 2 de março de 1963, regulamentou os sindicatos rurais e instituiu a obrigatoriedade do pagamento do salário mínimo aos trabalhadores rurais. Na prática, a cobertura previdenciária aos trabalhadores rurais não se concretizou, pois os recursos necessários à sua efetivação não foram previstos na legislação. Medidas relativas à organização dos trabalhadores rurais foram adotadas em várias leis, na década de 60, viabilizando, posteriormente, a associação entre os sindicatos de trabalhadores rurais e a previdência

social rural. Em outra citação, a mulher admite ter realmente sua vida melhorada após a aposentadoria:

Sim os guri fazem (PRONAF), mas eu nunca fiz, bom eu mudou minha vida depois que me aposentei que foi com 55 anos, aí que eu comecei a ter as coisinha porque não podia porque a gente não tinha galpão, não tinha um maquinário, não tinha um trator, não tinha um disco, não tinha nada, não se tinha um reboque, nada filha de Deus, nada, era só a boi e carroça e depois devagarzinho com o meu salário comecei a economizar ajudei os guri a comprá reboque ajudei no trator (Sítio Alto, 70 anos).

Esse comentário é muito elucidativo de como o acesso à aposentadoria mudou a vida de algumas dessas mulheres que residem na zona rural. A senhora ainda lembrou que após o marido falecer, os dois filhos ficaram doentes e, com isso, acabaram gastando as poucas economias que tinham com hospital e tratamentos, mas com o auxílio dela conseguiram ir adquirindo as coisas para a propriedade.

Mas a aposentadoria daí a mulher pode fazer do seu dinheiro o que ela quer, tem um depósito no banco pra se defendê nos remédio na doença, e antes nada. Má olha, digo sempre pras moça, principalmente se tem ocasião de estudar, estudem, má vão se ganhar o dinheirinho de vocês porque vá que pega um homem que vá que não dá certo ou coisa parecida, se tu não tem teu dinheiro, o que que tu faz? Se tu tem o teu dinheiro e faz e vai como digo onde tu quer e não precisa depender de ninguém tudo dele. Isto, isto virei gente eu depois que me aposentei primeiro era bicho (quase sussurrando a voz) não podia comprar nada (Sítio Alto, 70 anos).

São algumas frases que marcam esse trabalho etnográfico, como “virei gente depois que eu me aposentei”, demonstrando que a mulher trabalhadora da terra sofreu por anos sem ter direito ao benefício da aposentadoria, dependendo quase que exclusivamente do marido. Com as entrevistadas aposentadas que conversei, todas deram muita importância a esse benefício, pois lembraram que há anos atrás a mulher não tinha a liberdade em mexer com o dinheiro. Inclusive uma entrevistada, que ainda não era aposentada, comentou o seguinte:

Quanto ao dinheiro ele (tio) davam tudo que precisavam, mas dinheiro, dinheiro não, nunca vi dinheiro, mas o que a gente precisava a tia sempre foi de dar as coisas, ela dava um jeito. Assim, a tia tinha os irmão tudo na cidade trabalhavam então vinham e traziam de presente, a gente nunca teve tanta dificuldade agora até os 8 anos que eu morei com minha avó, roupa a gente não tinha pra sair, não tinha, quando dava um roupinha ficava uma semana

comentando né, um chinelinho, um sapatinho ganhei quando fiz a primeira eucaristia, bahh e o vô que ia comprar, não era a mulher, eu passei com 8 anos e o vestidinho eles faziam com retalhinho, e esses anos tudo vinha em saco né e eles lavavam esses sacos de farinha, de sal ... açúcar mas pra andar assim era de saco tingido, às vezes até ficava assim Cristal açúcar ... [risos] ... que o tingido não escondia e tudo era com saco, lavavam direitinho, tingiam e faziam a roupinha assim (Sítio Alto, 53 anos).

Esse foi um ponto também comentado pelas mulheres o de fazer roupa com saco de mantimentos, pois não havia outra forma.

Coradini (1996) denomina o sindicalismo dos trabalhadores rurais por meio de algumas características tais como: apropriou-se sobre uma definição de “classe” os trabalhadores rurais, institucionalizou-se uma estrutura sindical vertical o que viria a minimizar o clientelismo tradicional, contribuir para a formação de uma constituição de uma legislação especificamente aos trabalhadores rurais e o sindicalismo sendo uma intermediário frente aos grandes proprietários.

Brumer (s/d) relembra que em 1971 foi lançado o Programa de Assistência Rural (PRORURAL), ligado ao FUNRURAL, que previa benefícios de aposentadoria e aumento dos serviços de saúde até então concedidos aos trabalhadores rurais. Entre outras medidas, o PRORURAL previa a aposentadoria por velhice e por invalidez para trabalhadores rurais com 70 anos ou mais de idade, no valor de meio salário mínimo, pensão, equivalente a 70% da aposentadoria, e auxílio funeral, para dependentes do beneficiário, serviços de saúde, incluindo assistência hospitalar e tratamento odontológico, serviço social em geral. As mulheres só seriam beneficiadas diretamente caso fossem chefes de família. A constituição de 1988, complementada pelas Leis 8.212 (Plano de Custeio) e 8.213 (Planos de Benefícios), de 1991, passou a prever o acesso universal de idosos e de inválidos de ambos os sexos do setor rural à previdência social, em regime especial, desde que comprovem a situação de: produtor, parceiro, meeiro e/ou arrendatário rurais, garimpeiro, pescador artesanal, bem como respectivos cônjuges que exerçam suas atividades em regime de economia familiar, sem empregados permanentes.

A autora retrata também que as mulheres trabalhadoras rurais passaram a ter direito à aposentadoria por idade, a partir dos 55 anos, independentemente de o cônjuge já ser beneficiário ou não, ou receberem pensão por falecimento do cônjuge. Os homens também tiveram uma extensão de benefícios, como a redução da idade para concessão

de aposentadoria por velhice, de 65 anos para 60 anos, e passaram a ter direito à pensão em caso de morte da esposa segurada.

Outros segmentos femininos também foram importantes no Brasil quanto aos objetivos que motivavam as ações coletivas destas mulheres, estas também tinham inspiração no movimento feminista, que tivera significativa relevância no Brasil durante o século XX. O movimento pelo sufrágio universal, que garantiu às mulheres o direito de votar e ser votada, em 1932, teria sido uma das primeiras ondas feministas no Brasil. O segundo momento importante do movimento feminista foi nas décadas de 1960 e 1970, enfocando a emancipação social e auto-realização das mulheres.

Schaaf (2001) destaca a implantação dos sindicatos, dos quais as pequenas agricultoras tinham como pretensão, no princípio, participar junto com os homens como sócias, tendo como planejamento colocar em pauta reivindicações dos direitos das mulheres. Ainda que a mulher tenha sido peça fundamental na implantação do novo sindicalismo, a sua participação se deu com algumas restrições. A primeira barreira foi a resistência masculina, que achava desnecessária a participação da mulher. No ano de 1986 foi lançada a primeira cartilha da Mulher da Roça, que tinha grande influência religiosa feminina, dava orientações para organização e tratava da real invisibilidade feminina, como mostra o canto “Mulher da roça”:

Mulher da roça a tua fé e coragem.  
É o que dá força pro roceiro lavrador.  
Tu és exemplo de luta e trabalho. E tão poucos reconhecem teu valor.  
Mulher da roça deixa as panelas e briga por teus espaços por mais justiça e os direitos que tens” (Schaaf, p. 223, 2001).

#### **4.2.2 Racionalizando gastos**

Durante a realização de uma das entrevistas, uma das mulheres começou a analisar os seus gastos e prejuízos na venda de bolachas. Ressalto que a mesma fazia bolacha toda a semana e na sexta-feira ia para a cidade de carro com seu marido para a venda. Enfatizo que ela já tinha os “clientes fixos”, então ia direto às casas onde sabia que iria vender, caso sobrasse bolachas, vendia em Novo Treviso. A média de pacotes semanais vendidos era entre 350 ou 400 unidades vendidas por R\$ 2,50. Esse preço era

muito atrativo, pois, em pesquisa nos mercados, observei que cada pacote de bolacha era comercializado entre R\$ 3,25 e R\$ 4,00. No entanto, no mercado era muito comum ver bolachas de agroindústrias. Vejamos a discussão entre uma das entrevistadas e a informante–colaboradora a respeito de gastos e dinheiro:

Informante–colaboradora (Novo Treviso 44 anos): essa semana fiz 400 reais, gastei 100 no mercado, só não contei o óleo, a banha, o leite, a luz que gasta, é, de luz até achei que ia dar mais, mas deu 120 reais esse mês [zona rural não paga ICMS], mas o forno elétrico de segunda à quinta direto.

Novo Treviso, 30 anos: é, mas aqui nós gastemo R\$ 150,00 de luz, bastante, tá louco, é o menos que da é R\$ 100 reais, mas agora no verão com os ar sendo que um que desses split diz que gasta menos luz. É que a gente não fica muito controlando porque é débito em conta e quando vê vem três ou quatro contas tudo junto para ver quanto gastou e tem que ser débito com conta porque é muita conta pra pagar e vai que tu esquece só de luz tem cinco contas.

Informante–colaboradora (Novo Treviso 44 anos) comentando sobre ampliação da fabricação de bolachas: chega, não quero mais clientes pras bolachas porque não tô vencendo essas que tem que fazer ... é que sou só eu e tenho que pegar uma pra ajudar daí não vale a pena, eu fiz a conta aqui na colônia, pra ti pegar uma pra te ajudar tão pedindo R\$ 25,00 reais por meio dia, que nem uma faxineira e fiz a conta e não vale a pena e iria ter que andar mais pra vender e eu fazendo trabalho mais tranquila é que assim não entro naquela “tenho que fazer mais” e eu nunca trabalhei de assim ter uma empregada, tenho medo.

Essas falas revelam ou demonstram o controle que essas mulheres têm sobre o dinheiro e a lógica do “receber” e gastar. Se compararmos suas falas com as mulheres de mais idade que não tiveram esse mesmo acesso ao dinheiro quando mais jovens, a mudança é gritante. Chamo a atenção para o fato de o pagamento de contas ser em débito em conta, isso é prática muito comum entre os colonos, pois não precisam ficar se preocupando com o vencimento das dívidas. Sobre a confecção das bolachas, é bom salientar que o marido da informante–colaboradora a auxiliava, pois às vezes ela não conseguia dar conta. Além disso, levava-a a todos os lugares nas sextas-feiras para a venda, destaco a sua paciência e compreensão para com a mulher.

Sobre os valores pagos nas contas de luz assinalados acima, saliento que são caros, pois os moradores da zona rural não pagam o imposto ICMS que torna a tarifa mais elevada. No entanto, o alto valor da fatura da entrevistada de 30 anos se deve à utilização de ar- condicionado no verão. É bom salientar que há anos atrás era impensável ver em alguma residência da zona rural algum ar-condicionado, devido ao seu preço elevado e ao fato de muitos agricultores acharem uma futilidade.

Continuando a conversa, ambas ainda dialogaram a respeito do dinheiro e de sua utilização:

Novo Treviso 30 anos - É eu tenho [conta em banco] mas geralmente é ele que lida porque a gente não tem muita experiência, mas eu tenho, faço financiamento, mas essas coisa são todas conversadas entre nós.

Informante-colaboradora (Novo Treviso 44 anos): hoje acho difícil aquele homem que faz tudo sozinho.

Novo Treviso 30 anos: é, mas ainda tem os que fazem tudo sozinho, isso nas colônia principalmente, na cidade não sei né, na cidade acho que cada um trabalha e cuida do seu dinheiro, outra coisa que acho errado né se eu trabalho o dinheiro é meu e vice-versa, porque se tu tá casado e tem uma família, vamo se ajudar né, eu penso assim, mas tem muita gente que não, o dinheiro não importa de que lado vem, é tudo a mesma coisa.

Informante-colaboradora (Novo Treviso 44 anos): lá em casa é tudo junto com o dinheiro das bolacha quando chega vai pagando conta quando vem o salário dele vai entrando e pagando conta.

Novo Treviso 30 anos: é, tem que ser assim, senão tu não consegue, se amanhã precisa de um dinheiro a mais não tem, daí vai ser “te vira”... risos ... né daí não dá certo, que nem eu não me estresso se faço queijo, faço e tiro algum dinheiro, senão o dinheiro sai da lavoura mesmo, nem tô que nem o queijo não é tão fácil de vender, e vai que tu não acha quem compre, antigamente era mais fácil porque os mercados aceitavam.

Essas falas são emblemáticas, demonstrando um processo de mudança da família desses descendentes de imigrantes italianos quanto ao acesso e à utilização do dinheiro. Saliento, como exemplo, a mulher que produzia bolachas e vendia na cidade toda a semana e, como relatado, o dinheiro servia para pagar contas pessoais e da família. Nessa atual concepção, o marido aceita o dinheiro do trabalho de sua esposa sem nenhum porém. Na pesquisa pude perceber que havia diálogo contínuo entre os casais. Havia desavenças, discordâncias sobre certos assuntos e atitudes, mas, entre relações humanas, isso vem a ser algo corriqueiro. Como disse uma senhora, “melhor assim do que não poder falar nunca”, se referindo há anos atrás quando era vetada a voz ativa da mulher.

Zelizer (1989) acrescenta uma interessante análise a respeito do dinheiro entre as mulheres:

Gender marked women's money even when their income was earned. Women's wages were still earmarked as separate and treated differently. A wife's pin money, regardless of its quantity, and even when it brought the family a needed income, remained a less fundamental kind of money than her husband's wages. It was either collectivized or trivialized, merged into the housekeeping fund and thus undifferentiated from collective income or else treated as a supplementary earning designated either for family expenses (a

child's education or a vacation) or for frivolous purposes (clothing or jewelry) (1989, p.369).<sup>22</sup>

Nessa citação, pode-se perceber que o dinheiro ganho pela mulher era menos fundamental que o ganho pelo marido. Dessa forma, o gênero marca a forma de se analisar os rendimentos, pois os ganhos das mulheres eram vistos apenas como algo complementar. Dentro das observações de campo, pude analisar que essa questão do dinheiro começou a se modificar nos anos de 1980, quando a mulher camponesa passou a ter acesso à aposentadoria dentre outros direitos com a Constituição de 1988 e, em decorrência disso, começou a ter uma voz mais ativa no interior das famílias. Cabe salientar que a busca dessas mulheres por seu espaço é diária, havendo uma constante procura por alternativas para obtenção de mais rendimentos.

A seguir, veremos alguns exemplos a respeito do PRONAF–Mulher, onde as agricultoras buscam formas de financiamento a fim de conseguir empreender algo.

#### 4.2.3 Sobre o PRONAF

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) financia projetos individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária. O programa possui as mais baixas taxas de juros dos financiamentos rurais, além das menores taxas de inadimplência entre os sistemas de crédito do País. Esse crédito serve para o custeio da safra ou atividade agroindustrial, seja para o investimento em máquinas e equipamentos, seja para infraestrutura de produção e serviços agropecuários ou não agropecuários<sup>23</sup>.

Fizemos [...] aliás, eu até PRONAF não, eu pego muito, pego algo mais alto pela área de terra que é empréstimo pra lavoura né e tu te obriga pegar porque não tem como fazer por conta [...] pois é, eu não consigo pronaf porque arrendo bastante área, no caso então tá muito acima, então faz custeio,

<sup>22</sup> O gênero marcou o dinheiro das mulheres, mesmo quando o seu rendimento foi auferido. Os salários das mulheres estavam destinados, separados e tratados de forma diferente. O dinheiro da esposa, independentemente de sua quantidade e mesmo se ele trouxe à família uma renda necessária, manteve-se como uma espécie menos fundamental se comparado ao dinheiro do marido. Esse dinheiro era coletivizado ou banalizado, mesclando um ganho complementar designado às despesas da família (educação de uma criança ou férias) ou para fins fúteis (roupas ou jóias) [tradução própria].

<sup>23</sup> Fonte: <http://portal.mda.gov.br/portal/saf/programas/pronaf> acessado em 31 de janeiro de 2011.



investimento algo assim mais alto e o pronaf é baixinho não sei se é 5 ou 7 mil, não tem como plantar uma lavoura de 50 ha de arroz com 7 mil reais, não tem como pagar o óleo diesel ... risos ..... mas assim aqui na colônia é uma baita ajuda, não vou dizer que não ajuda, só não valoriza os produtos eles não valoriza ... bom nada valorizam. (Novo Treviso, 30 anos)

Hernández (2009) caracteriza essa oportunidade ao acesso a crédito como um instrumento voltado não só para agricultura familiar, mas também para as mulheres rurais. Isso também pode ser observado como uma oportunidade de empoderamento<sup>24</sup>, como estratégia de desenvolvimento.

O primeiro passo para conseguir o crédito do Pronaf-Mulher é preencher uma declaração de aptidão ao Pronaf (DAP), informando, assim, ao banco que ela está apta a esse acesso. Depois é necessário um projeto, onde fique explicitado como e onde essa mulher vai aplicar os recursos. No município de Faxinal do Soturno, esse projeto é realizado na EMATER, que contribui para a sua elaboração.

Visitando a EMATER e conversando com o responsável, foram relatadas algumas iniciativas das mulheres através da categoria Pronaf-mulher. O responsável da EMATER relatou que fizeram financiamento para algumas mulheres do município de Faxinal do Soturno, onde havia sido feito o projeto para adquirir o financiamento. Para duas ou três mulheres, foram financiadas máquinas de costura, não máquinas pequenas, mas sim de maior porte. Dessa forma, essas mulheres podiam receber pedidos de toalhas, dentre outros itens, e depois podiam vender esses produtos. Isso poderia garantir uma renda para elas e conseqüentemente para suas famílias. Esse dinheiro adquirido pode ser pago em até oito anos, porém o técnico da EMATER relatou que normalmente as mulheres preferiam pagar, no máximo, em quatro anos, para a dívida não se estender muito.

Outra informação que foi passada, diz respeito a uma senhora da comunidade do Sítio Alto, que procurou a EMATER para falar sobre o financiamento, pois gostaria de plantar pés de uva. Ele disse que seriam plantados 120 pés de uva sem semente, sendo que isso poderia abastecer boa parte do município de Faxinal do Soturno na época do Natal. Esses exemplos são fundamentais, demonstrando a iniciativa de mulheres e a busca de estratégias para conseguir ganhar seu dinheiro. Elas resignificavam o seu saber fazer em outras atividades. Como se percebe, algumas já não se satisfaziam em

---

<sup>24</sup> Tem sua origem na luta dos direitos civis no movimento feminista, a partir da segunda metade do século XX nos países considerados desenvolvidos.

apenas vender algum queijo e/ou verduras excedentes, mas sim desejavam empreender algo.

Em dados obtidos na própria EMATER, pode-se ter uma noção do número de mulheres que fizeram financiamento no ano de 2010. Noventa e um produtores elaboraram projeto de investimento juntamente com o escritório municipal de Faxinal do Soturno, totalizando um montante de R\$ 2.147.505,47. Desses, nove foi a quantidade de mulheres que adquiriram o financiamento para investimento nas agências bancárias de Faxinal do Soturno. Sendo que um financiamento foi feito no banco CRESOL, no valor de R\$ 49.670,00 e os outros oito foram feitos no Banco do Brasil, totalizando R\$ 167.508, 50. Portanto 9.8% do total de produtores que elaboraram algum projeto de investimento são mulheres.

Sobre isso Hernández admite que:

O Pronaf–mulher surge com o pressuposto de que através do acesso ao crédito é possível gerir uma atividade própria que possibilite às mulheres contribuir para a renda familiar e repercutir na sua autonomia econômica, bem como permitir-lhe um reconhecimento e uma maior participação econômica (2010, p. 98).

Essa independência financeira faz com que as mulheres criem, produzam seus produtos, como exemplo, pode-se citar a agroindústrias. Na EMATER obtive informações de que uma mulher financiou máquinas para o seu novo empreendimento e nos mercados do município era possível visualizar seus produtos.

Infelizmente não entrevistei nenhuma mulher que tenha acessado o Pronaf-mulher, até mesmo porque as nove citadas acima não faziam parte das comunidades escolhidas para esse trabalho. No entanto, em conversa com o técnico da EMATER e com as próprias mulheres que estavam realizando algum “empreendimento”, como a fabricação de bolachas, o cultivo de verduras, sem o auxílio desse financiamento, percebi que era visível a satisfação por conseguirem comprar certas coisas e ainda ajudar em casa ou os filhos. Esses mesmos característicos aqui vislumbrados são possíveis encontrar no trabalho de Zorzi (2008), no qual se relata que as agricultoras de Ijuí/RS que acessaram esse financiamento se mostraram possibilitadas de consumir, tanto no âmbito pessoal como no familiar, aumentando, assim, a auto-estima.

Zorzi (2008) também aponta a reação dos maridos quanto ao ato empreendedor da mulher. Alguns aceitam, outros encaram com certa desconfiança, necessitando ter o convencimento, sendo que esse empreendedorismo vem para cooperar com o bem estar da família e não com o objetivo de competir com os seus maridos. No entanto, depois, com o passar do tempo, os maridos acham providente a “ajudinha” que a mulher traz para dentro de casa, pois, assim, as despesas não dependem apenas deles. Nessa pesquisa consegui obter bom contato com alguns maridos das camponesas. A mulher que vendia bolachas semanalmente dependia diretamente do marido, pois ele dirigia parando de casa em casa. O mesmo, quando indagado a respeito da venda de bolachas, relatou que achava o dinheiro fundamental para o auxílio das despesas, ele incentivava e, por vezes, auxiliava na confecção das bolachas. Outro exemplo é o caso da senhora que vendia queijos também semanalmente, o marido também a levava de casa em casa.

O que se torna importante nessa análise é que, antigamente, essa situação de uma mulher estar à frente de algum negócio, não seria algo possível, devido a sua submissão em demasia. Nos dias de hoje, conversando, convivendo com essas pessoas é possível perceber sensíveis mudanças nesse aspecto. O termo “antes era escrava da casa, de tudo” é muito frequente nas falas das mulheres mais velhas. As filhas dessas mulheres parecem não ter passado por tantas privações como suas mães, mas tinham limites; e hoje as netas dessas mulheres de mais idade estão tendo oportunidades de estudar e de ter acesso tanto ao dinheiro como a outras “mordormias” com bem mais facilidade. Nesse sentido, as camponesas dizem “a vida de hoje é bem melhor, bem mais fácil”, referindo-se às dificuldades de anos atrás.

### **4.3 Sobre a cozinha e a culinária**

Gostaria de frisar que o espaço doméstico da cozinha tem alguns significados para essas mulheres e em conseqüência para essas famílias. É pertinente citar que, em todas as casas, fui recebida e fiz as entrevistas na cozinha. Fico, por hora, envaidecida, pois, me recebendo nesse espaço, significa que as pessoas, de certa forma, consideram como se eu fosse “de casa”. Quando estranhos chegam nessas residências da zona rural, normalmente são recebidos na sala e não na cozinha. Assim que esses camponeses

tiverem mais “confiança” na pessoa daí sim passam a receber as visitas na cozinha, local esse de muita acolhida.

Em Wedig (2008), Martins (2008) e Menache (2008), há uma abordagem sobre a importância e a classificação da comida no interior de famílias rurais. A comida tem o poder de se referir a organização familiar e comunitária camponesa. Os hábitos familiares formam a identidade daquele grupo. No texto ainda há uma separação entre as atividades exercidas por homens e por mulheres. Por exemplo, quem cozinha é somente a mulher cabendo-lhe essa parte do privado. Quem “pega” no serviço “pesado” é o homem, isso determina o âmbito do lado de “fora”. Aos domingos, como o churrasco é a comida recorrente, cabe ao homem ser o assador, pois isso dá um papel central dentro da família, além de a carne ser considerada um alimento forte. Em entrevista com uma informante, quando indaguei como era a alimentação há umas três décadas atrás, a mesma disse:

As carne era cozidas e guardava na banha as carne de porco, o feijão tu cozinhava todos os dias porque ele estragava né, botava a quantia certa para aquele dia, tudo se fazia a quantia certa para o dia, a galinha só se comia no fim de semana, era uma riqueza né a galinha então aquela matavam de sábado de tarde e preparava a galinha para comer no domingo, daí no domingo era sopa ou risoto [...] todo domingo não podia faltar e durante a semana ai se comia mais a carne de porco né, que daí era cozinhado e guardado na banha, fritava ela num panelão de ferro e depois tapava dentro das latas, naquela época era lata, não tinha esses balde plástico, era só lata, ai era guardado aquela carne dentro, fartura de ovo se tinha né, porque galinha bicharedo era a fartura né [...] ovelhas, vacas, queijo essas coisas sempre tinha (Novo Treviso, 44 anos).

Essa análise da culinária e do espaço da cozinha é realmente algo fascinante dentro de cada grupo. É possível fazer uma análise das cozinhas que frequentei, todas encontrei muito bem organizadas, algumas equipadas com o forno elétrico, batedeira, liquidificador, ou microondas, dentre outros eletrodomésticos, mas com o fogão à lenha sempre ao lado. A cozinha é o lugar da casa onde as pessoas são acolhidas, perto do fogão à lenha quando faz frio. Em relatos, foi dito que antigamente raros mantimentos eram comprados, praticamente tudo era produzido na propriedade. Itens como sal e erva-mate eram os mais lembrados quando indaguei o que seria comprado.

Da mesma forma, Carneiro (2008, p.154) traçou uma mudança de hábitos alimentares entre os camponeses dos povoados isolados de Lumiar e de São Pedro da Serra/RJ. Esse isolamento perdurou por todo o século XIX. Somente em 1950 foi

aberta uma estrada que daria acesso à Nova Friburgo e, na década de 1980, a estrada foi asfaltada. Nesse momento esses camponeses passam a ter acesso às novas técnicas de produção, o que intensifica a relação com o mercado. Os insumos agrícolas e alguns tratores chegaram na região nessa época também. As trocas que antes os camponeses faziam entre si, passaram a ser com o mercado. Os produtos industrializados também passaram a vigorar no cotidiano dessas pessoas. Antes, consumiam-se somente os alimentos que eram frutos de seu trabalho, hoje isso mudou. Esse exemplo se torna interessante, pois hoje o espaço agrícola vem sendo substituído por sítios de recreio, pousadas e casas de aluguel. O agrotóxico também passou a ser considerado um “mal necessário”. No próprio texto, os agricultores admitem que antigamente a alimentação era mais saudável, visto que não havia a aplicação de venenos. Hoje, com o fácil acesso ao mercado, a necessidade de produção vem mudando essa concepção de produção. Na citação abaixo, uma informante se refere ao que era consumido:

Era o café sim, açúcar se fazia açúcar de cana em casa, não precisava comprar, era mais o arroz e um pouco de açúcar branco só para fazer alguma bolacha, um bolo um pão [...] a gente vinha todos domingos na missa daí aproveitava e comprava alguma coisa e era à cavalo ou a pé e depois veio os primeiros tratores, aqueles antigos, o pai tinha um daqueles e daí nós vinha de trator quando era pequena, depois daí veio as camionete as rural, daí o pai conseguiu comprá uma daquela (Novo Treviso, 44 anos).

Nessa citação, observa-se que o acesso desses camponeses ao mercado e aos meios de transporte não teve uma data muito diferente das relatadas por Carneiro sobre a localidade de São Pedro da Serra/RJ.

A nossa alimentação não mudou muito, porque se comia polenta, hoje a gente continua, salada o que a gente comia do tempo dos nossos avós a gente come hoje, só hoje tem coisas mais diferentes, que nem a carne de porco, uma vez a gente cozinhava ela e guardava na banha e hoje coloca no freezer, mudou e como não tinha geladeira, tinha que cozinhar todo o dia um pouquinho, esquentava aquele dia e comia (Novo Treviso, 43 anos).

E. Woortmann e K. Woortmann (1997) expressam a relação da comida com a condição social de cada grupo através do valor simbólico. É citado como exemplo um almoço tendo como comida nobre a presença da carne. Isso podemos perceber na

citação da entrevistada de 44 anos de Novo Treviso, que relatou que aos domingos não podia faltar a galinha juntamente com a sopa ou risoto. Ressalto que, ainda hoje nas festas da região da Quarta Colônia/RS, o risoto é um dos pratos principais, juntamente com a sopa de agnoline e com o churrasco. Na região, essa é chamada a “comida típica italiana”. Durante a semana, se comeria polenta, radite, entre outros acompanhamentos e, no fim de semana, teria essa outra comida, considerada “nobre”.

Zanetti (2010), em sua pesquisa com as famílias rurais de Ilópolis, afirma que a presença constante e variada de carne nas refeições é uma consequência da melhoria econômica das famílias. No entanto, a carne também está relacionada a um fator de valorização e de prestígio social. Pude presenciar alguns eventos em campo, quando algumas pessoas afirmaram que o domingo era o dia da “festa”, do “descanso”, consequentemente do churrasquinho. Entre as entrevistadas, relatou-se que, na época em que não se tinha geladeira e nem freezer, o domingo era dia de cozinhar galinha, já que a carne de gado era consumida em raros momentos porque não se tinha onde armazenar o alimento. Já a carne de porco não faltava, pois era mantida na banha. Na fala a seguir, tem-se uma ideia de como eram as refeições há algumas décadas atrás entre esses descendentes:

E bom, é muita coisa, antigamente era o que feijão era menestra<sup>25</sup> e era aquela polenta que virava naquele tabuleiro grande e de noite comia aquela radicha, carne de porco nunca faltava, salame e queijo também não, porque se fazia, e de manhã comia aquele pão e café, fazia uma chimia no tacho com açúcar de cana e botava dentro de uma lata, lá carne de gado era poca, porque não tinha [onde] guardá, o pão comia no fim de semana, porque durante a semana se fazia tipo um pão de rolon<sup>26</sup>, que se faz hoje ninguém come sim e aquilo dava uma azia, azia de tarde, enton minha nonna dava pra nós come uma raiza de mandioca e com feijão com vinagre e todas vez de tarde de comia isso e ovo repartia metade cada um, pois é, e como hoje em dia todo colono vende ovo e uma vez não tinha pra se come (Novo Treviso, 65 anos).

Quanto ao ovo, também cabe salientar que outra mulher relatou que na casa de seu marido, quando o mesmo era jovem, acontecia o seguinte:

O marido conta que a mãe dele cozinhava um ovo e eles todo em redor olhando e com o pão pra molhar no ovo (Novo Treviso, 44 anos).

---

<sup>25</sup> Sopa feita com feijão e arroz.

<sup>26</sup> A casquinha do grão de trigo não era separado, era moído tudo junto.

Essa propensa “escassez” de ovo se devia ao fato de que um carreteiro ou carroceiro passava nas propriedades de tempo em tempo para comprá-los. Esse homem geralmente vinha com dois burros e colocava uma caixa em cada um, quando chegava perto de uma casa, apitava e, assim, levavam-se os ovos para a venda e o homem seguia até Silveira Martins. O “dinheirinho” recebido pela venda dos ovos, segundo as mulheres, era fora da safra e geralmente ficava com elas para comprar algo que faltasse. Recordo que uma das finalidades desse dinheiro era a compra de linha para costurar as roupas. Como não era possível adquirir tecido para fazer roupas novas, apenas remendava-se.

Vendruscolo faz referência a essa identidade italiana partir da alimentação nas festas e eventos proporcionados na Quarta Colônia/RS:

Os eventos acionados pela sua tipicidade são espaços e momentos de reivindicação identitária privilegiados para a compreensão dos demarcadores gastronômicos da identidade territorial, na medida que apresentam ao público suas peculiaridades gastronômicas do que consideram como típico (Vendruscolo, 2009, p. 150).

Essas festas já são tradicionais na Quarta Colônia, por exemplo, no município de Faxinal do Soturno, destaco o Festival do Vinho e Queijo, que está em sua 16ª edição, realizada pela prefeitura municipal. Nessa festa, é possível encontrar a mais “típica” comida italiana. Tal como: galeto, polenta, queijo, sopa de agnoline, radite com bacon, fortaia, torresmo, copa, cuca italiana, massas com variados molhos e o tradicional vinho produzido pelas cantinas locais. Segundo a Secretaria do Turismo e cultura de Faxinal do Soturno, esse evento tem como objetivo divulgar a gastronomia colonial italiana, incentivar o turismo do município e da região e desenvolver tecnologicamente os produtos através de eventos paralelos. Na edição do ano anterior, o público foi de aproximadamente 1.500 pessoas (pagantes), o que é considerado um número positivo.

Esses eventos atraem pessoas de fora do município, como da cidade de Santa Maria. Em algumas conversas com as pessoas durante o campo, às vezes falávamos das festas, mas os colonos diziam não se sentirem atraídos para ir nesses eventos, pois comiam quase que diariamente essas comidas. Então diziam: “para que pagar caro o que posso comer em casa?” Essa frase remete ao que já E. Woortmann e K. Woortmann (1997) destacavam sobre a ética camponesa, que é contrária ao

desperdício de trabalho, terra e o que é nela produzida. Complementando esse raciocínio é contrária também a gastos considerados fúteis.

Zanetti (2010) aponta uma das mais importantes mudanças entre o que era consumido antigamente e o que passa a ser consumido nos dias atuais. A referência equivale aos alimentos industrializados, ou seja, adquiridos no mercado, o que causou a introdução ou a substituição de determinados alimentos. Esse fenômeno possui traços tanto negativos quanto positivos, pois quem tem poder aquisitivo pode vir a adquirir esses alimentos, já a população de baixa renda pode não ter acesso.

Nem sabe como uma vez vivia, porque tu não gastava em mercado e não sei hoje se vai em Faxinal quase que todos os dias pra comprá algo, uma vez se comprava sal e café em lata que durava o ano todo, erva-mate comprava um quilo quando tomava chimarrão, comprava uma lata de querosene pra passá o ano pra lamparina, porque não tinha luz não, a vida dos velho foi sofrida sim (Novo Treviso, 65 anos).

Com a chegada do primeiro mercado na cidade de Faxinal do Soturno, em meados de 1980, as famílias já com alguma estabilidade financeira começaram a ter mais facilidade na aquisição das mercadorias. Já que nas “budegas” ou “venda” que existiam nas comunidades não havia tanta possibilidade de escolha de produtos e o valor de alguns eram mais caros. Isso pode ser comprovado, pois nas comunidades várias dessas vendas fecharam, pois não tinham mais como concorrer com os mercados da cidade. A venda que funcionava em Novo Treviso até poucos anos atrás ainda se encontra com as prateleiras e balcão. O senhor que cuidava dela se transferiu para a cidade juntamente com sua esposa, pois na zona urbana se torna mais fácil ir ao médico, dentre outros lugares.





Foto da última venda desativada em Novo Treviso (Fonte: acervo pessoal).

Seyferth (1999) aponta que esses “vendedores” no início da colonização operacionalizavam as transações sem utilizar o dinheiro, ou seja, tudo era a base de trocas, os colonos deixavam o que cultivavam e levavam produtos que precisavam, tais como: sal, querosene, tecidos. No entanto, esse comércio cresceu e a autora atribuiu esse fato, pois os “vendedores” tinham o mecanismo de controle das transações na colônia, estabelecendo o valor das mercadorias, levando muitas vezes os colonos a infundáveis dívidas.

No Sítio Alto, aos finais de semana, o que fica aberto para a venda de refrigerante, cerveja e alguma guloseima é a chamada “sociedade”, ou seja, o clube. O mesmo ocorre na comunidade de Novo Treviso. O clube então nessas comunidades passa a ser o lazer e o ponto de encontro dessas pessoas que podem ir lá jogar carta, bocha, beber e se reunir com os amigos. Na comunidade de Novo Treviso, vi várias vezes as mães falando aos filhos para que fossem até o clube que daí o “pai compra doce para vocês”. Nesse sentido, havia uma divisão do lugar onde mulheres e homens ficavam, pois elas se reuniam, faziam uma “roda de conversa” e tomavam algum chimarrão enquanto eles estavam no clube. À tardinha ou à noitinha, quando eu ainda estava pelas casas, começava aparecer algum que outro homem.

Outro fator interessante no que circunda o espaço da cozinha são os utensílios que uma vez eram utilizados e os que são hoje. No museu de Novo Treviso tem-se acesso à maioria desses objetos. É possível também verificar a grande utilidade dos moinhos que existiam em maior volume há décadas atrás e que hoje caíram em desuso devido à facilidade de se comprar os mantimentos no mercado. Como pode se verificar na seguinte fala:

eu sei que botava aquele sacon de milho em cima do cavalo e ia no moinho pra pode comer polenta enton e antigamente mesmo o nosso pão saía do nosso moinho aqui em Novo Treviso. (Novo treviso, 65 anos)

Wedig (2009) entende que a comida é um elemento central da organização social e humana, envolvendo o ser humano com os meios que lhe são servidos para viver. A comida então representa a família, bem como o cotidiano, os rituais, a comunidade. Assim pode-se definir hierarquias entre as famílias.

#### **4.4 – O lazer das camponesas e as suas “saidinhas”**

Diante de tantos relatos das camponesas, é possível perceber uma devoção delas ao trabalho, ou seja, como salientam Renk (2000) e Seyferth (1993), o trabalho seria uma virtude étnica. Afirmo que essa é uma característica que perpassa as gerações. Tedesco (2001) esclarece um tripé que seria a base da sustentação desses imigrantes e seus descendentes: a propriedade, a família e o trabalho. Em uma análise simples, temos a propriedade como sendo o sonho de todo imigrante se definindo em sua luta diária. A família sempre teve forte tradição na cultura italiana com seus anseios sempre muito bem definidos, sendo que hoje em dia se observa uma maior flexibilização nos papéis. Através da própria família, tem-se a principal unidade produtiva, com fins econômicos, caracterizando assim, mais uma vez a divisão de tarefas na casa dos imigrantes italianos.

A dedicação dessas pessoas sempre em busca de uma estabilidade econômica nos deixa a incógnita de quais seriam os meios de lazer. Uma característica aqui já citada é a participação dessas pessoas na vida comunitária, tanto na missa, no salão, nas festas, nos bailes quanto na cancha de bocha ou em encontros para jogar cartas. Em conversa com as informantes, relatou-se que esses espaços comunitários há anos atrás

eram reservados exclusivamente aos homens, exceto ir na missa. Era sempre recomendado à mulher manter distância dos homens, pois poderiam ficar “mal faladas”.

Hoje o que se observa são ambos os sexos fazendo essas atividades. Pode-se observar as mulheres carteando, jogando bocha, inclusive formando times mistos. O importante é verificar que isso passa a ser considerado como uma normalidade. Lembro que as mulheres relatavam que todos os dias acordavam muito cedo para tirar o leite das vacas. Como elas relataram, no verão, como o dia fica mais longo, as famílias se recolhem para dentro de casa tarde da noite, até mesmo porque é a época da forte colheita. No inverno, como os dias ficam mais “curtos”, quando o “sol baixa” logo se aconchegam em casa. Durante o dia, as funções normais são cuidar dos animais, ajudar na lavoura, cultivar a horta, às vezes ir até a cidade vender os queijos e alguma verdura excedente, comprar o que necessitam. Dentro da casa, as atividades ficam em torno da cozinha, fazendo a comida, pães, bolachas, queijo, orientando os filhos quando necessário nas atividades escolares. Friso que cada mulher tem suas peculiaridades quanto às atividades realizadas, mas no geral, as características que abrangem todas foram essas. Vivenciando o cotidiano das camponesas, é impressionante a quantidade de tarefas realizadas.

Acho pertinente trazer a citação de uma informante que tinha 76 anos, quando indagado como era o lazer dela há 50 anos atrás:

capaz nenhuma nada nada nada nada minha querida, sabe de domingo o que eu fazia? Era lavá roupa, remendá, aprontá o uniforme das criança pra ir no colégio e na segunda de manha cedo na estradinha pra roça acompanhá o marido (Novo Treviso, 76 anos)

Essa questão foi interessante, pois quando indaguei sobre “lazer”, a senhora deu uma grande risada e depois sim veio essa resposta. A mesma narrou que, como a pobreza era muito grande, não se fazia outra coisa a não ser trabalhar para vencer as dívidas. Outra situação relatada foi a de que ela auxiliou os pedreiros na construção da própria casa. Já hoje, com os oito filhos criados, e em uma situação financeira estável, afirmou que a vida mudou e que não há mais tantas dificuldades.

Outra mulher, dessa vez da comunidade do Sítio Alto, ressaltou qual era o seu lazer:

Bom, o lazer hoje é muito melhor porque antes era o fim de semana ir na missa ou no terço e depois ir pra casa e deu e deu. Pesquisadora: “mas e hoje? Qual é o seu lazer?” Olha nunca fui em baile nem nessas coisas da terceira idade, nem de solteira o pai não deixava enton nem minhas gurias nom iam porque o falecido marido nom deixava nom gostava ... minha mãe e meu pai não conversavam nada quase e eu e o marido tinha nossas encrenca mas conversava mais (Sítio Alto, 70 anos).

Depois dessa declaração, seguindo a conversa, essa senhora então disse qual seria o seu lazer favorito: “Não, não meu lazer seria poder ir acompanhar os guri sempre na lavoura, é minha adoração é esse serviço aí” (Sítio Alto, 70 anos).

A questão de frequentar missas, rezar terços foram as “saídas” mais relatadas pelas mulheres. Pozzebon (2004) analisa essa presença dos descendentes de imigrantes italianos de Vale Vêneto nas missas como sendo uma questão de prestígio, pois a comunidade valoriza quem participa, ou seja, todos são vistos e observam também dentro da comunidade. Dessa maneira, as pessoas sendo “vistas” são valorizadas.

Um outro exemplo interessante sobre essa temática do lazer presenciei na comunidade do Sítio Alto em uma segunda visita a umas das mulheres. Observei que, penduradas junto com os chapéus e bonés havia várias medalhas, mas achei que pertenciam ao seu filho, pois o mesmo jogava bocha em alguns campeonatos. No entanto, quando me aproximei para ler o que estava grafado, havia escrito: “Medalha do 1º lugar de arremesso de milho”. Na hora achei meio engraçado e questionei a senhora sobre o que se tratava. Ela informou que disputava a modalidade de arremesso de milho nas Olimpíadas rurais<sup>27</sup>. A explicação dela sobre a prova foi simples: coloca-se um cesto a certa distância e quem está disputando tem que lançar as espigas de milho dentro daquele recipiente, quem acertar mais o alvo ganha. Essa senhora ganhou dois anos consecutivos, no ano de 2009 e no de 2010, e a felicidade dela ao contar era visível. Outra medalha que vi foi a de bocha feminina e também indaguei, a mesma senhora disse que jogava às vezes, quando se aproximava algum jogo ou campeonato ela ia até a cancha treinar durante a semana.

Em outra propriedade em Novo Treviso, observei em uma casa vários troféus, quando cheguei mais perto, vi que era da competição de Tchá tchá tchá<sup>28</sup> e, em

<sup>27</sup> Essa competição ocorre entre as comunidades e que ganhar mais provas recebe um troféu.

<sup>28</sup> Competição mista de trator e caminhão, que são utilizados nos trabalhos da lavoura.

conversas, os moradores relataram que esses campeonatos eram um “passa-tempo” divertido, pois além da diversão, relembram o trabalho cotidiano.

Então, em conversa com as camponesas, tanto na fala informal quanto na formal gravada, indaguei qual seria o lazer nos dias atuais. Exceto a menina de 16 anos, as outras relataram que era conversar com a vizinha, ir tomar chimarrão, assistir televisão quando sobrava algum tempo.

Nós aqui temos a parabólica, tem vários canais, muito ajuda e muitas coisas acho que é negativo, mas a maioria acho que é bom porque ... assim para nós aqui na colônia a televisão acho que é uma coisa boa [...]. Sim, acho que é meu lazer (Novo Treviso, 44 anos).

Essa informante relatou que há dois anos trabalhava no Museu da comunidade de Novo Treviso. Sendo que esse serviço era contínuo, inclusive aos sábados e domingos, dessa forma, suas “saidinhas” em festas, ou visita a parentes e amigos se restringiram muito. Afirmou que, se ia à uma festa, almoçava e já precisava ir embora para cuidar do Museu, ou então, ela e o marido iam apenas à reunião dançante à tardinha. Dessa forma, a televisão passou a ser o lazer nas raras horas vagas. Achei interessante que a camponesa citou que a namorada de seu filho, a qual está grávida e que passou a residir com a família na comunidade, é “apegada” à televisão. “Eu vou para lá e para cá e ela fica sozinha, então única coisa que ela se apega é a televisão né” (Novo Treviso, 44 anos). É interessante que essa menina sempre morou na zona urbana e agora, pela gravidez, estava residindo na zona rural com os sogros. O “ritmo” de vida muda completamente, pois no interior sempre se está em “função” de alguma coisa. A única diferença é que são diversas tarefas, não havendo uma sequência como talvez se possa ter na cidade. Outra característica que muda é que os camponeses dependem do tempo. Portanto, se o tempo está chuvoso as tarefas são mais na parte de “dentro” da casa ou dos galpões, ou então se aproveita para ir até a cidade comprar o que falta, ir ao banco, vender os queijos, dentre outras atividades; e se o dia estiver com sol, se faz as “lidas” externas e as atividades de roça.

Acho que ela tem programas bons tem sempre o lado positivo e negativo ... positivo tem uns programas que dá para aproveitar alguma coisa ... é novela ... BBB é mais para passar o tempo e a TV aberta não tem programas assim que dá para pegar alguma coisa de bom realmente que seja educativo, seria melhor se fosse uma Tv por assinatura que tivesse mais opções, mas aqui é difícil. (Sítio Alto, 16 anos)

Ronsini (2001) aborda como os receptores “ingerem” os conteúdos assistidos nos meios de comunicação. Na ocasião dessa pesquisa, foram observadas famílias fumicultoras da localidade de Três Barras. Esse grupo está permanentemente entre a produção de valores de uso com a produção mercantil, que gera a identidade desses camponeses, bem como a tensão permanente com os valores capitalistas estabelecidos entre a relação campo/cidade (p.93). A informante mais velha, de 76 anos, admite que, depois que a televisão começou a fazer parte das famílias, houve algumas mudanças, tais como:

Uma vez a gente se ajoelhava e rezava o terço todas as noites todas depois que chegou a tevê o terço caiu, uma criança queria ver isso a outra aquilo e pro fim o terço ficou meio que de lado, agora tem coisas bonita também na tevê na rede vida tem missa, terço má nem sempre a hora certa a gente pode tá aí né, pra vê, a gente tem as lida por fora (Novo Treviso, 76 anos).

A intervenção dessa mulher constata uma ruptura na família, antes da televisão havia a reza do terço todos os dias, após a televisão ficou mais difícil reunir as crianças. Outras informantes também revelaram isso, mas de forma informal. Percebe-se que as mulheres acham que, como havia a hora da reza do terço, a família se tornava mais unida através do momento religioso diário.

Ronsini (2001) ainda assume que a pesquisa selecionou as mulheres e não os homens como foco da pesquisas, pois as mesmas se revelam mais predispostas a incorporar o *ethos* urbano/rural veiculado pela televisão (p. 93), e uma das razões é a falta de lazer apontado por essas mulheres. O mesmo é observado entre as informantes da comunidade de Sítio Alto e de Novo Treviso, onde as formas de lazer era tomar chimarrão<sup>29</sup> e conversar com a vizinha ou com parente, assistir televisão e, em algumas ocasiões, ir em alguma festa na comunidade ou em alguma outra localidade.

Zanini (2005) traz interessantes apontamentos em um trabalho de campo realizado entre descendentes de imigrantes italianos na região central do Rio Grande do Sul, tendo como pano de fundo a novela *Terra Nostra*. As reflexões partem de como essas pessoas renegociaram (ou não) com a novela assuntos que eram vistos como vitais

---

<sup>29</sup> O chimarrão ou mate é uma bebida característica do sul da América do Sul, sendo um legado dos povos indígenas. É um hábito recorrente no Brasil, principalmente no estado do Rio Grande do Sul. É composto por uma cuia, erva mate, uma bomba e água quente.

para esses descendentes. Alguns assuntos mais salientes são: alimentação, religiosidade, questão da afetividade e sexualidade, o papel da mulher no interior da família dentre outros. A autora compreende que a televisão é um meio reflexivo, e a recepção como um processo dialógico e criativo pelo qual os grupos e indivíduos podem pensar sobre si mesmos e sobre suas trajetórias. Na novela havia uma personagem vista como muito chorona, uma mãe não muito presente. As críticas dos telespectadores a essa personagem ficou saliente, visto que uma “boa mulher” seria uma mãe protetora e presente, forte às adversidades, temente a Deus, fiel ao seu marido, pouco sensual e com uma prole grande. A observação na criação de estereótipos é interessante, pois resulta na criação de agentes sociais. É constatado também na pesquisa que os entrevistados achavam que houve um descaso com a instituição familiar e que houve um exagero em festas. Os descendentes trazem a questão da família e do trabalho muito bem marcada e definida, sendo características fortemente percebidas nos discursos dessas pessoas.

Em suma, Zanini (2005) acredita que os meios de comunicação influenciam direta e indiretamente no processo de construção das identidades étnicas, seja no mundo rural, seja no urbano. A importância é inegável tanto no caso das memórias familiares e individuais escritas e divulgadas, quanto dos programas de rádio, dos jornais e, especialmente, da televisão.

Sobre a questão das festas é interessante, pois as informantes diziam que “não valia a pena”, por exemplo, ir almoçar com toda a família. Se, em uma família havia quatro pessoas, cada pessoa pagava entre 10 e 15 reais um almoço, que é considerado um preço meio elevado para essas camponesas. Quando indagada, uma camponesa relatou: “tenho que vendê quantos queijos para pagar isso?” Ressalto que a lógica camponesa é diferente da urbana, pois essas pessoas como forma de troca de moeda possuem suas colheitas e outras formas de produtividade, como é o caso do queijo entre as mulheres, e essa troca por outros bens ou serviços é por vezes considerada “injusta”. Acompanho isto quase que diariamente em meu trabalho em uma assistência técnica, quando chega algum camponês com algum bem para consertar e lhe é dado o orçamento, logo há a indagação: “má tu sabe quantos sacos de arroz, quanto fumo tenho que vendê para pagá isso?”

Em mais uma citação observa-se na televisão uma alternativa para o lazer:

A televisão assim ela passa tanto coisas boas como ela passa muita coisa ruim assim né, ela ah assim eu acho que ela passa muita informação, mas

ela leva assim passa uma coisa da família assim muitos aspectos coisa boa mas também um lado uma coisa muito ruim, muito negativa eu acho para a juventude assim né, assim como é que vou te dizer [...] assim, às vezes na novela mostra certas famílias que é tudo assim né claro que é a realidade (Sítio Alto, 46 anos)

Essa citação é relevante, pois a camponesa se refere às separações conjugais ocorridas nas famílias. Como ela mesma disse “por qualquer briguinha pegam e se separam”. Entre as entrevistadas, é fato perceber casamentos que perduram seus 20, 30 e 50 anos. Algo que, como uma senhora disse: “é difícil de se vê hoje isso”. Chamo a atenção para a forma como essas mulheres foram criadas, dentro de um catolicismo e dentro de uma comunidade que por sua vez impõe algumas regras sociais.

Cito o caso de uma senhora que reside no Sítio Alto e que tem quatro de seus cinco filhos residindo na cidade de Santa Maria. Uma de minhas informantes citou-a como exemplo, pois a senhora evitava conversar ou comentar esse fato. Isso revela uma vergonha, pois o casamento da filha não deu certo. O que deveria durar a vida inteira para a camponesa, durou apenas poucos anos. Em comunidades assim do interior, esse tipo de situação causa vergonha e constrangimento às famílias. Lembro que na pesquisa de 2004 entrevistei uma senhora que tinha uma filha adotiva de 13 anos e a mesma havia saído de casa para se “juntar” com um rapaz. Era impressionante a vergonha daquela mãe ao tentar relatar tal fato. Ela citava que foi dada uma educação “correta”, a qual a filha não seguiu. Friso que, nessas pequenas localidades da zona rural, o controle social sobre cada um dos indivíduos é grande. Em cidades maiores, o que se observa é a indiferença das pessoas, ao contrário ocorre nas cidades ou localidades menores, onde a solidariedade é vista, mas junto dela o controle social também.

Retomando a crítica a que se refere a informante da citação acima, a televisão é vista de forma negativa, mostra casais se separarem, em contrapartida, admite que é a realidade, mas essa prática seria vista na cidade e não na zona rural. Ronsini (2001) aponta conflitos: igreja *versus* televisão e família *versus* televisão. Isso se dá justamente devido aos valores e à moral que essas instituições “pregam” e que, com o passar dos anos, vêm sofrendo algumas mudanças. Por exemplo, a proibição da iniciação sexual antes do casamento ou um contato físico maior em público. O que há anos atrás seria considerado um escândalo, hoje é visto com “normalidade”. Os mais velhos, então, acreditam que essas mudanças se devem ao contato desses jovens com o meio urbano e



pela influência direta da televisão (p. 101). Esse conflito pode ser visto na citação a seguir:

Isso não é a realidade para fora né, mas na cidade grande né eu acho... muita separação, com qualquer briguinha assim já falam em separação e coisa né, e eu acho que não seria assim né tem que tentar, não é na primeira briga que tu vai separar [... ]daí eu acho que teria que ter mais diálogo sobre isso[ .... ] mas eu acho que televisão é uma coisa boa ... eu ouço muito rádio, então de manhã é a São Roque para ficar informado, então a gente fica informado e o rádio é uma coisa boa porque tu fica ouvindo e tu pode fazer o serviço invés a televisão tu tem que ficá ali e já eu não gosto porque perde tempo (Sítio Alto, 46 anos).

O rádio também é quase sempre citado entre as camponesas, mas mais como meio de informação e não como uma forma de lazer. Já que na época da safra do fumo ou de outra cultura se fica muito tempo no galpão, o rádio se torna companhia dessas pessoas. Ronsini (2001) assinala que o rádio e, em especial a televisão, reorganizam o lazer comunitário, restringindo ao espaço doméstico produtivo de cada família, e por outro lado as festas que são organizadas esporadicamente pela diretoria do salão de festa da igreja. Essas festas possuem então objetivos econômicos, além de suas funções religiosas (p. 96). Através da televisão, os receptores das mensagens, em especial as mulheres, criam uma relação entre o urbano e o mundo rural. A autora ainda aponta que a tentativa da televisão é de ser homogeneizadora, mas, em contrapartida, essa percepção desse meio de comunicação mostra-se por meio de distinções simbólicas, econômicas e sociais do campo e da cidade, ou seja, a heterogeneidade entre um e outro.

Em suma, há uma negociação e uma ressignificação entre essas famílias e, em especial entre as mulheres que assistem televisão em reelaborar as mensagens recebidas. Essa negociação se dá entre seus valores e forma de ver o mundo diante da visão da cidade, por exemplo, que é vista como espaço organizado institucionalmente.

#### **4.5 Sexualidade e tabus**

Quando o tema sexualidade é abordado, a conotação que se tem é de algo sensível. De fato, por ser assunto de cunho íntimo, as pessoas se sentem constrangidas em falar. Entre essas descendentes de imigrantes italianos, o cuidado ao abordar esse

assunto é logo percebido. Esse fato também se deve à forte religiosidade de cunho católico – cristão em que essas pessoas foram criadas. O que for de cunho sexual passa a ser sinônimo de pecado. A igreja católica, como se sabe, é contrária ao sexo antes do casamento. Diante desse fato, algumas das informantes relataram que chegaram no dia do casamento “sem saber o que fazer”, como é observado na citação em seguida:

Bom, é, antigamente tu sabe né, não se falavam nada, não se contava nada no caso dessas coisas que no caso .... conversa antigamente a gente ficava sabendo nem sei lá como ... quando ... [risos] ... quando casei, foi o meu namorado que me falou, contou de tudo que sei, porque não sabia verdade...é foi o meu marido, aqui não sabia de nada e foi o único, e olha já tava com 23 anos quando casei ... e com 23 anos e não sabia de nada e minha vó dizia: “no teu tempo tu vai sabê das coisas ... má se bem que certo comecei a namorar com 15 anos né, um bom tempo 8 anos namoremo antes de casar, mas foi ele que me contou tudo que existe eu não sabia de nada, acho que ele via que eu não sabia né. (Sítio Alto, 54 anos)

A mesma informante logo em seguida relatou que seu marido, ao contrário, sabia das “coisas” e indaguei como ela não sabia.

Sim, mas os homem se falavam né e as gurias ninguém sabia de nada, então não tinha o que se falar se eu tinha minhas amigas da minha idade ou mais velha de mim nada nada ... quem trazia era os bichinhos, as cegonha ... então assim né, foi uma vida (risos) de descobertas [...] era uma burrice naquela época né, agora hoje em dia essas crianças...ah não existia televisão né, rádio até tinha, mas nunca se escutava nem aquele (Sítio Alto, 54 anos).

Vannini (2004) nesse sentido afirma que, na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, as informações sobre sexo tanto na família quanto na escola era quase nula. Para a igreja, o sexo era visto como pecado quando não se dava no sagrado leito matrimonial tendo como finalidade a procriação. O autor salienta que na RCI se deu no âmbito de valores, concepções, representações e práticas singulares. A falta de conhecimento e o medo do prazer não eliminaram o sexo da colônia. Dessa forma, a vida amorosa, afetiva e sexual se tornou prisioneira de determinações culturais. Dentro dessa temática, há outros elementos abordados, tais como: o contato físico entre os casais camponeses ítalo-gaúchos eram raros, onde até o beijo era evitado, havia regras para se utilizar roupas, ficando proibida às mulheres a utilização de decotes profundos e também de saias que seriam consideradas curtas.

Com os avanços dos movimentos sociais, pode-se perceber uma “libertação” da mulher, inclusive na sensualização do corpo, já que até então havia um aprisionamento nos casamentos. As novas vivências femininas quanto ao corpo e à sexualidade surgem em um período caracterizado pelo impacto da condição pós-moderna, ou seja, um reorganizar identitário. Assim, o tema sobre a sexualidade feminina vai deixando de ser um tabu. Isso ocorre concomitante ao movimento feminista que buscou a quebra dos padrões patriarcais. No decorrer das últimas décadas, pode-se sugerir que a possibilidade da sexualidade passou a ser considerada pelas mulheres como um direito.

Pickler (1996) chama a atenção de que ainda hoje a sexualidade não é tratada de forma merecida. As famílias ainda são despreparadas para responder determinadas questões às crianças e jovens, ou seja, o tema ainda permanece como tabu. Algumas respostas são esperadas da escola, mas a mesma não se mostra preparada, restando a professores de biologia explicações sobre anatomia. Explicar somente o funcionamento de órgãos genitais não é o bastante, pois os indivíduos são compostos de outras vertentes, tais como a saúde mental e social (p.119).

Pickler (1996) ainda afirma o quanto seria importante se levar a sério a educação sexual, dando o exemplo do Brasil, onde é incisiva a morte de mulheres causada pelo câncer de útero, pois elas sentem vergonha de fazer o exame preventivo ou porque o marido não gosta que a mulher “se mostre” a outro homem. Quanto aos homens, a análise gira em torno de problemas relacionados ao câncer de próstata. A informante de 16 anos se refere ao tema sexualidade:

É tudo muito superficial, não falam tipo sobre sexualidade, drogas nada ... às vezes tem algumas palestras e tal ... mas não tem nenhum programa nada sobre (Sítio Alto, 16 anos).

Essa referência foi feita à escola estadual na qual a menina estuda, sendo a única na cidade que possui ensino médio e por isso é importante, pois abarca tanto alunos da zona rural quanto os da zona urbana. A jovem relatou a carência de programas que falem sobre sexualidade, drogas, aborto, dentre outros, esses assuntos cada vez mais estão sendo implantados pelas escolas do estado ou do país, mas muito se tem a melhorar. Sabemos que, de uma forma geral, essa temática da sexualidade é bastante discutida e, ao mesmo tempo, problematizada. Isso é verificado tanto no âmbito urbano quanto no rural, mas se tem muito o que aprimorar nesse sentido.

Pickler (1996) ainda relata que, em relação a esse assunto, no meio rural, das mulheres acima de 60 anos, segundo alguns médicos do interior, mais de 90% nunca atingiram o orgasmo e provavelmente um número quase tão expressivo nunca atingiu o prazer segundo falas dessas senhoras (p.128). Quanto à questão da virgindade entre as meninas, para um número expressivo delas, a sua perda acarreta um sentimento de “valer menos”, podendo ficarem marginalizadas na família ou na comunidade (p.125). Na citação a seguir, é observada a opinião de uma camponesa sobre a sexualidade nos dias atuais:

Eu acho que se fosse mais rígido seria melhor, os casal iam se acertar mais também, durar mais o casamento, é, hoje em dia o casamento é assim, não todos, mas a maioria é para se experimentar, ficam um tempo e já se soltam [...] a única coisa que eu quis chamar a atenção deles disse assim que era bonito um casamento um namoro mais moderado, mas não assim do jeito de hoje em dia e se cuidar mais né daí eles me responderam que sou do tempo antigo que não é assim que tem que se exprementá para casar, porque se não se exprementa não dá certo e eu acho que não é assim, então a gente pode vê né, as pessoas os casamentos mais antigos são que os mais duram, por exemplo, é pouco os casamento que tu vê um casal fazer 25 anos, 50, 60 anos (Novo Treviso, 44 anos).

Nessa fala é interessante notar que a camponesa se refere a se “experimentar” e não à palavra sexo. A situação que essa senhora se refere é a gravidez da namorada do filho. A mesma se mostrou arrependida de não ter sido mais enérgica com o casal, pois achava que assim poderia ter evitado essa gravidez surpresa. Como o relato a seguir:

Sim, me arrependo e muito e muito ... é que faltou tanto o respeito deles com os pais né, tanto eu acho assim o respeito pela nossa casa mesmo né (Novo Treviso, 44 anos).

Simonetti (2004) aponta que na comunidade do Sítio Alto em Faxinal do Soturno as mulheres camponesas acham importante esse fato de casar “certinho” dentro das regras sociais que elas consideram como básicas. Até mesmo porque, geralmente, as pessoas que não oficializam são “mal faladas” dentro desse grupo e visadas de uma forma errônea muitas vezes. Outra questão importante é a virgindade. Repetiram várias vezes a questão do “defender” a menina porque os meninos “sabem se cuidar” (p.41).

olha eu nom gostaria, né? Mas, hoje em dia mudou, né? Nom adianta segurá porque elas nom tom em casa e mesmo se tom em casa se querem faze, a hora que tom longe da mãe fazem igual, né? Má, eu por mim, gostaria que elas preservassem até o casamento, né? (em Simonetti, p.41, 2004)

O que se pode perceber nessas falas é um choque entre as gerações, pois as informantes não tiveram essa liberdade que os filhos e filhas estão tendo. Nos depoimentos, essas mães demonstram o desejo de ver os seus filhos formando uma família bem estruturada, ou seja, se casando e seguindo as regras que elas mesmas seguiram há anos atrás. No entanto, conforme a depoente isso está cada vez mais difícil de ocorrer:

E a minha mãe vai fazer 50 anos ano que vem e hoje até eles foram num casamento em Santa Catarina de 60 anos de um irmão da mãe e isso é raríssimo né ... por isso que digo se o sistema mais antigo de não se expremetá, eu acho que os casamentos durariam mais, as famílias uma vez eram mais unidas que hoje ... até as crianças de hoje em dia tu vai ensinar alguma coisa para eles ... começam a dizer ai que é do tempo antigo, isso aquilo ... quando também se quer segurar mais na rédia também ... dizem hoje tem que ser diferente, tem que ser mais moderno, tudo assim né e o respeito eles não tem mais com os pais (Novo Treviso, 44 anos).

Apesar de hoje o diálogo ser observado com normalidade na vida dessas famílias, essa informante já acha que hoje os jovens, em especial os filhos, estão tendo uma excessiva liberdade e por isso a educação fica mais difícil. Essa mesma entrevistada admite que hoje a educação é na base do diálogo, havendo bem mais liberdade do que quando ela foi jovem. No entanto, apesar dessa propensa liberdade, não conseguiu orientar seu filho quanto à questão da sexualidade.

É muita liberdade, os filhos assim não escutam os pais que nem antigamente é bem diferente (suspiro) o namoro também chegou a primeira vez na casa de sogra ou da mãe é dormir junto, antigamente isso não existia[...] é o meu sonho era que ele tivesse um namoro decente e não assim como eles começaram quando ela começou vim aqui em casa já desde a primeira noite começaram a dormir junto (...) é que faltou tanto o respeito deles com os pais né, tanto, eu acho assim o respeito pela nossa casa mesmo né [...] eu acho que se fosse mais rígido seria melhor (Novo Treviso, 44 anos).

Tedesco (1999) analisa que os jovens do meio rural procuram maximizar seus interesses no campo emocional e no da sexualidade, mesmo que os controles

interpessoais permaneçam na comunidade rural. Esse choque geracional é evidente quando essas mesmas mulheres – mães admitem que quando se casaram não sabiam o que fazer em plena “lua de mel”. Esse controle sobre esse tema se torna indiscutível, visto que o papel da mulher há anos ou décadas anteriores era somente de procriação, ficando qualquer forma de prazer negado ou negligenciado. Esse contra-ponto pode-se verificar na próxima citação:

Não uma vez não era assim Deus o livre, por exemplo, se uma mãe ganhava nenê, Deus o livre em casa falar, que era proibido, era um escândalo pros filho e eu achei muito redículo aquilo, porque a gente se criou sem saber nada nem na hora de casar, a gente não sabia nada, era tudo pecado, tá loco, se por exemplo, um animal assim tava pra fazer parto, os pais nosso, Deus o livre, nós ir ver isso, era proibido os filho vê porque não tinha nada que saber, ao invés, seria o certo saber como que era agora é bem diferente tá loco, uma criancinha pequena já sabe onde tá o nenê da mãe uma vez diziam que era da cegonha, tudo tudo iludido (Novo Treviso, 76 anos).

Essa mesma senhora ressaltou em suas falas que teve oito filhos, todos em casa, de parto normal, e se recorda: “era pior que os bicho”, porque não se tinha nenhum atendimento médico ou era feito algum exame. Havia parteiras que se responsabilizavam pelos partos e a sobrevivência da criança, “se entregava nas mãos de Deus”.

#### **4.6 - Tecnologias e suas influências**

Hoje vivemos em um mundo cercado de inovações tecnológicas, comunicação instantânea, dentre outros atrativos inovadores. O objetivo desse tópico é mostrar como algumas influências das tecnologias afetam a vida e o cotidiano dessas camponesas. Em nosso pensamento cotidiano, quando pensamos em meio rural, e especificamente em descendentes de imigrantes italianos, logo vem à mente um forno da “nonna” em barro, ou então o fogão à lenha. Contudo, para muitas das mulheres por mim estudadas, as novas tecnologias domésticas trouxeram tempo livre e maior controle sobre a produção de alimentos, entre outros benefícios.

Destaco que as tecnologias aqui tratadas cercam o âmbito do serviço doméstico, tais como: forno elétrico, microondas, liquidificador, batedeira, celulares, dentre outros

facilitadores da vida cotidiana dessas mulheres. Friso também a função social que a cozinha exerce na vida dessas famílias de descendentes de imigrantes italianos. Quando se visita a casa desses descendentes, como já foi dito, é comum essas mulheres oferecerem doces ou outras guloseimas, frutos de seu trabalho e de seus saberes específicos. Não apenas como simples gesto de hospitalidade, isso demonstra uma relação dessas pessoas com a comida. Nas refeições a mesa sempre farta é símbolo de orgulho, conquistado com o suor do rosto. Alguns relatam que a comida tem o “gosto do trabalho”. E para a confecção dessas comidas se observa o auxílio dessas tecnologias.

É, uma vez na casa da minha mãe a gente tinha só fogão a lenha, e era um, não tinha um fogão à gás, forno de pão era lá bem longe da casa, tu não tinha aquele conforto, a gente tinha 10, 11 anos, não tinha uma televisão dentro de casa, não tinha banheiro, era uma pobreza, era precário, invés hoje vida do interior tão melhor que aqueles da cidade né, então isso é positivo. (Sítio Alto, 46 anos)

Graziano da Silva (1999) afirma que as tecnologias são elementos que afetam diretamente o funcionamento das economias camponesas. No nível interno de unidade produtiva, a tecnologia fica estreitamente conectada aos recursos financeiros, com o processo de produção e com a divisão interna do trabalho entre os membros da família (p. 137). Entre essas camponesas, para complementar a renda, algumas fazem pães, cucas, bolachas para vender, sendo assim, o forno elétrico, entre outros eletrodomésticos, só tendem a ajudar no aumento da produção. Outras, no entanto, enquanto deixam esses produtos cozinhando, podem, nesse intervalo de espera, ir fazendo o queijo, cuidando da horta, entre outros afazeres normais dentro da propriedade.

Ah, ajuda, porque uma vez era totalmente diferente, porque hoje a gente deixa a comida tudo meio pronto, esquenta na hora, e não era assim antigamente que tinha que fazer na hora quando não se tinha geladeira ... era uma geladeira para três famílias e era tudo fazer na hora a comida né, porque não tinha como guardar a comida né, agora a gente deixa tudo pronto, meio pronto é mais rápido pra fazer né (Sítio Alto, 54 anos).

Simonetti (2004) analisa essa influência das tecnologias no dia a dia dessas mulheres camponesas e conseqüentemente nas famílias. Para essa mulher conseguir

enfrentar toda a rotina entre trabalhos de casa e externo, necessita de certa forma, do auxílio de algumas tecnologias, às quais antigamente não tinham acesso e nem condições financeiras de adquirir. Dessa maneira, o que era impossível fazer em pouco tempo, com as novas tecnologias se transformou (p. 33).

sim uma vez dentro de casa tu tinha a mesa com dois ou três banquinho, o fogão à lenha e uma pia, nós quando começemo que eu casei nem luz não tinha ... sempre tivemos banheiro, mas não era assim dentro de casa né, era aquelas, como dizem, as patente [risos] fora de casa, feita de madeira né, para tomar banho, esquentava água numa chaleira e uma bacia dentro desse banheiro fora, a luz os primeiros anos que eu me lembro era os lampião né, depois veio a modernidade do liquinho, que era a gás e daí depois com o tempo que veio a luz, mas para nós demorou para chegar a luz onde nós morava é no ano de 85 chegou a luz, não, minto, em 87 (Novo Treviso, 44anos).

Essa pessoa não tinha acesso a essas tecnologias antigamente e, hoje com uma condição de vida melhor, consegue adquirir esses bens. Ressalto aqui que essas mulheres hoje fazem usufruto de consumir bens, o que antigamente era impensável, visto que o homem era quem detinha a posse do dinheiro. Dentro disso, é interessante observar a circulação do dinheiro, que hoje passa também pelas mãos dessas mulheres, que agora também têm o direito de consumir bens que possam satisfazer suas vontades.

Ahhhh isso ajuda muito, acho antigamente não se tinha isso né, tinha que fazer bolacha no fogão à lenha que demorava um século, queimava, quando não queimava ficavam cru e com essa modernidade de hoje ajudou bastante, eu acho que os colono de hoje é pouco as famílias que não têm de tudo essas modernidades né, por mais fora que seja, todo mundo tem, eu, por exemplo, a minha família sempre tentemo ter de tudo um pouquinho, ter o rádio, a televisão, o toca fita quando era o tempo deles (Novo Treviso, 44 anos).

Conforme Santos e Zanini (2008), a comida pode ter várias dimensões, como a econômica, simbólica, organizacional, religiosa, identitária, ritual, dentre outras. Assim, pude perceber que o universo da cozinha e da alimentação é passada de geração para geração. Essas mulheres lembram que começaram a cozinhar muito novas, devido à necessidade de auxiliar em casa e também levadas pelo incentivo de suas mães e passaram esses mesmos hábitos para suas filhas. O “aprender a se virar” desde cedo é comum nas falas, pois a condição do trabalho dignifica os descendentes de imigrantes, e



com a incorporação das tecnologias os afazeres tendem a se tornar mais dinâmicos, o que auxilia na vida dessas pessoas.

O meu desejo é de que fique para tocar aqui né, é a vida inteira comprando maquinário a vida inteira trabalhando para isso né, agora que teria todo o maquinário precisa mais de nada, nós tem desde irrigação, dois trator novo, tudo que possa existir as máquina, grade, foi comprado tudo e agora que se vai fazer né, é até a guria se formar ele vai trabalhar e depois vamo ver né, aí nós fiquemo aqui também, mas depois não sei (Sítio Alto, 54 anos).

Não poderia deixar de citar essa colocação, pois mostra o outro lado da propriedade e o seu maquinário. Essas mulheres possuem consciência de que não apenas dentro da cozinha é importante e necessária a inclusão da tecnologia, mas na propriedade também, e o quanto é difícil para esses pequenos agricultores familiares a aquisição desses equipamentos. Graziano da Silva (1999) aponta que foi a partir da década de 70 do século passado que a agricultura familiar foi alavancada através do crédito rural. Esse sistema de crédito com juros subsidiado tornou-se o agente catalisador para a modernização da agricultura. O autor ainda salienta que no Brasil o camponês tem múltiplas facetas, ou seja, é um grupo de características diversas que dificulta no momento das formulações políticas (p.142, 143). Como se verifica na citação:

Na posição em que a pequena produção agrícola se insere hoje no modo capitalista de produção, a tecnificação (ou modernização) representou mais uma imposição do que uma oportunidade conquistada. E o seu sentido maior foi um só: uma maior subordinação do pequeno produtor ao “sistema” (...) (Graziano da Silva, 1999, p. 144).

As famílias percebem a necessidade da aquisição de maquinário nas propriedades, uma vez que o serviço fica mais eficiente. Em conversa com essas pessoas, houve recordações de que anos atrás o trabalho era todo manual, sem auxílio dessas novas tecnologias. Como é possível ver na citação a seguir: “Ah, hoje é bem melhor, antigamente era tudo na base da enxada e da mão ou à base da foicinha né, agora tá bem melhor, isso sim mudou totalmente né” (Sítio Alto, 54 anos). Como se vê, a camponesa admite que os modos de produção mudaram totalmente, mas o objetivo principal é sempre viabilizar o tempo para atender o mercado e conseguir saldar as

dívidas. Como já foi mostrado aqui, no trabalho em uma propriedade havia um silo para secagem e armazenamento de grãos. Na comunidade de Novo Treviso, em uma propriedade visitada, havia máquina para ordenhar as vacas. Isso se torna um dado interessante, já que, segundo dados da Secretaria de Agricultura de Faxinal do Soturno, a comunidade de Novo Treviso é maior produtora de leite do município. Esse leite normalmente é vendido para alguma cooperativa, se caracterizando como uma renda fixa às famílias. Nessa mesma localidade foi mostrado que as pipas de madeira para armazenamento de vinho foram substituídas por novas, feitas com outro material para a durabilidade e qualidade do produto ser maior e melhor.

Firth (1971) aborda as influências externas em sociedades, como os processos ocorrem e como o antropólogo discute o seu significado. Há uma análise de como o sistema industrial adentrou as comunidades camponesas e quais foram os seus reflexos. Isso também pode ser explicado, pois como o sistema capitalista precisa ampliar seu contingente de pessoas que irão consumir seus produtos.

Há a substituição, por exemplo, do trabalho manual por equipamentos, por máquinas, que exigem conserto, manutenção, abrindo um leque para outros gastos e compras. Dessa forma, os produtores rurais exportam seus serviços, produtos para poderem comprar outros bens. Tornam-se, de certa forma reféns do mercado mundial e também da demanda de preços que irão ofertar para seus produtos ou trabalho. Muitos desses camponeses analisados por Firth vão trabalhar fora de sua comunidade, assim despertam o desejo de adquirir roupas, móveis, bens domésticos, despertam a curiosidade de ver o mundo do “branco” – de aumentar o prestígio social, e assim as relações são profundamente afetadas – tanto sociais quanto econômicas. Ocorrem mudanças no seio da família com a saída do homem para trabalhar fora. As mulheres se tornam responsáveis por tarefas que antes não praticavam, como trabalhos que exigem mais força e também tarefas na lavoura. Com essa busca de melhores condições, por vezes, o camponês paga um preço alto, sofrendo perturbações nas instituições tradicionais, modificando padrões de sua relação social.

Dessa forma, Firth (1971) faz essa análise de que através das mudanças nas organizações sociais logo as estruturas sociais com suas instituições irão sofrer alguma forma de mutação. Instituições como a família, a religião são as que permeiam essas pessoas de forma mais aguda. Por vezes, é citado que, como o homem sai da propriedade para trabalhar fora, a família se vê obrigada a contratar uma pessoa para

auxiliar nas tarefas da propriedade. Como essa pessoa é paga, às vezes não compensa o homem ter saído de suas terras.

Hoje se percebe a união das pessoas através de associações e consórcios, tendo como objetivo preservar os bens imateriais, mas também os materiais. Os bens imateriais são as histórias, as lembranças passadas de geração para geração. Os materiais são casas, igrejas, enfim a arquitetura, pontos turísticos ecológicos que remetem à criação da colônia e a sua história até hoje.

Esse “resgate” da identidade étnica passa a ser vivenciado através da valorização do rural, que antes, para muitos, era motivo de desprezo. O colono, o agricultor, por muitos anos foi considerado um agente atrasado diante das inovações do campo. Essa marca foi mais ressaltada na Revolução verde. Os avanços tecnológicos ocorridos a partir do século XX, impulsionados efetivamente após 1970, contribuíram diretamente para a configuração de todas as sociedades modernas, especialmente nas relações sociais e produtivas que anteriormente eram desenvolvidas por pessoas e que agora são desenvolvidas por máquinas. Um dos exemplos mais claros nesse sentido ocorreu a partir da segunda metade do século XX, quando se imaginava que a inserção de tecnologias no setor produtivo agrícola seria uma alternativa para extinguir a fome no mundo. Após 1950, muitos países do mundo, incluindo o Brasil, introduziram a Revolução Verde. Medida essa que tinha como único objetivo intensificar a oferta de alimentos no mundo. Esse nome é derivado de grandes evoluções tecnológicas que favoreceram a mecanização e a modernização de todo o processo produtivo agrícola, além dos implementos, foi implantada no campo uma série de técnicas de cultivo, de utilização de insumos como defensivos, fertilizantes entre outros, sem contar o surgimento de plantas modificadas geneticamente imunes à pragas e adaptadas aos mais distintos climas do mundo.

Através desse sistema se verificou a destruição do meio ambiente em prol de um crescimento econômico. O pequeno agricultor ficou “massacrado” perante toda essa nova tecnologia. O que ocorre nos dias atuais é uma conscientização sustentável, ou seja, a tentativa de salvar o ecossistema mundial para as futuras gerações. Assim estão tentando ações para reequilibrar o meio ambiente.

Graziano da Silva (1999) aponta que, com a modernização da agricultura, que se intensificou após 1970, e com a consolidação dos complexos agroindustriais, a agricultura perdeu a auto-suficiência de que dispunha no complexo rural, o que permitia

produzir os próprios meios de produção de que necessitava e os bens de consumo final. Assim deixou de produzir valores de uso para se dedicar a uma atividade específica, produzindo mercadorias, ou seja, valores de troca. O processo produtivo perdeu aquelas características artesanais, próprias da atividade camponesa, e passou a exigir uma divisão do trabalho crescente, como se verifica na fase da manufatura e da grande indústria (p. 90). O sistema de crédito rural passou a ser operado em 1967 para custeio e investimento a juros subsidiados e se tornou o agente catalisador, a condição necessária da modernização da agricultura (p. 142).

Para Graziano da Silva (1999), a modernização das estruturas de pesquisa e assistência técnica promovida no país não se fez em função dos interesses dos setores da agricultura familiar. Pelo contrário, ela foi orientada para atender às novas demandas dos setores industriais, a montante e a jusante da produção agropecuária, e se destinou a fortalecer o domínio do capital no campo. O autor coloca a concentração fundiária e o êxodo rural, a partir de 1960, como principais impactos na ordem social, principalmente nas áreas em que a modernização atingiu maior nível, como a região sudeste do Brasil, provocando o aumento das periferias, do subemprego e da crise urbana do período recente. A modernização da base técnica da agricultura permitiu altos rendimentos para a produtividade agrícola.

Então, hoje o pequeno agricultor passa a ser valorizado, pois com suas técnicas de manejo não agride o meio ambiente, mas sim protege. Passa a ser exemplo, para todos, de manutenção do nosso ecossistema. Então, o colono que antes era menosprezado,

hoje tem um papel importante em nossa sociedade.

Como Tedesco afirma:

A agricultura e o camponês foram, até não muito tempo atrás, considerados e adjetivados como o “outro” na sociedade moderna, o espaço do atraso, do arcaico, do anti – urbano, irredutível, ao progresso em meio à sociedade industrial. Do ponto de vista cultural, o camponês, em sua especificidade, foi considerado, entre inúmeras abordagens, como selvagem, perigoso, exótico, isolado, um mundo à parte, “saco de batatas”, avesso às mudanças, respeitador da ordem social, moral e religiosa. (1995, p. 27 – 28)

Na Quarta Colônia criou-se, em 1996 o CONDESUS<sup>30</sup>, com isso, as comunidades locais da Região da Quarta Colônia e seus governos procuraram desenvolver diversos projetos e iniciativas que visavam além do resgate da própria identidade local, ações educacionais. O CONDESUS é uma organização intermunicipal que tem como objetivo principal representar e lutar pelos interesses desses municípios<sup>31</sup>.

A relação da sociedade com a natureza sempre resultou em transformações, frequentemente impactantes. Durante o processo de formação da Quarta Colônia, muitas vezes, não houve preocupação com a preservação de seus recursos naturais, históricos e arquitetônicos. Há potencialidades de desenvolvimento dos recursos naturais ali existentes. Já é realidade a reserva da Biosfera da Mata Atlântica, assim, como também se torna realidade a implantação dos Museus Paleontológicos.

Ainda na questão ambiental, outras necessidades de gestão regional estão cada vez mais presentes, entre estas, a preservação e correto manejo dos recursos hídricos e outros aspectos naturais. A região é rica em recursos hídricos, que são essenciais para a maior fonte de produção regional, que é sua agricultura. Estes são alguns exemplos que, aliados a ações de desenvolvimento do setor do turismo regional, podem contribuir para uma qualidade de vida sustentável.

Tedesco (1995) salienta que o conhecimento do camponês é por gerações repassados pela transmissão oral e da observação e é uma forma de legitimação frente às técnicas. O contato com a terra se torna muito mais que um mero meio de produção, é sua história, cultura. A diferença dessa concepção é diferente do agricultor urbanizado e tecnificado (p.35).

Froehlich e Monteiro (2004) mostram que a estagnação e a dispersão eram os adjetivos usados há décadas atrás para designar a zona rural, em contrapartida, a zona urbana era caracterizada pela concentração e acentuadas mudanças. No entanto, diante desse quadro, era esperado que os níveis de qualidade de vida da zona urbana aumentassem, mas foi justamente o contrário o que ocorreu.

---

<sup>30</sup> Em 1996, com a aprovação do Projeto de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia - PRODESUS/Quarta Colônia, no dia 05 de agosto, os prefeitos municipais de Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins, em cumprimento aos objetivos do projeto em questão, se reuniram em Assembléia Geral para a fundação, eleição e posse do primeiro Presidente do Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia – CONDESUS/Quarta Colônia, o Prefeito de Faxinal do Soturno, Célio Chelotti e como Vice-Presidente, o Prefeito Municipal de Ivorá, Onildo Sarzi Sartori – Fonte: [http://quartacolonia.prumosweb.com.br/quartacolonia\\_condesus.jsp](http://quartacolonia.prumosweb.com.br/quartacolonia_condesus.jsp) - Acessado em Janeiro/2011.

<sup>31</sup> [http://quartacolonia.prumosweb.com.br/quartacolonia\\_condesus.jsp](http://quartacolonia.prumosweb.com.br/quartacolonia_condesus.jsp), acesso: julho/2009.

Esse índice pode ser observado não apenas em trabalhos acadêmicos, mas também no cotidiano. Os telejornais e demais meios de comunicação não cessam de mostrar a corrida contra o tempo que as pessoas do meio urbano travam diariamente. Alguns exemplos possíveis de citar são: o trânsito, altos níveis de estresse, centenas de milhares de desempregados em busca de uma chance de emprego ou de sua sobrevivência.

Diante disso, o meio rural, com o passar das décadas, adquiriu um novo papel dentro da sociedade. Froehlich e Monteiro (2004) chamam de multifuncionalidade do espaço rural, que se propõe como lugar de consumo, residência, lazer, turismo e também das tradicionais funções da produção agropecuária e alimentar. Então o que era precário, arcaico torna-se não apenas o refúgio de pessoas residentes na cidade, mas também fonte de renda para as famílias da zona rural.

O que gostaria de chamar atenção diante dessa breve análise é a ressignificação do termo rural, ou seja, de atrasado, hoje passa a ser visto noutra perspectiva. Dessa maneira, as pessoas oriundas ou que habitam essa zona rural passam então a serem vistas com outros olhos e não apenas como colonos, “pé-rachados”.

Recordo que, em muitas de minhas idas à localidade do Sítio Alto, normalmente aos finais de semana, era comum ver muitos carros oriundos de outras cidades visitando familiares ou simplesmente a região. Esse fato se torna interessante, pois muitas dessas pessoas são oriundas das localidades do interior e levam seus filhos para conhecer como viviam, ou seja, fazer um resgate do passado. Conheço pessoas hoje bem sucedidas em cidade de porte maior como, por exemplo, Santa Maria, Santa Cruz do Sul, entre outras, e que têm orgulho de mostrar que suas vidas quando crianças e jovens foram marcadas pela dificuldade, mas, mesmo assim, conseguiram vencer na vida.

Itaqui (2010) entende que a colonização do futuro, no caso da Quarta Colônia, depende de uma recolonização do seu lugar, diferente do que ocorreu no século XIX. Para tanto, isso não é um processo individual ou familiar e sim coletivo e interétnico, mas isso exigiria reflexividade para transformar as bases do passado e construir um novo futuro.

Okamura (1981) se refere que para entender o situacional, em que a variabilidade seria a essência da etnicidade, pois não existe um padrão cultural. Nas identidades étnicas sociais, os elementos culturais são acionados para demarcar fronteiras. Lembro das mulheres colonas que, quando iam para a cidade, algumas

tentavam mudar a sua forma de falar, se vestir, por exemplo, colocavam a “melhor roupa”, que elas denominam como a “roupa de festa”. Mas alguns sinais sempre são externalizados e, dessa forma, identificamos tais mulheres como camponesas.

Em conversas informais e através das entrevistas, pude observar e notar que criança, meninos e meninas, são utilizados tanto na mão de obra doméstica quanto na lavoura. É comum ouvir que as meninas com seis, sete ou oito anos já começam a cozinhar e fazer as “lidas” da casa. Essas mesmas meninas, quando chegam à adolescência, tornam-se então responsáveis pelo almoço, pelo jantar, enquanto que os outros integrantes da casa podem trabalhar na lavoura, horta, etc.

Em suma, o que tentou ser abordado nesse capítulo foi o papel da mulher no interior da família camponesa, bem como as possíveis mudanças que ocorreram, detectadas nos relatos das informantes. A divisão das tarefas nas propriedades também foi um aspecto interessante abordado, pois cabe à mulher realizar as tarefas do lar e também “auxiliar” o marido na lavoura. O que se observou é que hoje já é visto com certa normalidade os homens fazerem alguns serviços domésticos. A influência das tecnologias também foi imprescindível ao analisar a vida dessas camponesas, pois elas vêm auxiliando a vida dessas mulheres, para todas as entrevistadas, essas tecnologias são vistas positivamente, pois ajudam na prática de suas atividades e fazem o “tempo render”. O que foi ressaltado pelas informantes, é que hoje elas têm condições financeiras para comprar esses bens, o que não era possível há anos atrás.

O assunto sexualidade surgiu espontaneamente nos diálogos e foram visíveis as restrições que as informantes afirmaram ter sofrido nos tempos antigos. Entrevistadas afirmaram não saber o que fazer quando se casaram, pois esse assunto era restrito. E quanto ao lazer, chama a atenção que a vida dessas mulheres é regada de muito trabalho, deixando sempre a incógnita “e o lazer”? Quando cogitava a palavra lazer, a maioria achava engraçada, dizendo que não tinham, mas depois afirmavam que seu lazer era visitar alguém, tomar chimarrão com a vizinha, assistir televisão, ir à alguma festa de comunidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Esse trabalho etnográfico entre mulheres camponesas abordou temas vividos cotidianamente. Teve como objetivo ressaltar as ressignificações do saber fazer cotidiano, as possíveis mudanças entre as gerações, a educação (escolarização), a família patriarcal, a importância das tecnologias em suas vidas. Dessa forma, foi feito o trabalho em duas comunidades: Sítio Alto e Novo Treviso.

Destaco que foram encontradas semelhanças e diferenças entre ambas as comunidades. Semelhanças no que diz respeito à devoção ao trabalho entre essas mulheres (e na família em geral). E uma das principais diferenças entre as comunidades é de que em Novo Treviso várias famílias se “aventuram” no arrendamento de terras em outros municípios, em busca de melhores condições.

Dentre os vários temas de análise, dei atenção especial ao casamento, ao papel de jovens e de crianças e à sucessão de terras, pois acredito que influenciam diretamente a reprodução social e moral do camponês. Em campo me deparei com algumas situações familiares delicadas, como por exemplo, a gravidez da namorada do filho de uma das camponesas. Essa mulher então relatou que não era isso que queria para o filho, mas sim que se casasse antes e estivesse estabilizado financeiramente. Desta forma, pude perceber que o casamento é visto como um evento importante por essas pessoas, tanto que, muitas vezes, denota prestígio social e financeiro. Com algumas das camponesas que conversei, que são mães de filhos homens, elas relataram que gostariam de ver seus filhos casados com meninas da zona rural, fato este que possibilitaria a permanência do futuro casal no campo auxiliando e dando continuidade à propriedade. No caso das mulheres, as mães as incentivam a estudar e a buscar emprego na cidade, pois acreditam que o trabalho no campo é bastante penoso, e com as intempéries do tempo fica cada vez mais difícil definir se a safra será ou não satisfatória.

Dessa forma, pode haver vários tipos de estratégias familiares e fatores que levam os jovens a ficar ou não no campo. Nas casas onde há um único filho homem pode se dizer que esse assumirá a propriedade na falta dos pais. Onde há mais filhos homens, os mesmos podem vir a dividir as terras escolhendo fracioná-las ou não. Já nas famílias onde há somente mulheres, e como dito anteriormente, as mesmas são incentivadas a buscar uma carreira além do campo, o que ocorre é os pais envelhecerem



e depois se transferirem para a cidade, facilitando o acesso a médicos, bancos e comércio. Tal fato não ocorre quando a filha casa com um agricultor, o que possibilita que toda a família permaneça na propriedade. As terras têm um grande valor simbólico dentro destas famílias, visto a dificuldade em adquiri-las e a transferência das mesmas de geração para geração. Diante disso, há dificuldade para que as mesmas sejam fracionadas ou desfeitas, fato esse que só ocorre em último caso. O “abandono” da propriedade geralmente é observado quando o casal procriador, já idoso, fica sozinho na propriedade, em virtude dos filhos estarem morando na cidade. Neste caso, a falta de segurança, em virtude da solidão e da idade, e o incentivo dos filhos faz com que se mudem também para a zona urbana. Há várias formas dessas propriedades virem a ser fracionadas ou não, como visto já no texto, mas o que percebi em campo é que as famílias sempre reorganizam estratégias para se desfazerem das terras em último caso, justamente pelo valor simbólico que elas possuem.

Nesta linha de raciocínio, é possível perceber que as crianças e os jovens passam a ter um papel muito importante, pois dependerá deles a continuidade do trabalho nas propriedades. Todas as mulheres relataram que ensinaram alguns trabalhos a seus filhos e filhas desde pequenos. No que diz respeito às meninas, os trabalhos mais citados foram os de casa. Com cinco, seis anos de idade começam a aprender a cozinhar e a fazer algum “servicinho”, como denominaram as entrevistas, dentro de casa. As próprias mulheres relataram que quando pequenas trabalharam em casa, além dos serviços da lavoura. Quando questionei o porquê de aprender e ensinar as filhas (os) desde tão novas(os) os trabalhos, ouvi alguns relatos: “porque é bom se virar desde cedo”, “porque tem que ajudar”, “porque tem que saber da onde sai o dinheiro”. Dessa forma, observo o *ethos* do trabalho impregnado na vida dessas pessoas e passado de geração a geração. Proferir palavras como “descanso”, “lazer”, por vezes, denota diferentes reações dessas mulheres. Indagadas sobre o assunto, algumas riam enquanto outras não sabiam o que responder. Para elas, é ofensa falar em descanso quando se tem várias atividades para realizar na propriedade ou uma roça de fumo para ser colhida ou quando se tem um galpão cheio para despencar<sup>32</sup>, como relatou uma entrevistada: “meu lazer seria poder ir na lavoura” (Sítio Alto, 70 anos). Antigamente a única vez que se saía de casa era para ir à missa, depois se voltava para o serviço. Hoje essas mulheres relatam que suas formas de lazer são tomar chimarrão com a vizinha, conversar, ir à

---

<sup>32</sup> É o processo de retirada da folha do fumo do seu caule, quando a mesma se encontra já seco.

missa, assistir algum programa na televisão. O que todas alegam é que se torna muito difícil se afastar de casa para uma viagem ou passeio maior, pois possuem vacas para tirar leite, então algumas falavam: “sou refém dos bichos”.

Outro tema abordado foi o acesso das mulheres ao dinheiro. Todas elas, com exceção das meninas de 14 e 16 anos, relataram que as mudanças nesse quesito são bastante sensíveis. O início dessa acentuada mudança ocorreu em 1988, quando foi aprovada a aposentadoria para as trabalhadoras rurais. “Virei gente depois que me aposentei” foi o relato de uma senhora que somente depois da aposentadoria conseguiu comprar coisas para si e para a casa. Algumas dessas mulheres viveram nos anos 1940, 1950, 1960 e disseram que a mulher não tinha acesso a dinheiro. Essa parte cabia ao homem, desde a venda da safra até as compras de mantimentos para a casa, a mulher era então a “escrava do lar”, segundo depoimentos colhidos. A sua única saída de casa era para ir à missa aos domingos ou em algum evento muito excepcional. Hoje muitas dessas mulheres fazem bolachas, queijos, cultivam verduras na horta para vender, tendo assim a sua renda mensal. Dessa forma, conseguem consumir e comprar bens antes inimagináveis, tais como produtos no mercado, roupas, produtos de beleza, eletrodomésticos, entre outros. Com certeza, todas acham essa mudança positiva, visto que assim podem se tornar independentes de seus maridos. Ressalto que essas mulheres além de produzirem e cultivarem esses produtos para venda, ajudam também nas tarefas da propriedade, principalmente nas que cultivam o fumo, pois essa cultura envolve o trabalho de toda a família. Já nas propriedades onde se cultivava arroz e soja, o trabalho pode ser feito quase todo com maquinário, então as mulheres ficam isentas desse serviço. Entrevistei uma mulher em Novo Treviso (que possui terra arrendada) e outra no Sítio Alto (que possui terra própria), onde os maridos cultivam arroz, neste caso, as mesmas ficavam cuidando dos afazeres da casa, não precisando ir até a lavoura. Muito embora, estes serviços também sejam extensos, pois é necessário tratar dos bichos, cuidar da horta, manter a casa limpa, tirar leite, dentre outros. No entanto, o que vale aqui ressaltar é que essas mulheres redefiniram o seu saber – fazer, produzindo produtos para que atraíssem consumidores na cidade e, com isso, vendem esses produtos para adquirir a sua autonomia com o ganho do seu próprio dinheiro.

Dessa forma, devo citar a importância da culinária e da cozinha para essas descendentes. É nesse espaço aconchegante da casa que as mulheres reinventam receitas de bolos, bolachas e diferentes comidas. Muitas dessas receitas hoje são compostas de

produtos industrializados, o que não ocorria há anos atrás. Assim, há uma maneira delas testarem novos sabores e ingredientes. Estes antigamente eram o açúcar, a banha, sal, ovos e farinha. E é por meio da criação dos produtos industrializados que essas mulheres conseguem o seu sustento. Para garantir a eficiência do serviço, suas cozinhas são equipadas com diversos eletrodomésticos e bens em geral. Por exemplo, o forno elétrico veio substituir o forno de pedra ou tijolo, assim as mulheres afirmam que o processo de assar bolos, bolachas e pães ganhou agilidade e “as bolachas não ficam mais torradas e pretas que nem ficavam no forno de pedra”. Outro exemplo é o microondas, que em apenas um minuto pode aquecer algo rapidamente. Um item que encontrei em todas as casas foi o fogão à lenha, sendo o símbolo acolhedor e que “sobreviveu”, uso esse termo porque a utilização desse objeto requer paciência, pois o cozimento dos alimentos, a fervura da água são bem mais lentos do que no fogão a gás.

Diante do exposto, acredito que esse trabalho demonstrou como é a vida dessas mulheres camponesas e descendentes de imigrantes italianos e como as mesmas vêm adquirindo novos espaços dentro da sociedade através dos anos. Esse é um processo lento, mas que aos poucos vem se consolidando. Tanto que isso pode ser percebido no ganho da autonomia de algumas dessas mulheres com a venda de seus produtos e o ganho de seu dinheiro, conseguindo por vezes auxiliar nas despesas da casa junto com seu marido. A conquista de uma voz ativa dentro da família é outro item que merece ser destacado, isso demonstra uma sensível mudança dentro da estrutura de família patriarcal oriunda da Europa. Há décadas atrás a mulher não poderia expressar a sua opinião, pois tudo era feito por ordem paterna. Ressalto, porém, que muitas das características e valores que remetem aos primeiros imigrantes aqui chegados, ainda permanecem, como: a devoção ao trabalho, a religiosidade católica, a busca por uma família unida e até mesmo a alimentação típica que permanece presente tanto nas casas, como nas festas da comunidade. É preciso conceber essas mulheres como envoltas nestas características, mas que, ao mesmo tempo, têm buscado cada vez mais sua autonomia, sem abrir mão de seus valores.

Como observado na comunidade de Novo Treviso, algumas mulheres ficam por determinado tempo sozinhas, pois seus maridos possuem lavouras em outras localidades ou municípios. A respeito desse impacto em suas vidas observei que as mesmas ficam com total responsabilidade na educação dos filhos. Ficam também responsáveis pela

casa e pela propriedade, quando ocorre algo no qual deve ser resolvido geralmente ligam ao marido pedindo instruções.

Portanto, ao estudar esse universo feminino, muito mais que a compreensão de sua maneira de ver o mundo, pude vivenciar o desejo e a sensibilidade destas camponesas que lutam não só pela manutenção da família e valorização do trabalho, como também pelo ser e de se fazer mulher.

## Referências bibliográficas:

ABEL Machado, Maria. **Construindo uma cidade História de Caxias do Sul – 1875/1950**. Caxias do Sul: Editora Maneco, 2001.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo. Editora: HUCITEC/ANPOCS/UNICAMP, 1999.

ALENCASTRO, Luis Felipe; RENAUX, Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: Alencastro, Luis Felipe (Org.). **A história da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 2 v.

ANCARANI, Umberto. [s.d.]. "Monographia sobre a origem da ex-colônia italiana de Silveira Martins 1877-1914". **Revista Comemorativa do Centenário da Fundação da Cidade de Santa Maria-RS 1814-1914**. [s.l.].

AZEVEDO, Célia Maria Marinho. **Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BARTH, Frederik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, Tomke. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BERGAMASCHI, Heloísa D. Eberle. Propriedade: identidade e cultura regional. In: GIRON, Slomp Loraine; RADUNZ, Roberto (orgs.). **Imigração e cultura**. Caxias do Sul: Ed. da Universidade de Caxias do Sul, 2007.

BELLINASSO, Severino T. **Os heróis de Val de Buia**. Ivorá (RS): Editora Diác. S. Bellinasso, 2000.

BONFADA, Genésio. **Os palotinos no Rio Grande do Sul – 1886 a 1919: fim da província americana**. Porto Alegre: Editora Pallotti, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. **Profissão de sociólogo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

BRUMER, Anita. Mulher e desenvolvimento rural. In: PRESVELOU, Clio; ALMEIDA, Francesca Rodrigues; ALMEIDA, Joaquim Anécio (org.). **Mulher, família e desenvolvimento rural**. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 1996.

\_\_\_\_\_. **Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul**. Artigo do XXII Congresso internacional da Latin American Studies Association (LASA). Miami, março de 2000.

\_\_\_\_\_. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(1): 205-227, janeiro-abril/2004 2004.

\_\_\_\_\_. **Gênero e previdência social rural no sul do Brasil**. (s/d).Disponível em: < <http://www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/429.pdf>>. Acesso em: 15 nov 2010.

BRUMER, Anita. **Previdência social rural e gênero**. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº 7, jan/jun 2002.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: IPEA 1999.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. A inscrição dos imigrantes italianos na historiografia do Rio Grande do Sul. In: ZANINI, Maria Catarina C.; TEDESCO, João Carlos (Orgs.). **Migrantes ao sul do Brasil**. Santa Maria: Editora UFSM, 2010.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Escravo ou Camponês? O Protocampesinato Nero nas Américas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. Camponês, campesinato: questões acadêmicas, questões políticas. In: CHEVITARESE, André Leonardo (org.). **O campesinato na história**. Rio Janeiro: Ed. FAPERJ – Relume Dumara. 2002.

CARNEIRO, Maria José. **De “produtor” a “consumidor”**: mudanças sociais e hábitos alimentares. Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil, Vol. II. Delma Pessanha Neves (Org.). São Paulo: Editora UNESP, 2008.

\_\_\_\_\_. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 9(1), 2001.

\_\_\_\_\_. Acesso à terra e condições sociais de gênero: reflexões a partir da realidade brasileira. **VII Congresso Latino Americano de Sociologia Rural** Quito, 2006.

\_\_\_\_\_. O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In DA SILVA Francisco C.T. et al. **Mundo Rural e Política**: Ensaio Interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

\_\_\_\_\_. **Camponeses, agricultores e pluriatividade**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**, São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CESCA, Olívio. **Faxinal do Soturno sua história e sua gente. Homenagem ao imigrante italiano no seu centenário**. Santa Maria: Editora Rainha, 1977.

CHEVITARESE, André Leonardo (org.). **O campesinato na História**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

CHIARELLO, Natal. **Breve história da minha terra**. Caxias do Sul: pró – reitoria de pós -graduação e pesquisa da Universidade de Caxias do Sul, 1995.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CORREA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. In: ARANTES, Antônio Augusto. **Colcha de retalhos**. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p. 15 – 42.

CORTEZE, Dilse Piccin. **Ulisses va in America** – História, historiografia e mitos da imigração no Rio Grande do Sul (1875 -1914). Passo Fundo: Editora UPF, 2002.

CORADINI, Odaci Luiz. Ambivalências na representação de classe e a noção de “trabalhador rural”. In: Zander Navarro (org.), **Política, protesto e cidadania no campo: as lutas sociais dos colonos e trabalhadores rurais no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996, p.171-88.

COSTA, Rovílio. A igreja no início das colônias italianas. In: **A presença Italiana no Brasil**. Volume III. EST/FONDAZIONE GIOVANNI AGNELI. Porto Alegre, 1996.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução a antropologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1987

DE BONI, Luiz Alberto. **O catolicismo da imigração: do triunfo à crise**. In: RS: Imigração e Colonização. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

DEERE, Carmen Diana. Direitos da mulher à terra e os movimento sociais rurais na reforma agrária brasileira”. . **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(1), 2004.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FIRTH, Raymond. **Elementos de Organização social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

FEDERIZZI, Roberta Bassani. **Memória étnica, cultura, costumes, dialeto e canções da Imigração Italiana no RS**. Disponível em: < <http://www.upf.br/ppgh/download/Roberta%20Bassani%20Federizzi.prn.pdf>>. Acesso em 09 jun. 2009.

FRANZINA, Emilio. A imigração italiana no Rio Grande do Sul nas memórias de Júlio Lorenzoni ( 1877 – 1928). In: TEDESCO, João Carlos, ZANINI, Maria Catarina C. (Org.). **Migrantes ao sul do Brasil**. Santa Maria : Editora UFSM, 2010.

\_\_\_\_\_. **A grande emigração – o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas : Editora UNICAMP, 2006 .

FROEHLICH, José Marcos; VENDRUSCULO, Rafaela. Artigo: **Identidade territorial e multiplicidade étnica – a construção do território da Quarta Colônia/RS**, 2008.

FROEHLICH, José Marcos; ALVES, Heberton F. Inocência. Novas identidades, novos territórios mobilizando os recursos culturais para o desenvolvimento territorial. In: **Revista Extensão Rural**. DEAER/CPGExR – CCR, UFSM. Ano XIV, 2007.

FROEHLICH, José Marcos; MONTEIRO, Rosa Cristina. Transformações semânticas recentes do termo 'rural': uma leitura a partir da perspectiva urbana. **Raízes**. Campina Grande, 21v. n° 2, p.304-312, jul/dez 2002.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma teoria Interpretativa da Cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. 1978.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa D. Erbele. A mulher imigrante e o trabalho. **Revista da Universidade de Caxias do Sul (UCS)**. V.29. n°1. P. 7 – 18. Janeiro/Junho, 1996.

GOLDENBERG, Mirian. **Toda mulher é meio Leila Diniz**. São Paulo: Edições Bestbolso, 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Artigo: Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio. **Horizontes Antropológicos**. v.11 n°.23 Porto Alegre Jan./Jun 2005.

GRAZIANO DA SILVA, José. **Tecnologia e agricultura família**. Porto Alegre : Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1ª edição, 1999.

GROSSELLI, Renzo Maria. **Vencer ou morrer : camponeses trentinos (Vênetos e Lombardos) nas florestas brasileiras**. Florianópolis : Editora UFSC, 1987.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

HERNÁNDEZ, Carmem Osorio. Reconhecimento e autonomia: o impacto do Pronaf – Mulher para as mulheres agrícolas. In: ITAQUI, José. Geração e gênero em contextos rurais. Recolonização da Quarta Colônia. Caderno Quarta Colônia. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 25 jun. 2010.

ITAQUI, José. Recolonização do futuro II. Caderno Quarta Colônia. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 02 jul. 2010.

LORENZONI, Julio. **Memórias de um imigrante italiano**. Porto Alegre: Sulina, 1975.

MAESTRI, Mário. A região colonial italiana do Rio Grande do Sul: a construção da memória. In: TEDESCO, João Carlos; ZANINI, Maria Catarina C. **Migrantes ao sul do Brasil**. Santa Maria: Editora UFSM, 2010.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **A política de colonização do império**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.



MALINOWSKI, B. Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação. In: **Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARIN, Elizara Carolina. Descendentes italianos: oração, festa e trabalho. In: Marin, Jéri Roberto. **Quarta Colônia Novos Olhares**. Porto Alegre: EST, 1999. P. 25-55.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. **Trabalho infantil: necessidade, valor e exclusão social**. Brasília. Editora UFG, 2006.

MARQUES, Juracy Cunegatto, Relações interpessoais na família: o legado da colonização italiana. In : SULIANI, Antônio (org.) **Etnias e carisma**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

MOURA, Margarida Maria. **Camponeses**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1988.

NEVES, Delma Pessanha (org.). Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil – formas dirigidas de constituição do campesinato. Vol. II. Editora UNESP. 2008.

OKAMURA, Jonathan. **Situational ethnicity. Ethnic and racial studies**. Vol. 4, p. 452 – 465, 1981.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Revista de Antropologia. São Paulo: USP, 1996, v.39, n 1.

\_\_\_\_\_. de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

\_\_\_\_\_. O mal estar da ética na antropologia prática. In: VICTORA, Ceres. OLIVEN, Ruben George. ORO, Ari Pedro (Orgs.) **Antropologia e ética: o debate atual no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004.

ORTNER, Sherry B., **Subjetividade e crítica cultural**. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n.28, p. 375-405, jul./dez. 2007.

PAULILO, Maria Iñez Silveira. **Produtor e agroindústria: consensos e dissenso – o caso de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora UFSC, 1990.

\_\_\_\_\_. Artigo: **Movimento de mulheres agricultoras: terra e matrimônio**. PPGSP/UFSC, Cadernos de Pesquisa, nº. 21, Junho 2000.

PICKLER, Deolinda Cecília. Sexualidade, saúde e trabalho. IN: PRESVELOU, Clio, ALMEIDA, Francesca Rodrigues, ALMEIDA, Joaquim Anécio (org.). **Mulher, família e desenvolvimento rural**. Santa Maria: Editora UFSM, 1996.

POZZEBON, Flávia. **Um estudo antropológico sobre a presença da religiosidade dentre os imigrantes italianos e seus descendentes em Vale Vêneto**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

POZZOBON, Andréa. "**Uma odisséia na América**". In: Z. F. Pozzobon, Uma odisséia na América. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

RAMOS: Jair de Souza. Dos males que vêm pelo sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20. IN: SANTOS, Ricardo Ventura (org.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998, p. 76-77

RENK, Arlene. **Sociodicéia às avessas**. São Bento do Sul (SC):Editora Grifos. 2000.

RIGH, José Vicente. BISOGNIN, Edir Lucia. TORRI, Valmor. **Povoadores da Quarta Colônia**. Porto Alegre: EST, 2001.

RONSINI, Veneza Veloso Mayora. **Mulheres e melodrama: sonhos vicários e vida rural**. 1.ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2001.

ROSALDO, Michelle Zimbalist, LAMPHERE Louise. Introdução. In: **Mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.

RUBIN, Dorvalino. **Faxinal do Soturno e os 50 anos de sua Igreja – edição comemorativa dos cinquenta anos da Igreja Matriz de Faxinal do Soturno**.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTIN, Silvino. **A imigração esquecida**. Porto Alegre: EST, 1986.

SANTIN, Silvino e ISAIA, Antônio. **Silveira Martins Patrimônio Histórico – Cultural**. Porto Alegre: EST, 1990.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Colonos do vinho; estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital**. São Paulo: Hucitec, 1981.

SANTOS, Miriam Oliveira e ZANINI, Maria Catarina C. **Comida e simbolismo entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul**. Caderno Espaço Feminino, v.19, n.01, Jan./Jul, 2008.

SANTOS, Miriam de Oliveira. A colonização italiana para o Rio Grande do Sul. IN: **Migrantes ao sul do Brasil**. Maria Catarina C. Zanini e João Carlos Tedesco (Orgs.). Editora UFSM, 2010.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora UNB, 1990.

\_\_\_\_\_. Identidade Camponesa e Identidade Étnica (Um estudo de caso). **Anuário Antropológico** 91, 1993.

\_\_\_\_\_. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo Teuto – Brasileiro. **Mana** vol.5 n.2. Rio de Janeiro: outubro 1999.

\_\_\_\_\_. **Memória Coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no sul do Brasil**. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro: UFRJ. 2009.

SEYFERTH, Giralda; PÓVOA, Helion; ZANINI, Maria Catarina Chitolina; SANTOS, Miriam (orgs.). **Mundo em movimento – Ensaio sobre migrações**. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.

SCAPIN, Marilene. **Mulheres descendentes de imigrantes italianos na Quarta Colônia: mitos estereótipo**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2002.

SCHAAF, Alie Van Der. **Jeito de mulher rural – a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99. Jul./dez., 1996.

SCOTT, Parry. Gênero e gerações em contextos rurais: algumas considerações. In: **Geração e gênero em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010.

SILVA, Marcelo Saturnino da. MENEZES, Marilda Aparecida de. Homens que migram, mulheres que ficam: o cotidiano das Esposas, Mães e Namoradas dos migrantes sazonais do município de Tavares, PB. IN: **Gênero e geração em contextos rurais**. Editora Mulheres, 2010.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. DE MELO, Beatriz Medeiros. APPOLINÁRIO, Andréia Perez. Vida em transito. Mulheres dos cocais maranhenses nas periferias das cidades canavieiras paulistas. IN: **Gênero e geração em contextos rurais**. Editora Mulheres, 2010.

SIMONETTI, Fernanda. **Um estudo antropológico entre mulheres descendentes de imigrantes italianos no município de Faxinal do Soturno**. Trabalho final de graduação (Curso de Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, 2004.

\_\_\_\_\_. **Imigração russo-alemã em Silveira Martins/RS, século XIX**. Monografia (Especialização em História do Brasil) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

SPONCHIADO, Luiz. **A anágrafe de Nova Palma e os núcleos da ex – colônia Silveira Martins**. In: **A presença italiana no Brasil**. Org. DE BONI, Luis A. Volume III. EST/FONDAZIONE GIOVANNI AGNELI .Porto Alegre, 1996.

SPONCHIADO, Breno Antônio. **Imigração & 4º Colônia: Nova Palma e Pe. Luizinho**. Santa Maria: UFSM, 1996.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O valor (do) casamento na agricultura familiar**. Estudos feministas, Florianópolis, 12(1): 360. Janeiro – abril/2004.

TEDESCO, João Carlos. A família e a carreta, In : SULIANI, Antônio (org.) **Etnias e carisma**. Porto Alegre : Edipucrs, 2001. p. 582-592.

\_\_\_\_\_. **Terra, trabalho e família – racionalidade produtiva e ethos camponês**. Passo Fundo : Editora UPF. 1999.

\_\_\_\_\_. **A lógica produtivista e o camponês : ambiguidades e ambivalências no espaço agrário atual.** Teoria e evidência econômica. Ano 3. Número 6, novembro de 1995 – p. 27 – 42.

THIESSE, Anne – Marie. **A Europa nas Nações**, 2000. Não tem mais dados aqui???

TONDOLO, Rosane Bovolini. **A colonização de Silveira Martins.** Monografia (Especialização em História do Brasil) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1990.

VANNINI, Ismael. **O sexo, o vinho e diabo:** sexualidade e demografia na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: EDIUPF, 2004.

VENDRAME, Maíra Inês. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”**, A organização dos imigrantes italianos na ex-colônia de Silveira Martins (1877-1914). Santa Maria: Editora UFSM, 2007.

VENDRUSCOLO, Rafaela. **“Somos da Quarta Colônia”: os sentidos de uma identidade territorial em construção.** Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil Meridional**, A construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.

\_\_\_\_\_. **Assistir, ouvir, ler e narrar:** o papel da mídia nas construções identitárias étnicas. Revista de antropologia, São Paulo: USP, 2005.

ZANETTI, Cândida. **Sabores e Saberes:** hábitos e práticas alimentares entre famílias rurais descendentes de imigrantes italianos. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ZELIZER, Viviana A. The Social Meaning of Money: "Special Monies". **The American Journal of Sociology**, The University of Chicago, setembro 1989. n° 2, v.95. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/2780903>>. Acesso em: 01 nov. 2010.

ZORZI, Analisa. **Uma análise crítica da noção de empoderamento com base no acesso das agricultoras ao Pronaf - Mulher em Ijuí – RS.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes históricas do campesinato brasileiro.** XX encontro anual da ANPOCS. Caxambu, MG. Outubro. 1996.

WEBER, Max. **Economia e sociedade.** Brasília: UNB, 1991. v1.

WEDIG, Josiane Carine. **Agricultoras e agricultores à mesa:** um estudo sobre campesinato e gênero a partir da antropologia da alimentação. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

WEDIG, Josiane; MARTINS, Viviane; MENASCHE, Renata. **Plantar, criar, comer:**

classificação da comida e das pessoas no interior das famílias rurais, 2008. Disponível em: [www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST6/Wedig-Martins-Menasche\\_06.pdf](http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST6/Wedig-Martins-Menasche_06.pdf). Acesso em: 15 nov. 2010.

WOORTMANN, Ellen. **Herdeiros, parente e compadres**: colonos do sul e sitiantes do nordeste. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora Universidade de Brasília e HUCITEC, 1995.

WOORTMANN, Ellen F. WOORTMANN, Klass. **O trabalho da terras a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

WOORTMANN, Klaas. “Migração, família e campesinato”. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Jan/ jun 1990:35:53.

\_\_\_\_\_. “COM PARENTE NÃO SE NEGUCEIA: O Campesinato como Ordem Moral. **Série Antropologia**. Brasília: UNB, 1988.